FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 105 ★ Nº 35.032 DOMINGO, 2 DE MARÇO DE 2025 R$ 9,90



Os foliões Rodrigo e Clairy celebram seu casamento, ocorrido antes do início do Bloco da Terreirada, no Rio, que festeja seus 460 anos em meio à folia Eduardo Anizelli/Folhapress

alalaô

FOLIA PASSA POR TESTE DO CALOR EM BLOCOS DE SP

Temperatura alta desafiou os foliões também no Rio, que celebrou 460 anos em meio à festa A32

Festa no RJ muda com herdeiro de contraventor A29

Cantar ainda ferve meu sangue, diz Elba aos 73 A33



Elba Ramalho é homenageada no Recife Diego Nigro/Folhapress

ilustrada ilustríssima

Marcelo Rubens Paiva

Eunice Paiva ainda está aqui

Registrei tudo, de como fui educado, atravessei o isolamento, num livro, "O Novo Agora". Não consigo evitar. Explorar a dor e a saudade escrevendo é compulsivo. B3

Streaming, TNT e Globo transmitem a premiação B2

política

Ditadura seguia passos da viúva de Rubens Paiva A10



Eunice é citada em documentos militares Jorge Araújo/Folhapress



Sem Bolsonaro, direita e centrão querem unidade

Com Jair Bolsonaro (PL) inelegível no ano que vem, líderes da direita e do centrão acham que é necessário buscar um nome de consenso para ser consolidado entre esses grupos já agora, visando enfrentar Lula (PT), que deverá concorrer à reeleição. Política A6

Servidor compra ventilador em unidades de saúde de SP

Pacientes e funcionários sofrem com o calor em hospitais, UPAs e postos de saúde municipais de São Paulo sem ar-condicionado. Gestão Nunes (MDB) diz fazer melhorias. A37

Túnel entre Santos e Guarujá será o 1º imerso no país A16

Lula diz que Trump humilhou Zelenski em cena grotesca A26

EDITORIAIS A2

Sociedade banca ações pouco transparentes de Itaipu Sobre convênios da estatal binacional pagos com recursos da conta de luz e tocados por pessoas relacionadas ao PT.

Brasil só perde para El Salvador em despesas com tribunais de Justiça

País tem gasto quatro vezes acima da média entre 50 nações, incluindo salários, segundo relatório do Tesouro Nacional

O Brasil só perde para El Salvador como país que mais tem despesas com tribunais de Justiça, incluindo a remuneração dos magistrados e dos servidores, segundo ranking elaborado com 50 nações pelo Tesouro.

Considerando dados de 2022 e 2023, o órgão mostra que o Brasil gastou 1,33% do PIB com a rubrica, ante uma média internacional quatro vezes menor —0,33%. Já os salvadorenhos ponteiam a lista, com 1,59% de seu PIB aplicado nas cortes.

"Esse resultado evidencia o peso substancial do sistema judicial no orçamento", diz o texto.

Em valores nominais, a conta em dezembro de 2023 chegou a R$ 156,6 bilhões. Desses, 80,2% foram direcionados ao pagamento de salários e outras gratificações dos juízes e funcionários do tribunal. O valor total é 11,6% maior do que em 2022, já corrigida a inflação, a elevação mais expressiva da série histórica iniciada em 2010.

O governo tentou trazer o Judiciário para seu corte de gastos, mas a pressão no Congresso acabou por travar reformas. O Conselho Nacional de Justiça, procurado, não comentou o relatório. Mercado A13

Washington Post erra ao promover mudança editorial que limitará diversidade de ideias

Já se disse que um bom jornal é onde a nação conversa consigo mesma. Expulsar parte relevante da opinião pública da conversa a pretexto de exercer o nacionalismo fará do Post pior.

Eufrázio

opinião

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Sociedade banca ações pouco transparentes de Itaipu

Estatal binacional empregou cerca de R$ 2 bilhões em convênios opacos e geridos por pessoas ligadas ao Partido dos Trabalhadores; programas são pagos por moradores das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste

A conta de luz tem sido um dos principais fatores de pressão sobre a inflação neste início de ano. Segundo a prévia de fevereiro medida pelo IPCA-15, a alta do item alcançou impressionantes 16,3% —elevando o índice geral a 1,23%, o maior para o mês desde 2016.

O preço da energia sofre as mesmas consequências da alta carga tributária, como ocorre com combustíveis e alimentos. Mais de 40% do valor da conta são impostos indiretos e encargos. O restante corresponde a despesas com a geração e distribuição. Há, porém, custos nada transparentes, mas que acabam bancados por toda a sociedade em benefício de poucos.

Com desembolso de quase R$ 2 bilhões, a usina de Itaipu, por exemplo, firmou até julho passado mais de 120 convênios socioambientais desde a posse, há dois anos, do atual diretor-geral no Brasil da binacional, Enio Verri.

A expansão de gastos (paga pela conta de luz dos moradores das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste) é considerada exagerada e sem critérios por críticos da atual gestão, que veem a possibilidade de valores estarem sendo desviados para a prática de política partidária —o que a empresa nega, defendendo os convênios.

Assim como o diretor-geral de Itaipu, um ex-deputado petista indicado ao cargo pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, alguns dos coordenadores dos programas são ligados ao Partido dos Trabalhadores e recebem R$ 20 mil por mês pela função.

Em um dos convênios, voltado ao esporte em favelas, reportagem da Folha constatou que foram adquiridas muitas vezes mais bolas do que o número total de crianças atendidas. A prestação de contas para a aquisição do material esportivo também é opaca, o que levanta dúvidas de especialistas da área sobre a lisura do processo de compra.

Outro convênio que chama a atenção é o Programa de Capacitação AMP 4.0, firmado com a Associação de Municípios do Paraná. Com orçamento de R$ 48 milhões até dezembro de 2025, tem como objetivo capacitar gestores em políticas públicas. O escopo é diverso: treinamento para atuar com autismo, alfabetização, lazer e esportes e licitações.

A AMP, porém, não tem estrutura para oferecer o foco do programa, a capacitação, e terceiriza o trabalho para uma entidade de ensino. O Tribunal de Contas da União (TCU), por exemplo, entende que transferir integralmente o objeto de um convênio é um procedimento irregular.

O caso de Itaipu é só mais um exemplo de como o comando de empresas pelo Estado pode gerar suspeitas de beneficiamento a partidários dos governos de turno

No entanto, por ser estatal binacional entre Brasil e Paraguai, Itaipu não está sob a alçada do TCU ou de nenhum órgão de controle externo. O único ente que pode pedir explicações é o Congresso —de cada lado da fronteira, pelo país que lhe cabe.

O caso de Itaipu é apenas mais um exemplo de como o comando de empresas pelo Estado pode gerar suspeitas de beneficiamento a partidários dos governos de turno, enquanto os contribuintes pagam a conta.

O erro do Washington Post

O empresário Jeff Bezos, dono do jornal nos EUA, decidiu publicar só uma visão de mundo nas páginas de articulistas convidados, privando os leitores da exposição ao entrechoque de ideias, alicerce da democracia

Durante a primeira administração de Donald Trump, o jornal Washington Post adotou uma célebre campanha publicitária centrada no slogan "A democracia morre no escuro". A ideia era acentuar o papel da imprensa profissional como instituição vocacionada para fiscalizar os poderosos e assim dificultar os desvios autoritários.

Quatro anos se passaram, o republicano voltou à Casa Branca, e alguns princípios editoriais agora adotados pela publicação fundada em 1877 levariam um desavisado a se perguntar se se trata do mesmo jornal e do mesmo proprietário. A resposta é afirmativa.

Jeff Bezos, o fundador da Amazon que comprou o Post em 2013, divulgou sua decisão de doravante publicar nas páginas de opinião do jornal apenas artigos de convidados que defendam as liberdades individuais e econômicas. Ele julga que a internet e as redes sociais cumprem o papel de oferecer visões variadas, e seu veículo pode se desincumbir disso.

Indagado por Bezos sobre se abraçaria a nova orientação com convicção, o jornalista responsável pela curadoria dos artigos preferiu deixar o Washington Post.

Bezos, que neste mandato de Trump se aproximou do presidente republicano, entende que cumpre uma missão patriótica ao determinar a reserva de mercado de opiniões em seu jornal. Se a sociedade norte-americana atingiu graus de desenvolvimento excepcionais, foi por abraçar essas ideias, argumenta o empresário.

Ora, mas o regime das liberdades individuais pressupõe a livre circulação de ideias e a máxima tolerância a opiniões contrárias. Os veículos que, como esta Folha, encampam o ideário liberal nos costumes e na economia adotam, como decorrência lógica disso, a promoção do pluralismo em suas páginas de opinião.

Nada mais estranho à tradição que inspirou as publicações de maior prestígio no mundo do que transformar uma praça pública de debates abertos num condomínio fechado em que apenas se reafirmam as mesmas ideias.

São os jornais de inclinação liberal que favorecem o debate entre opiniões divergentes; a internet e as redes sociais apenas reforçam convicções de bolhas de usuários

Ao contrário do que diz Bezos, a internet e as redes sociais são os locais em que as bolhas de opinião se reforçam, em que o ódio ao diferente se cultiva. Jornais de inclinação liberal deveriam operar na lógica contrária, da abertura. Deveriam expor seus leitores a perspectivas diferentes das com que estão habituados.

Já se disse com propriedade que um bom jornal é onde a nação conversa consigo mesma. Expulsar uma parte relevante da opinião pública dessa conversa, e ainda fazê-lo a pretexto de exercer o nacionalismo, fará do Washington Post um jornal pior.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*), João Cestari (*tecnologia*) e Marcelo Benez (*comercial*)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
860.629 - Fechamento 1º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

SÃO PAULO

Todo mundo deveria ser religioso?

Hélio Schwartsman

Há poucos livros de que eu discorde mais do que de "Believe" (creia), de Ross Douthat, o colunista religioso e conservador do The New York Times. Ao contrário do autor, eu não acho que Deus exista. Tampouco penso que todos deveriam ser religiosos, como reza o subtítulo da obra.

Ainda assim, foi instrutivo e prazeroso ler "Believe". Quem deseja crescer intelectualmente deve expor-se às ideias que rejeita, não fugir delas.

Em dois quesitos eu e o autor estamos de acordo. 1) É impossível provar para além de qualquer dúvida tanto que Deus existe como que inexiste. 2) Crer ou não é uma escolha binária. Até podemos nos furtar a ela no plano intelectual, proclamando-nos agnósticos, mas não no comportamental. Ou agimos como se existisse um Criador de cujas boas graças precisamos para obter a vida eterna, ou como se não existisse.

E o ponto de Douthat, que tem algo de pascaliano, é que é melhor agir como se essa entidade existisse. Eu até fecharia com o autor, se ele limitasse suas conclusões ao reino do instrumental. Pesquisas mostram que quem segue uma religião e mantém vínculos sociais fortes é mais feliz e saudável do que quem não faz isso.

Douthat, porém, é mais ambicioso. Ele quer que as pessoas acreditem porque considera ser mais provável existir do que não existir um Deus que intervém miraculosamente no mundo. E aí eu penso que seus argumentos se tornam epistemologicamente simplórios. Por que Deus só operaria milagres médicos (que ele diz serem abundantes) em patologias como câncer, em que remissões espontâneas são relativamente comuns? Por que Ele não executa milagres indiscutíveis, como fazer brotar novos membros em amputados?

O paradigma materialista no qual se ampara a ciência moderna já fez o pequeno milagre de fornecer explicações racionais para muito do que até alguns séculos atrás era inexplicável sem invocar o sobrenatural. Não vejo motivos para abandonar esse paradigma tão exitoso só porque há coisas que ainda não entendemos e talvez nunca entenderemos.

helio@uol.com.br

BRASÍLIA

Opção preferencial pelo embate

Dora Kramer

A escolha de Gleisi Hoffmann (PT) para comandar a articulação política mostra que o presidente Luiz Inácio da Silva (PT) não usou de força de expressão quando disse que precisava de "mais agressividade" no governo.

A menos que a nova ministra tenha uma identidade secreta a ser revelada na função, Lula parece ter desistido de aplacar ânimos e fez opção preferencial pelo enfrentamento.

À primeira vista não dá para entender, como, de resto no mundo político, ninguém entendeu qual é o plano do presidente para atender às seguintes urgências: desanuviar o ambiente no Congresso, garantir alianças para 2026, fortalecer o ministro Fernando Haddad (PT) e ampliar o governo ao centro.

A indicação de Gleisi sinaliza o oposto. Por óbvio, a repercussão no Parlamento foi negativa. Uma decisão surpreendente para o desenho de uma equipe palaciana onde Rui Costa (PT) já é objeto de desagrado explícito por parte do Legislativo e de outros ministros.

Ao ministro da Casa Civil junta-se uma deputada que tampouco é vista com grande simpatia. O bom relacionamento na cena não é o forte de Gleisi Hoffmann, escolhida justamente para manejar relações.

As avaliações iniciais são as de que há crise contratada à frente. Se a intenção do presidente é a de investir na combatividade da nova articuladora, talvez tenha errado no cálculo do equilíbrio de forças.

Os adversários —os assumidos, os enrustidos e os aliados descontentes com a escolha— também são bons de combate. Num primeiro momento, a insatisfação tende a se disfarçar para, em seguida, manifestar-se no aumento do preço do apoio.

Se lá na frente a aprovação de Lula continuar ruim, pulam do barco depois de sugar o que puderem. Caso ele consiga recuperar a popularidade e os planos eleitorais da oposição fizerem água, aí há chance de o universo conspirar a favor do presidente.

Pode ser que o jogo de Lula se baseie na certeza de que a sorte lhe garantirá vitória por gravidade, mas é aposta de alto risco e baixa taxa de sucesso.

RIO DE JANEIRO

De repente, na noite do Oscar

Ruy Castro

Se Fernanda Torres perder o Oscar de melhor atriz para as lambisgoias que concorrem com ela, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood estará apenas confirmando sua tradição de bolas fora. Afinal, 2025 não é 1950, quando o Oscar de melhor atriz foi disputado por nada menos que Gloria Swanson em "Crepúsculo dos Deuses", Bette Davis e Anne Baxter em "A Malvada", Eleanor Parker em "À Margem da Vida" e Judy Holiday em "Nascida Ontem". Gloria e Bette eram as favoritas, mas qualquer uma poderia ter levado. Judy levou e ninguém se queixou.

Em 1959, a sublime Simone Signoret foi premiada por "Almas em Leilão", mas a vitoriosa deveria ter sido Marilyn Monroe por "Quanto Mais Quente Melhor" —e olhe que Marilyn não foi nem indicada. Em 1960, os jurados deram a Elizabeth Taylor, pelo opaco "Disque Butterfield 8", o Oscar que poderiam ter-lhe dado no ano anterior por seu arrasador trabalho em "De Repente, no Último Verão". E, com isso, deixaram de premiar Shirley MacLaine por "Se Meu Apartamento Falasse".

Em 1965, os jurados se confundiram e premiaram a insípida Julie Christie por "Darling" quando, nitidamente, queriam dar o Oscar a Julie Andrews por "A Noviça Rebelde". A culpa foi da cédula eleitoral, impressa num corpo minúsculo, difícil de ler pelos velhinhos eleitores.

Mas nada supera a tragédia de 1954. Judy Garland, favorita disparado por "Nasce uma Estrela", ia ter neném na noite da cerimônia. Fotógrafos e cinegrafistas tomaram o hospital com câmeras e luzes para registrar sua emoção ao ver, pela televisão, seu nome ser anunciado. Mas a vitoriosa foi Grace Kelly, por sua apagada atuação em "Amar é Sofrer". Em dois minutos, todas as câmeras e luzes foram desmontadas e os rapazes deram o fora sem ver a expressão de profunda decepção de Judy.

Por que ela não ganhou? Porque "Nasce uma Estrela" teve uma produção caótica, a Warner o odiava e o distribuiu pessimamente. Nem todos os jurados o viram. Às vezes, vence a atriz do filme mais assistido.

Hipermalvadeza acima da razão social

A personalização do poder é própria a sistemas em que a autoridade é alguém carismático que simboliza o Estado

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Talvez sem relevância sociológica, é de interesse analítico uma curta frase em entrevista recente do ator Robert De Niro: Donald Trump não é um homem mau, e sim um malvado. A distinção fica mais clara em inglês, onde "bad character", mau, tem conotação diversa de "perverse person", "mean", "wicked", malvado, cruel. Faz sentido prático estabelecer diferenças dessa ordem, como quando se diz que a droga mata, mas o narcotráfico assassina. Por igual que seja o efeito danoso, na avaliação dos riscos sociais muda a estratégia preventiva.

De Niro já interpretou vários homens maus no cinema e bem sabe que a morfologia desse personagem comporta alguma coragem, capaz de ser aferida como virtude. Para enfrentar adversários, o mau precisa de um caráter, que pode oscilar entre o negativo e o positivo na percepção do público. Já o malvado está mergulhado em si mesmo, sem alteridade possível, como o Drácula lendário desprovido de reflexo no espelho, atuando como máquina humana tipo "idiot savant", o autista que incorpora um mecanismo computacional. Mas diferente deste, o malvado, agente ativo do caos, apenas destrói.

Essa não é perspectiva comum ao campo habituado a pautar análises por disciplinas sociais que sobrepõem o coletivo ao individual, centradas em condições concretas como classes, produção e Estado. No entanto, a personalização do poder é tendência própria a sistemas em que o titular da autoridade é alguém carismático que simboliza o Estado e assume responsabilidade pelas ações. A performance individual é então maior do que a impessoalidade burocrática da coerção.

É que o malvado infecta. Diferente do homem mau, não vê na vítima um oponente direto, como o inimigo na guerra, mas um alvo de aniquilação programada

A essa linha crítica se adequa a tese da maior responsabilidade de Hitler com seu círculo imediato na biopolítica de extermínio do Terceiro Reich. Embora o antissemitismo deite raízes seculares no cristianismo europeu, a obsessão pessoal de Hitler foi decisiva para a implantação dos campos de concentração e para a extensão do ódio a ciganos e outras minorias. Himmler, o organizador dos campos, seguia o impulso, mas como derivação da potência infecciosa do Führer.

É que o malvado infecta. Diferente do homem mau, não vê na vítima um oponente direto, como o inimigo na guerra, mas um alvo de aniquilação programada, contagiosa ao ponto que crie um consenso. Isso fez o hitlerismo por meio do rádio e das marchas triunfais. É também o que as redes sociais fazem pelo trumpismo. Entre nós, calcula-se que deepweb e fundamentalismo religioso sejam correias de ativação infecciosa do vírus extremista.

Razão não falta aos observadores que descartam a "teoria do louco" aplicada ao comportamento caótico de lideranças ultradireitistas. Hitler não era louco, mas um incubador de novos paradigmas pelo caos. Musk exibe uma motoserra após demitir funcionários públicos e, segundo a CNN, os alvos não são de iniciantes, e sim dos mais competentes. Pelo caos, ele e Trump perseguem a ruptura entre Estado e povo para consolidar o modelo de superprodução das elites e empobrecimento das massas. Um percurso lógico e perverso. Para bem figurá-lo, impõe-se esquecer categorias como bem e mal, palhaço e estadista. O estupor puro e simples inaugura a era da hipermalvadeza no poder.

Eufrázio

opinião

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O Oscar da democracia

Minha avó Eunice nos ensinou a jamais nos vitimizarmos, mas a transformar nossa história em luta coletiva para que tal barbárie nunca mais ocorresse

Chico Rubens Paiva
Neto de Eunice e Rubens Paiva, é diretor de Descarbonização e Finanças Verdes do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços

Neste domingo (2), o Brasil pausará os trabalhos carnavalescos para acompanhar a premiação do Oscar. "Ainda Estou Aqui", dirigido por Walter Salles, fez história como a primeira produção nacional a ser indicada a melhor filme. Com atuação impecável de Fernanda Torres —que concorre na categoria de melhor atriz, 26 anos após o feito de sua mãe, Fernanda Montenegro—, a produção já soma 40 prêmios ao redor do mundo.

Mas o verdadeiro prêmio, a maior conquista do filme, ocorreu longe dos holofotes. Em salas lotadas pelo país inteiro, mais de 5 milhões de brasileiros assistiram à história de Eunice, Rubens e sua família —a minha família. Esse é o maior público de um filme nacional após a pandemia, e a expectativa é de que continue alcançando ainda mais gente.

O pano de fundo da narrativa, por mais anacrônico que possa parecer, se tornou "polêmico" nos últimos anos com a ascensão do bolsonarismo: a ditadura militar que se instalou por 21 anos em nosso país, fechou o Congresso Nacional, censurou a imprensa e perseguiu, prendeu, torturou e assassinou milhares de brasileiros. Mas o filme, na verdade, é sobre uma família. Uma família como milhões de outras famílias brasileiras —cada uma no seu contexto, com suas condições mais ou menos confortáveis, é inegável— que se juntam com amigos, se divertem, cantam, dançam, choram. Famílias e amigos que se cuidam, se protegem, se amam. Seja na zona sul do Rio ou na periferia, todos os brasileiros conseguem se conectar com esse sentimento.

A partir desse núcleo vital da sociedade, o filme mostra o que acontece com os valores familiares quando se vive uma ditadura, com a possibilidade de o Estado invadir uma casa, sequestrar um indivíduo, um pai de família, sem nenhuma explicação —apenas por ele defender, pacífica e democraticamente, valores diferentes daqueles que tomaram o poder—, e levá-lo a um centro do regime, torturá-lo e matá-lo. Diante desse cenário atroz, não há como qualquer pessoa que defenda os valores familiares deixar de entender o que é certo e o que é errado.

Minha avó Eunice nos ensinou que jamais poderíamos nos vitimizar, individualizar o que aconteceu em busca de vingança, mas sim transformar a nossa história em uma luta coletiva pela construção de um país onde esse tipo de barbárie nunca mais fosse possível. Ela dizia que o verdadeiro crime havia sido cometido contra o Brasil, não contra nós. E que assim como existe o caso de Rubens Paiva, que ganhou atenção da mídia, existem milhares de outros desconhecidos, silenciados, outras milhares de famílias dilaceradas pelos horrores da ditadura, e cuja dor é igualmente importante.

Ainda hoje, em tempos democráticos, o ensinamento de Eunice segue ressoando e nos toca profundamente. Amarildo foi assassinado pela polícia do Rio. Marielle foi executada por sua atuação política —e a investigação mostrou envolvimentos de um conselheiro do Tribunal de Contas, de um deputado federal e do chefe da Polícia Civil. A violência de Estado segue sendo perpetuada pelos saudosistas dos anos de chumbo, afetando principalmente os pretos e pobres.

Poder traduzir esse anseio por justiça, através do talento de artistas brasileiros, a milhões de pessoas que em muitos casos não viveram os tempos da ditadura, é um prêmio maior do que qualquer estatueta

Poder traduzir esse anseio por justiça, através do talento de artistas brasileiros, a milhões de pessoas que em muitos casos não viveram os tempos da ditadura, é um prêmio maior do que qualquer estatueta.

A democracia é um valor que deveria ser universal, independentemente de ideologia —está acima de esquerda e direita. E o filme acerta em transmitir isso: é um manifesto pela união. Une os espectadores em torno da democracia, da família, da luta por um Brasil melhor. E nos lembra do nosso compromisso com o futuro do país, o que é sempre fundamental, mas ainda mais importante quando um ex-presidente foi eleito dizendo que torturadores eram heróis nacionais, e que, depois de derrotado no voto, tramou com os chefes das Forças Armadas uma ação para impedir a transição de poder.

Meus avós dedicaram sua vida à luta pelos valores democráticos, e ver que esta história está sendo contada e servindo ao propósito que eles acreditavam é motivo de enorme honra e orgulho para nós. Que a vida deles possa servir para dar visibilidade a outras lutas e a infundir nas novas gerações o respeito incondicional pela democracia. E que o sucesso do filme possa servir de veículo para essa mensagem —independentemente do que aconteça neste domingo, o Oscar da democracia ele já levou.

Agora resta vestir a camisa do nosso país e torcer para que, na segunda-feira (3), o Brasil possa acordar sendo conhecido como o país do futebol, do Carnaval, da democracia e do cinema.

Coronelismo, enxada e Facebook

Como um coronel dos novos tempos, Mark Zuckerberg expos sua fraqueza e evidenciou que é a política que pode impor limites e oferecer contrapesos

Ricardo Fabrino Mendonça
Cientista político, é professor de ciência política e presidente da Comissão de Inteligência Artificial da UFMG; um dos autores de "Algorithmic Institutionalism" (Oxford University Press, 2023)

A aproximação de Mark Zuckerberg com Donald Trump causou frisson no início de janeiro. Um grande número de analistas veio a público chamar a atenção para os perigos dessa "guinada".

Ao enfraquecer mecanismos de moderação de conteúdo que combatiam discursos de ódio e ao desmantelar as políticas de diversidade e equidade da Meta, Zuckerberg teria mostrado suas efetivas inclinações políticas, entrando de cabeça na empreitada autoritária de Donald Trump. Mais que isso, Zuckerberg afirma que trabalhará junto ao governo Trump para combater quaisquer tentativas de regulação do seu negócio, em suposta defesa da "liberdade de expressão".

Com razão, a maior parte das pessoas que buscaram analisar o caso ressaltou o perigo da associação explícita do poderio econômico e da capacidade de influência comportamental da Meta com o poder político, bélico, econômico e ideológico do governo mais poderoso do mundo, sobretudo em um contexto em que não parece haver freios institucionais ao presidente dos EUA. Estaríamos vendo, com clareza e eloquência, um superpoder, que seguimos testemunhando neste início de governo Trump.

Quero argumentar, contudo, que existe outra face a ser observada neste caso todo. Zuckerberg explicita não apenas seu superpoder, mas também sua fraqueza neste movimento. Fica fácil entender isso se lembrarmos de Victor Nunes Leal na clássica obra "Coronelismo, Enxada e Voto", publicada no final dos anos 1940. No livro, Leal se opõe às interpretações que explicam o coronelismo pela força dos coronéis no Brasil. Ele mostra a fraqueza dos coronéis, que precisavam se associar aos governadores para trocar o recurso sobre o qual tinham controle (i.e. o voto) para acessar os recursos de que necessitavam (o erário público para suas obras e favores). Ao expor a fraqueza dos coronéis, Victor Nunes Leal evidencia a rede de reciprocidades que permitiam a sobrevivência do coronelismo, ressaltando a impossibilidade de os coronéis confrontarem os governadores, de que dependiam.

É de regulação democrática que Zuckerberg têm medo. É ela que pode interromper o mandonismo desenfreado que afeta a soberania de nações e as ameaças cuspidas aos quatro ventos, tal como no mandonismo coronelista

Como um coronel da atualidade, Zuckerberg é didático e explícito: "Vamos trabalhar com o presidente Trump para reagir contra governos ao redor do mundo [...] A única maneira de reagirmos contra essa tendência global é com o apoio do governo dos EUA".

Sua fala mostra sua fragilidade. Ela evidencia a dependência e a impossibilidade de a Meta, com todo seu poder, perseguir seus objetivos sem o apoio da Presidência dos EUA. Ao fazê-lo, Zuckerberg mostra que é a política que pode impor limites e oferecer contrapesos a um superpoder, que muitos consideram inabalável. Zuckerberg tem medo de regulação das plataformas. Querendo mostrar força, o bilionário telegrafou aquilo que pode enfraquecê-lo. É de regulação democrática que ele, e as plataformas em geral, têm medo. É ela que pode interromper o mandonismo desenfreado que afeta a soberania de outras nações e as ameaças cuspidas aos quatro ventos, tal como no mandonismo coronelista. E é por isso que, mais do que nunca, precisamos discutir politicamente a regulação de plataformas no Brasil.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Cinema e história

"'Se vier, veio', afirma Walter Salles a respeito de Oscar para 'Ainda Estou Aqui'" (Ilustrada, 1º/3). A única tristeza é que o Oscar encerra essa maravilhosa temporada de seis meses, que começa com a ovação em Veneza, a confirmação nos festivais seguintes, as maravilhosas entrevistas de Fernanda, Walter e Selton, o Globo de Ouro para Fernanda Torres e tudo o que veio depois, culminando com as indicações ao Oscar. À toda produção do filme, Marcelo e família Paiva: muito obrigado por engrandecer a cultura nacional.
Luiz Amorim (São Paulo, SP)

*

"Eunice apelou a Médici sobre desaparecimento do marido Rubens Paiva" (Política, 1º/3). Como lutou essa mulher, tentando ter pelo menos informação sobre o marido, junto a essa muralha de criminosos que comandava o país.
Eliete Della Santina (Vinhedo, SP)



A atriz Fernanda Torres participa de evento pré-Oscar no Academy Museum, em Los Angeles Robyn Beck - 28.fev.2025/AFP

Trump e Zelenski

"Trump e Zelenski batem boca, cancelam entrevista, e ucraniano deixa a Casa Branca" (Mundo, 28/2). Covardia e falta de educação. Dois contra um para humilhar o ucraniano, logicamente de olho no minério do país europeu.
João Pastina neto (Pereiras, SP)

"Zelenski vai a Londres em busca de apoio europeu após racha com EUA de Trump" (Mundo, 1º/3). Tenho dúvidas se o povo norte-americano concordou com a forma grotesca e prepotente do agir de Trump e de seu vice-presidente com Zelenski. Agiram como títeres da Rússia. Com essa atitude, Putin tornou-se o manda-chuva do mundo. Lamentável sr. Trump. Lamentável EUA.
Ângela Luiza S. Bonacci (São José dos Campos, SP)

Clima hostil

"7 quilos, com medo de nadar: Nur, a filhote brasileira de urso-polar, encontra o público" (Ambiente, 27/2). Sempre fui contra Zoológicos (prefiro os santuários), mas do jeito que as coisas andam com a destruição ambiental e climática em nosso pobre planeta, vai chegar o dia em que um zoológico será um lugar mais saudável e seguro para os animais do que seu habitat. Infelizmente.
Shieko Sakuma (São Paulo, SP)

Assunto Qual o seu filme favorito deste Oscar?

"Anora". Simplesmente porque nunca vi um uso tão adequado de cenas de sexo como nesse filme. Também adorei as cenas cômicas do filme. É um filme que você ri, se revolta e fica triste. É impressionante!
Igor Leonardo de Lima Santos (João Pessoa, PB)

*

"Ainda Estou Aqui". Por ser cinema brasileiro, por ser um tema muito importante e não ser um blockbuster norte-americano.
Bruna Milla (São Paulo, SP)

*

"A Substância". Eu achei interessante o terror sendo usado como crítica à ditadura da magreza.
Joel Gomes (São Lourenço da Mata, PE)

*

"Ainda Estou Aqui". É um grande trabalho artístico e histórico nacional.
Francisco André Oliveira Cruz (Vitória da Conquista, BA)

"Ainda Estou Aqui". O desconhecimento sobre a realidade dos fatos vivido por Eunice, em conjunto com a atuação de Fernanda Torres, deu ao filme a sensação de realidade palpável, daquelas que você sofre junto com os personagens. Eu não tive isso com outro filme desta leva do Oscar.
Ana Bella Zenha Larrubia (Vinhedo, SP)

*

"A Substância" é o que tem a abordagem mais disruptiva, além de apresentar um exercício de cinema maior. Encanta-me a utilização do grotesco num cinema tão bem fundamentado.
Leonardo Trindade (São Paulo, SP)

*

"Emilia Pérez". Temática atual, global, aliada com atuações marcantes. Trata-se de um filme que poderia pertencer a qualquer país do mundo, pois a temática é universal.
Antonio Juliani (Brasília, DF)

"Conclave". O filme retrata fielmente a política na Igreja Católica. E o final é surpreendente!
Marcio Elizio de Miranda Maia (Belo Horizonte, MG)

*

"Flow". Ar fresco que vem de uma intenção genuína de se fazer algo bonito, simples e intenso ao mesmo tenso, sem apelos narrativos nem lugares-comuns para agradar o público.
José Ricardo Alexandre Mendes (Crato, CE)

*

"Robô Selvagem". Filme com cores que transbordam na tela e que fala sobre amor, amizade e maternidade. Além do visual deslumbrante e da história emocionante, tem uma trilha sonora maravilhosa.
Daniela Franco (São Paulo, SP)

*

"Ainda Estou Aqui". Porque fala de uma das partes mais cruéis da história do Brasil.
Keila Cristina da Silva (Matão, SP)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA R$ 29,90 (plano mensal)
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM R$ 49,90 (plano mensal)

EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA seg. a sáb.	dom.	ASSINATURA MENSAL* Todos os dias
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 204,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 209,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 361,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

ATMOSFERA



Fonte: www.climatempo.com.br

TRANSPORTE PÚBLICO

Mudanças na operação da CPTM devido a obras neste feriado prolongado de Carnaval

SERVIÇO 710 (LINHAS 7-RUBI E 10-TURQUESA) O serviço não percorrerá a estação da Luz até as 8h deste domingo (2). Nesse período, trens sentido Jundiaí usarão apenas a plataforma 1, e aqueles em direção a Rio Grande da Serra, apenas a plataforma 2. Em Palmeiras-Barra Funda, utilize a plataforma 7, e em Água Branca, a plataforma 2.

LINHA 11-CORAL Neste domingo (2), entre 10h e 15h, ocorre a operação assistida para viagens dos trens entre Estudantes e Palmeiras-Barra Funda.

Ainda no domingo, mas depois das 22h, as paradas nas estações Calmon Viana, Suzano e Jundiapeba acontecerão somente nas plataformas 2.

Além disso, das 22h de segunda-feira (3) às 8h de terça-feira (4), as composições utilizarão somente a plataforma 1 em Ferraz de Vasconcelos.

LINHA 12-SAFIRA Até as 8h deste domingo (2), os trens utilizarão apenas a plataforma 2 na estação Aracaré.

Já na terça-feira (4), após as 22h, as plataformas 2 serão os pontos para o embarque e o desembarque nas estações Jardim Helena-Vila Mara, Itaim Paulista e Jardim Romano.

CIRCULAÇÃO Neste domingo (2) e na terça-feira (4), os intervalos entre os trens serão maiores, conforme a atuação da CPTM aos domingos.

Na segunda-feira (3), a operação realizada seguirá o padrão adotado pela companhia aos sábados.

Já na quarta-feira (5), a circulação acontecerá normalmente (operação empregada em dias úteis).

BUSCA BLOCOS

Ferramenta da Folha informa data, horário e local dos blocos do Carnaval de São Paulo e do Rio. Acesse folha.com/buscabloco ou aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado.



ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 2.MAR.1925


Folha da Noite

PELA POLITICA

Treinos de remadores agitam as águas plácidas do rio Tietê

Em preparação para a abertura da temporada oficial de regatas deste ano, os remadores paulistanos treinam com afinco e com bastante animação. Notam-se nas plácidas águas do rio Tietê, às primeiras horas das manhãs, os fortes conjuntos coloridos de remadores se esforçando para, com garbo e inteligência, tentarem alcançar os louros da vitória.

Eufrázio

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Bingo

Após o fiasco do 1º de Maio de 2024, criticado por Lula, as centrais sindicais vão repensar o formato e o local do ato neste ano. A ideia mais provável é voltar à praça Campo de Bagatelle, palco das comemorações antes da pandemia. Um pedido de autorização já foi enviado à Prefeitura de SP. Para evitar novo esvaziamento, centrais como Força Sindical e UGT defendem sorteio de brindes, além de shows. "É importante resgatarmos a grandiosidade do evento", diz João Carlos Gonçalves, da Força.

CARTELA A maior dificuldade é vencer a resistência da CUT aos sorteios. Lula, como acontece sempre, será convidado para o ato, que deve ter na pauta redução da jornada de trabalho, fim da escala 6 x 1, igualdade salarial entre homens e mulheres e apoio à isenção do IR até R$ 5.000. Uma novidade é a promoção de atos anteriores, com debates em capitais e uma manifestação em Brasília no final de abril.

BOM RECADINHO Uma postagem do deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) na quinta (27) escancarou o incômodo da família Bolsonaro com lideranças da direita que estariam se desgarrando da defesa do ex-presidente. Segundo aliados, o principal alvo é o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG). Eduardo compartilhou vídeo do influenciador Allan dos Santos, que criticou Nikolas por não estar defendendo suficientemente Jair Bolsonaro.

FRASE DO DIA
AÉCIO NEVES

As pessoas que decretaram a morte do PSDB vão ter de devolver suas coroas de flores quando virem o partido renascendo
Do deputado federal, sobre as conversas do partido para se unir a outras legendas sem perder sua identidade

DNA O vereador de SP Kenji Palumbo (Podemos) nomeou como assessora a esposa do deputado federal Delegado Palumbo (MDB), seu padrinho político. Sabrina Palumbo será chefe de gabinete dele, que não é parente do deputado e usou seu sobrenome na campanha para marcar a ligação entre ambos. Kenji diz que a nomeação ocorreu pela confiança que ele tem no deputado. "Ele é mais que um padrinho político para mim", diz.

FREE A gestão Ricardo Nunes (MDB) diz que a mudança no nome da GCM para Polícia Municipal não terá custo para a cidade. Segundo a prefeitura, as viaturas operam em contrato de locação, e a mudança na identificação não acarretará despesas. Já as novas fardas serão compradas com a designação de Polícia Municipal, enquanto as atuais continuarão em uso.

FIEL O presidente do Republicanos em MG, Euclydes Pettersen, diz que o senador Cleitinho Azevedo é pré-candidato ao governo estadual em 2026. Antes especulado no Novo e no PL, o senador diz que vai definir sua candidatura no ano que vem, mas que, caso seja realmente postulante, será pelo Republicanos.

TRÊS PODERES

VENCEDOR DA SEMANA
O deputado federal **Eduardo Bolsonaro** (PL-SP), cujo périplo aos EUA foi decisivo para a ofensiva trumpista contra o ministro Alexandre de Moraes (STF).

PERDEDORA DA SEMANA
A ex-ministra da Saúde **Nísia Trindade**, fritada em público durante vários dias até ter a demissão finalmente anunciada por Lula.

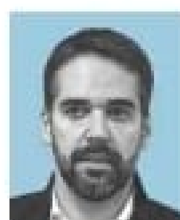
FIQUE DE OLHO
Semana parada por causa do Carnaval, deve ser dominada por novos lances da **reforma ministerial**; governo promete enviar PEC da Segurança ao Congresso.

Com Danielle Brant, Carlos Petrocilo, Victoria Azevedo e Artur Búrigo



As alternativas da direita para as eleições de 2026, com Bolsonaro fora do páreo


E. Bolsonaro
Tem ganhado projeção, mas é visto como inexperiente


Eduardo Leite
É nome da '3ª via', mas em sigla enfraquecida (PSDB)


F. Bolsonaro
Tem traquejo político, mas esteve ligado a escândalos


Gusttavo Lima
Muito conhecido, mas não tem experiência política


M. Bolsonaro
Vai bem nas pesquisas, mas Bolsonaro é resistente


Pablo Marçal
Tem ampla presença digital, mas está inelegível


Ratinho Jr.
É bem avaliado, mas partido (PSD) compõe governo Lula


Romeu Zema
Bem avaliado, mas desconhecido nacionalmente


Caiado
Tem experiência política, mas está inelegível


Tarcísio
Bem avaliado, mas abriria mão de reeleição fácil em SP

Sem Bolsonaro, desafio para a direita nas eleições de 2026 é obter unidade, dizem líderes

Representantes de partidos avaliam que profusão de nomes ameaça retomada do poder; insistência de ex-presidente alimenta indefinição

Ana Luiza Albuquerque e Fábio Zanini

SÃO PAULO Com a quase certa ausência de Jair Bolsonaro (PL) da eleição presidencial, evitar a fragmentação da direita em várias candidaturas é o maior desafio para 2026, avaliam representantes desse campo ideológico.

O caminho que partidos do grupo devem tomar segue indefinido com a insistência do ex-presidente na candidatura. Aliados dizem que ele está determinado a defender o próprio nome até o momento do registro da chapa eleitoral, poucos meses antes do pleito, apostando na pressão de movimentos de rua e de aliados internacionais, como o presidente dos EUA, Donald Trump.

Dirigentes e parlamentares da direita e do centrão, porém, temem que a demora em admitir outra candidatura custe a eleição.

Para essas lideranças, o ideal seria aglutinar a direita em torno de um único nome até o fim deste ano, a tempo de construir uma candidatura nacional.

O preferido é o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Um dos argumentos para convencer Bolsonaro a apoiá-lo é que, caso eleito, Tarcísio poderia lhe dar o perdão presidencial, livrando-o de uma prisão hoje tida como provável.

Em 2026, o governador poderia ter votos dos bolsonaristas e de setores de centro, que o enxergam como representante de uma direita moderada, apesar da linha dura adotada na segurança e de falas por vezes alinhadas à radicalidade do bolsonarismo.

Por outro lado, se concorrer à Presidência, Tarcísio abriria mão de uma reeleição praticamente certa. Correria o risco de perder e acabar sem cargo. Além disso, pela lei eleitoral, para disputar o Planalto, ele teria que se afastar do governo em abril de 2026.

"Sem Bolsonaro, Tarcísio tenderia a unificar todo mundo do nosso campo. Mas, se ele não quiser, aí [Ronaldo] Caiado, Ratinho Jr., [Romeu] Zema e outros têm de sentar para decidir quem será. A única coisa que eu sei é que a direita não deveria lançar mais de um nome", diz o deputado Pedro Lupion (PP-PR), presidente da bancada ruralista no Congresso.

Como revelou a **Folha**, Tarcísio admitiu a aliados que concorre à Presidência se Bolsonaro pedir, ainda que prefira disputar a reeleição. Oficialmente, porém, o governador nega a possibilidade.

Enquanto isso, outras opções se apresentam. O governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), anunciou que lançará sua pré-candidatura em abril.

Políticos da direita dizem que, aos 75 anos e na segunda gestão no estado, está determinado a seguir na disputa. Para isso, porém, precisará recorrer à Justiça Eleitoral, já que está inelegível por condenação de abuso de poder político nas eleições de 2024.

Sua relação com Bolsonaro também pode ser um impedimento. O ex-presidente considera que Caiado o traiu na pandemia da Covid, quando criticou a gestão federal, e no pleito de 2024, quando ficaram em lados opostos na capital goiana.

Além disso, não é certo que o União Brasil levará até o fim a candidatura de Caiado. O partido tem três pastas no governo Lula.

Também devem se filiar em breve à legenda o influenciador Pablo Marçal (PRTB) e o cantor Gusttavo Lima, que já anunciaram aspirações presidenciais.

Outros dois governadores frequentemente citados como opções para a direita são Ratinho Jr. (PSD), do Paraná, e Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais. O gaúcho Eduardo Leite (PSDB) teria perfil mais de centro-direita.

Ratinho poderia acenar a setores mais moderados, ao mesmo tempo que já foi elogiado por Bolsonaro. Porém, seu partido compõe o governo Lula e ainda não tem decisão sobre 2026.

Zema, por sua vez, tem gestão bem avaliada, mas é desconhecido nacionalmente e integra um partido pequeno.

"A direita tem vários bons nomes, posso citar uns dez. Bem diferente da esquerda", diz a senadora Damares Alves (Republicanos-DF). Segundo ela, a direita precisa primeiro se unificar e depois juntar setores ao centro.

Há também a chance de que um membro da família Bolsonaro, provavelmente Eduardo, que tem ganhado projeção com suas ligações com o trumpismo, possa capitanear uma candidatura, mantendo a liderança no clã.

Para isso, entretanto, ele precisaria abrir mão de uma eleição bem encaminhada para o Senado em São Paulo. Além disso, é visto como inexperiente e desperta a mesma rejeição do pai.

Correndo por fora, há ainda a possibilidade de que o Missão, partido que o MBL tenta criar, também tenha um candidato em 2026. O nome do apresentador Danilo Gentili já foi ventilado, mas há dúvidas sobre como seria seu engajamento com a legenda.

PULE, BRINQUE E CUIDE

Todo mundo é responsável pela infância e adolescência.

Se presenciar ameaça ou violação de direitos da criança e do adolescentes, DENUNCIE! **Procure o Conselho Tutelar, Delegacias ou Disque 100.**

LIBERTA

ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES



Lula em entrevista coletiva no Planalto; mudança na comunicação é tentativa de reverter crise de popularidade Gabriela Biló · 30.jan.25/Folhapress

Lula faz 6ª reforma de seus 3 governos, a primeira sob manto da impopularidade

Outras cinco ocorreram por eleições, entrada de partidos na gestão e mensalão; ministros de outras siglas são mais da metade dos do PT

Ministérios com troca de comando sob Lula 3

- GSI
- Turismo
- Esporte
- Portos e Aeroportos
- Justiça e Segurança Pública
- Direitos Humanos
- Secretaria de Comunicação Social
- Saúde
- Relações Institucionais

NOVO MINISTÉRIO

Ministério da Micro e Pequena Empresa

Ranier Bragon

BRASÍLIA A atual reforma ministerial de Lula (PT) é a sexta de seus três governos, a primeira sob o manto da impopularidade, como mostram pesquisas de opinião. Nas outras ocasiões em que mexeu em bloco algumas peças de sua equipe, Lula sempre esteve com a avaliação positiva acima da negativa, mesmo no auge do escândalo do mensalão, em meados de 2005.

Agora, de acordo com a mais recente pesquisa do Datafolha, a aprovação ao governo é de 24%, o menor índice de todos os seus governos, contra 41% de rejeição, também um recorde.

Lula chegou ao poder em 2003, derrotando o candidato de situação, o tucano José Serra.

Na transição, seu futuro ministro da Casa Civil, José Dirceu (PT), costurou um acordo para a entrada no governo do PMDB (hoje MDB), que na época tinha eleito a terceira maior bancada da Câmara dos Deputados, com 75 das 513 cadeiras.

A ideia era dar aos peemedebistas duas pastas, Minas e Energia e Integração Nacional. A negociação, porém, naufragou às vésperas da posse.

Como resultado, o primeiro ministério de Lula ficou recheado de petistas e com apenas algumas pastas distribuídas a outros partidos de esquerda. Apenas duas siglas de direita figuravam na composição, o PL (Transportes) e o PTB (Turismo).

Ao final do primeiro ano de gestão, Lula acabou sendo obrigado a fazer a sua primeira reforma com o objetivo de, enfim, levar parte do PMDB para o governo.

A sigla de Michel Temer ficou com duas pastas, o senador Amir Lando na Previdência e o deputado federal Eunício Oliveira nas Comunicações.

Lula aproveitaria a ocasião também para trocar peças que avaliava não estarem rendendo o suficiente, em especial na Educação, em que trocou o ex-governador do Distrito Federal Cristovam Buarque (PT) por Tarso Genro (PT).

A segunda reforma ministerial de Lula ocorreu um ano e meio depois, já em meio ao impacto do escândalo do mensalão, esquema de compra de apoio político no Congresso Nacional.

Nesse período, meados de 2005, o Datafolha mostrava uma erosão na popularidade do petista, mas não como a detectada agora —eram 35% de aprovação e 23% de rejeição.



Posse de Dilma Rousseff na Casa Civil no lugar de José Dirceu em 2005 Alan Marques · 21.jun.2005/Folhapress

Na ocasião, Dilma Rousseff (PT) assumiu a Casa Civil no lugar de Dirceu, e o articulador político que sobrou, Aldo Rebelo (PC do B), foi substituído por Jaques Wagner (PT).

O PPB (hoje PP), quinta maior bancada da Câmara, desalojou o PT do Ministério das Cidades, e o MDB trocou a mirrada Previdência pelas robustas Saúde e Minas e Energia, somando três ministérios.

Lula acabou conseguindo superar a crise, e sua terceira reforma ministerial ocorreu apenas para empossar interinos e ministros-tampões nas vagas dos titulares que foram disputar as eleições de 2006.

O petista foi reeleito para um segundo mandato naquele ano, derrotando Geraldo Alckmin (PSDB), hoje seu vice, e viveu de 2007 a 2010 popularidade e estabilidade mais altas.

Tanto é que nesses anos fez apenas trocas pontuais na equipe e promoveu uma reforma, a quarta de seus governos, apenas no ano eleitoral, novamente para empossar ministros-tampões no lugar daqueles que iriam disputar as eleições de 2010.

O PT continuou hegemônico no controle dos ministérios, tendo o MDB como principal parceiro —tanto é que indicou Michel Temer como vice na chapa da sucessora de Lula, Dilma Rousseff. Os demais partidos de esquerda e o PP e o PTB eram coadjuvantes, com uma pasta cada um deles.

Já no atual mandato, Lula assumiu com um cenário bem mais adverso. O centrão e demais partidos de centro e de direita, que controlam o Congresso, emplacaram nove ministérios de cara, três para MDB, três para PSD e três para o União Brasil, partido que tem em sua origem o PFL, arquirrival de anos anteriores.

Já antes do primeiro ano, Lula fez a quinta reforma ministerial de suas gestões, dessa vez para trocar a ministra do União Brasil que havia perdido a sustentação do partido —a deputada Daniela do Waguinho perdeu o Turismo para o deputado Celso Sabino, também do União— e para levar para o governo deputados federais do PP e do Republicanos —André Fufuca (Esporte) e Silvio Costa Filho (Portos e Aeroportos), respectivamente.

Na atual reforma, a sexta, Lula é pressionado a ampliar o inédito espaço dos partidos de centro e de direita em sua gestão —eles já controlam 11 pastas. Ele estava sendo pressionado a entregar a eles a coordenação da articulação política do governo, mas nesta sexta (28) acabou anunciando a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, para a vaga.

A atual reforma começou com a troca de Nisia Trindade (Saúde), por Alexandre Padilha (PT), que chefiava a pasta de Relações Institucionais. Em janeiro Lula já havia trocado o petista Paulo Pimenta da Secretaria de Comunicação por Sidônio Palmeira.

Pela primeira vez nas gestões de Lula, ministros de outros partidos e sem vinculação partidária representam mais da metade dos ministros filiados ao PT, 26 a 11, embora a sigla mantenha o comando de postos-chave.

Gleisi na articulação mira 2026, deixa chave do cofre com Lula e desanima centrão

Análise

Ministra comandará negociação de emendas parlamentares com Congresso e ganhará poder com novo modelo de transparência avalizado pelo Supremo

Raphael Di Cunto



Gleisi Hoffmann, indicada para a Secretaria de Relações Institucionais do governo Lula (PT), em evento no Planalto Gabriela Biló - 25.fev.2025/Folhapress

BRASÍLIA A decisão do presidente Lula (PT) de entregar a articulação política do governo à presidente do PT, Gleisi Hoffmann, deixa o partido na gerência do cofre de emendas, estabelece postura mais incisiva na relação com o Congresso e mira a construção de palanques regionais para 2026.

O movimento é um balde de gelo para políticos do centrão, mercado financeiro e integrantes da equipe econômica, ao deixar claro que a reforma ministerial não terá a abrangência e direção por eles desejadas.

As mudanças nos ministérios, na visão desses atores, seriam a chance de um chacoalhão no governo, com a saída de Rui Costa da Casa Civil e a "despetização" do Palácio do Planalto. A expectativa cresceu quando Lula despencou nas pesquisas de popularidade. Mas o presidente resolveu ir no sentido contrário.

O novo momento das emendas, com mais transparência sobre os autores, dificultará a gestão de maiorias pelos presidentes da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP).

No modelo anterior, da emenda de relator e depois de comissão, Arthur Lira (PP-AL), pela Câmara, e Alcolumbre, no Senado, distribuíam recursos bilionários para aliados. Quanto mais fiéis, maior o volume de verbas. Até a oposição entrava no bolo para pegar mais leve num projeto ou outro, sempre na surdina.

Como o plenário não tinha certeza de quem recebia e quanto, Lira e Alcolumbre manejavam habilmente a construção de maiorias. Com a transparência, a divisão tende a ser mais equânime. O controle de quem vai se beneficiar mais ou menos terá que ocorrer "na boca do caixa" —a SRI (Secretaria de Relações Institucionais), que negocia pelo governo.

Motta tentava emplacar na função o aliado Isnaldo Bulhões (AL), líder do MDB na Câmara. Faria uma dobradinha como a que foi firmada entre Lira e Alcolumbre com o ex-ministro da Casa Civil Ciro Nogueira no governo Jair Bolsonaro (PL). O que os dois combinavam no Congresso ele viabilizava no Executivo. Aprovaram até PECs sem grande debate.

Agora, Lula deixa com o governo, nas mãos da petista Gleisi, o controle de quem sairá beneficiado na liberação das emendas não impositivas. A fidelidade terá de ser ao Executivo. Ainda falta saber se dará certo com um governo hoje impopular e dependente de um Congresso com maioria de centro-direita.

A pauta legislativa mais importante para o governo, com vistas a 2026, é cumprir a promessa de ampliar a faixa de isenção do imposto de renda. Aí entra a missão de Gleisi: fazer o embate público com o Congresso para pressionar pela aprovação dos projetos, algo que Alexandre Padilha evitava, mesmo quando atacado por Lira.

O Congresso ainda não diz claramente, mas já torce o bico para a compensação sugerida pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad: taxar quem ganha mais de R$ 50 mil por mês com uma alíquota mínima de 10% sobre a renda. A cobrança afetará profissionais liberais que fogem da carga tributária mais alta ao receberem como pessoas jurídicas, a exemplo de médicos, advogados e alguns artistas. Poderia-se pensar em pressão popular, mas o problema é que o PT e Lula há muito não reúnem multidões nas ruas e, exceto no caso da escala 6x1, a direita atropela a esquerda nas redes —arena que o centrão toma por base para avaliar o custo de suas ações hoje em dia.

Gleisi também chega ao governo para conciliar a agenda legislativa com a negociação sobre os palanques da próxima eleição. O presidente nem sequer tem candidato ao governo em São Paulo, e faltam nomes fortes para o Senado nos maiores estados.

A atual presidente do PT está em atrito com o favorito de Lula para substituí-la no partido, Edinho Silva. Trabalha para colocar alguém de sua confiança no cargo, e ambos agora precisarão se entender para evitar novos embates –que, na área econômica, já estão contratados com Haddad.

Ao alocar Gleisi na articulação política e não na Secretaria-Geral da Presidência, Lula lhe concede um protagonismo que reacende disputas internas em torno de sua sucessão, seja para 2026 ou 2030. Ela disputará diariamente com Haddad e Rui Costa quem mais influenciará o presidente.



No novo modelo das emendas, o controle de quem vai se beneficiar mais ou menos terá que ocorrer 'na boca do caixa' —a Secretaria de Relações Institucionais

Trump se rende a Putin com 'energia masculina'

Presidente dos EUA e seu cúmplice J.D. Vance tentaram humilhar Zelenski

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Em seu primeiro mês de mandato, Donald Trump demonstrou sua "energia masculina" ameaçando invadir o Panamá e se rendendo incondicionalmente à Rússia.

Na sexta-feira, Trump e seu cúmplice J.D. Vance tentaram humilhar o presidente da Ucrânia no Salão Oval da Casa Branca. Diante das câmeras, e como parte do acordo de rendição americana, trataram Zelenski como se ele fosse um puxa-saco traidor de sua pátria, um Pétain, um Quisling, um Jair Bolsonaro.

Zelenski fez bem em recusar o papel.

Trump ainda fez um desagravo a Putin, que teria sofrido com ele acusações injustas de interferência russa nas eleições em que Trump venceu.

Não acho que Trump seja um agente russo: ele e Putin só são dois fascistas que pensam igual. Mas, Donald, se você quer provar que não é um agente russo, começou mal. Imagino os fantasmas de Kruschev e Brezhnev vendo a cena no Salão Oval e dizendo: "Bozhe moi! Era só ter esperado eles elegerem alguém suficientemente ladrão!".

Sim, ladrão. Afinal, Trump não se limitou a amarelar diante de Putin. Ainda exige que a Ucrânia lhe entregue todas as suas riquezas minerais como pagamento pela ajuda militar já prestada, que os Estados Unidos prometeram aos ucranianos que seria gratuita.

Com a vitória na guerra, Putin dá um grande passo no processo de palestinização da Ucrânia: a tomada de seu território de pedaço em pedaço, de guerra em guerra, até que um dia alguém tenha coragem de propor abertamente limpeza étnica e a construção de resorts na praia.

Não acho que Trump seja um agente russo: ele e Putin só são dois fascistas que pensam igual. Mas, Donald, se você quer provar que não é um agente russo, começou mal.

A partilha da Ucrânia entre os regimes de extrema direita russo e americano promete ser um dos espetáculos mais horrendos dos próximos anos.

Vai ter gente na esquerda dizendo que Zelenski era tão ruim que mesmo Trump o abandonou. A minha suspeita, companheiro, é que você tenha escolhido o lado errado da guerra. A menos que você pertença a um desses grupos radicais de esquerda universitária que tenta compensar a falta de apoio entre as massas trabalhadoras defendendo qualquer rival dos EUA no Twitter.

Alguém pode dizer, mas o plano do Trump não é igual ao do Lula? Ainda não sabemos o quanto de território a Ucrânia vai perder nem sabemos exatamente o quanto teria perdido nas negociações propostas pelo Brasil ou pela China. Sabemos que nem Lula nem, suspeito eu, a China tentaria roubar as riquezas minerais ucranianas.

E nas negociações propostas por Brasil e China, pelo menos, a Ucrânia estaria na mesa, com apoio americano. Lula, aliás, criticou Trump semana passada por não incluir a Ucrânia nas negociações. O erro de Lula foi justamente admitir perdas territoriais para a Ucrânia enquanto ela ainda tinha chance de conseguir um acordo melhor com ajuda americana.

Tenho curiosidade sobre o que dirão os direitistas brasileiros com bandeirinha da Ucrânia na rede social. Imagino que mudarão de assunto como se nada tivesse acontecido. O que fica claro é que, sob Trump, os EUA estão deixando de ser um aliado confiável.

A visão de Trump para seu país, seu sonho para a América, é torná-la um ladrão bêbado solto na vizinhança ocidental, prestes a colocar suas armas à disposição de quem subornar mais seu presidente "investindo" em sua memecoin.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Camila Rocha TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SAB. Demétrio Magnoli

Eufrázio

política

Documentos mostram como ditadura militar monitorou Eunice Paiva, de 'Ainda Estou Aqui'

Militares acompanharam viúva de Rubens Paiva retratada em filme durante décadas; além de cobrar explicação sobre morte do marido, ela atuou por anistia e reparação a familiares de vítimas do regime

DELTAFOLHA

Géssica Brandino

SÃO PAULO Assunto: Eunice Paiva. O carimbo "confidencial" marca o relatório de duas páginas sobre uma palestra da esposa de Rubens Paiva, enviado em 17 de julho de 1979 ao então ministro da Justiça. Oito anos após o desaparecimento do ex-deputado, ela era uma voz do movimento pela anistia monitorada por militares.

A palestra foi feita em 13 de maio daquele ano, em ato com cerca de 150 pessoas em Londrina (PR). O evento fora registrado antes, em 12 de junho, pelo braço de Curitiba do SNI, o serviço de inteligência da ditadura.

No discurso, Eunice cobrou esclarecimentos sobre o desaparecimento de Rubens, ocorrido em 20 de janeiro de 1971, questionou a versão do Exército de que ele havia sido sequestrado por terroristas e citou uma promessa de que o marido seria solto.

Tal promessa, segundo o relatório, fora feita pelo então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid. Ele teria dito que conversara com Rubens. O ex-deputado estaria vivo, mas machucado, no 1º Exército. "Me disse também que, para ele sair de lá, era uma questão de tempo, faltava cumprir certas formalidades", disse Eunice.

Depois, Buzaid negou o encontro com a viúva e afirmou que Rubens Paiva havia fugido.

Cerca de 150 documentos reunidos pela **Folha** no Arquivo Nacional e na Embaixada dos Estados Unidos permitem traçar a linha do tempo do desaparecimento. O acervo traz registros que não constam no filme "Ainda Estou Aqui" e no livro de Marcelo Rubens Paiva.

Eunice Paiva e sua segunda filha, Eliana, foram presas no dia 21 de janeiro. A garota, à época com 15 anos, foi solta no dia seguinte, mas a mãe só seria liberada em 2 de fevereiro. A partir daí, começou a busca por respostas.

Reportagem da **Folha** de 1981 conta que Eunice soube da morte pelo então deputado Pedroso Horta (MDB-SP). No livro, Marcelo diz que a informação veio de um jornalista.

Enquanto Eunice levou seis meses para saber da morte do marido, um memorando da embaixada americana registrou o fato após 22 dias. "Paiva morreu sob interrogatório por ataque cardíaco ou outras causas", diz o documento.

Dias antes, em 8 de fevereiro, outro membro da embaixada descreveu o relato de Eunice sobre a prisão, afirmando que ela foi interrogada e "viu o pau de arara e equipamento de choque elétrico" no local.

Os documentos incluem cópia de reportagem do The New York Times com o relato de Eliana Paiva sobre a prisão dos pais.

Além de acionar a imprensa internacional, em fevereiro de 1971 Eunice escreveu à Buzaid, que presidia o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Um mês depois, apelou ao presidente Emílio Médici, pedindo "ao chefe da nação a justiça que deve resultar da obediência das leis".

"É a carta de uma mulher aflita, que viu desabar sobre sua família uma torrente de arbitrariedades inomináveis, e de que é ainda vítima seu marido, engenheiro Rubens Beyrodt Paiva[...]", diz a missiva de Eunice a Médici.

"Não é possível que, mais de 60 dias decorridos, conserve-se assim desaparecida uma pessoa humana! Recusamo-nos a acreditar no pior", escreve Eunice, em 22 de março de 1971.

Apesar dos apelos, o caso foi arquivado pelo conselho em agosto de 1971. Em seu parecer, o relator, na época senador Eurico Rezende (Arena-ES), acolheu como verdadeira a tese dos militares de que Rubens havia fugido.

Eunice é citada como subversiva em relatórios sobre políticos e outros ativistas monitorados pela ditadura. Um informe da Aeronáutica sobre um ato pela anistia em 23 de julho de 1979 revela que a viúva de Paiva criticou o regime e chamou o governo de "camelô, porque está a fim de fazer propaganda".

Nos anos 1980, Eunice ainda era monitorada pelos militares, que registram sua filiação ao PT, em 1981, em um ato com a presença de Lula.

Em 1983, quando Eunice tentou vender um imóvel, o banco pediu uma procuração do marido. Ela questionou a exigência na Justiça e só então o caso Rubens Paiva foi reaberto.

Após a posse de Fernando Henrique Cardoso na Presidência, em 1995, Eunice passa a cobrar do Estado reparação aos familiares de desaparecidos políticos.

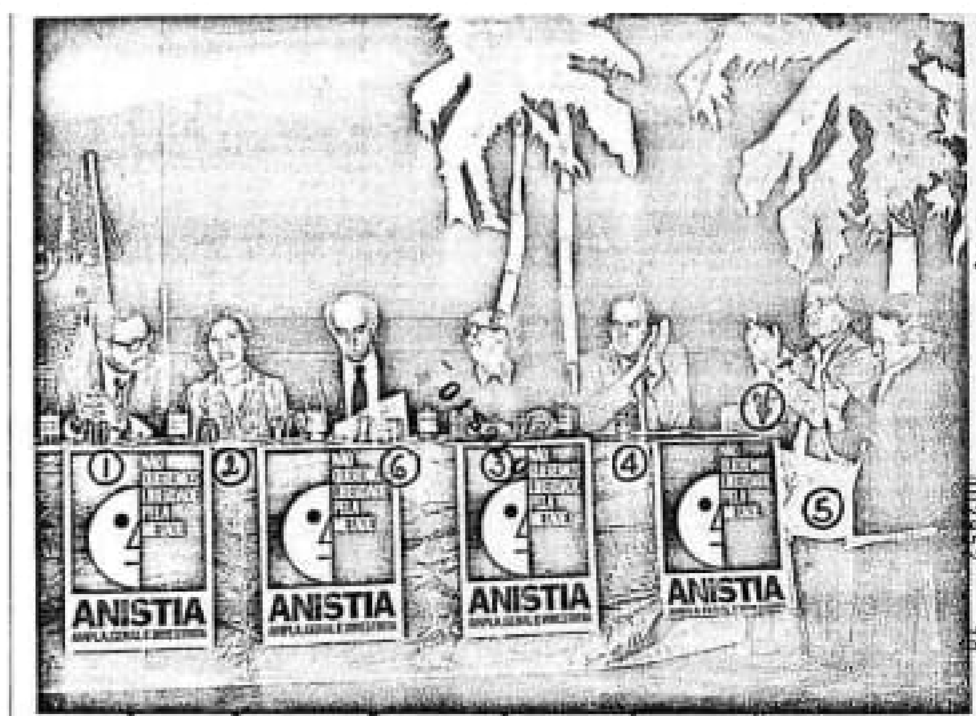
Em 1996, Eunice é a primeira representante da sociedade civil a ser indicada por Fernando Henrique Cardoso para a Comissão Especial de Desaparecidos Políticos. As análises dela contribuíram para que outras vítimas da repressão fossem reconhecidas.

Os pareceres feitos por Eunice foram citados em 2014 nos relatórios produzidos pela Comissão Nacional da Verdade. Em seu livro, Marcelo conta que naquele ano a mãe tinha Alzheimer e estava inerte na cadeira de rodas quando viu uma reportagem sobre Rubens Paiva na TV. Ela reagiu, repetindo "olha, olha, olha" e "tadinho, tadinho, tadinho".

A reportagem foi feita em parceria com o Google. A Folha coletou documentos que estão agora organizados e disponíveis à consulta na ferramenta Pinpoint.



Eunice Paiva, já advogada, dá entrevista em sua casa, em SP Jorge Araújo - 4.set.1996/Folhapress



Documento do SNI identifica Eunice Paiva (segunda da esq. para a dir.) em ato pela anistia em 23 de julho de 1979 Reprodução/Arquivo Nacional

Cronologia do caso Rubens Paiva

SEQUESTRO
Em **20.jan.1971**, Rubens Paiva é levado por homens armados para prestar depoimento

MÃE E FILHA
Em **21.jan.1971**, Eunice e Eliana são levadas para depor. A adolescente é solta no dia seguinte

MORTE
Rubens Paiva morre na noite de **21.jan.1971** após ser torturado

REPORTAGEM
Em **2.fev.1971**, Eunice é solta, e o jornal The New York Times publica reportagem sobre o caso

EMBAIXADA
Em **11.fev.1971**, memorando da embaixada dos Estados Unidos registra que Rubens Paiva morreu

NOTÍCIA
Em **jul.1971**, Eunice é informada sobre a morte do marido

ARQUIVO
Em **ago.1971**, o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana arquiva caso sobre Rubens Paiva

> **Paiva morreu sob interrogatório por ataque cardíaco ou outras causas**
>
> **Embaixada americana** em documento sobre o desaparecimento do ex-deputado

> **É a carta de uma mulher aflita, que viu desabar sobre sua família uma torrente de arbitrariedades inomináveis, e de que é ainda vítima seu marido, engenheiro Rubens Beyrodt Paiva**
>
> **Não é possível que, mais de 60 dias decorridos, conserve-se assim desaparecida uma pessoa humana! Recusamo-nos a acreditar no pior**
>
> **Eunice Paiva** em trecho de mensagem entregue ao presidente Emílio Médici

> **Olha, olha, olha [...] Tadinho, tadinho, tadinho**
>
> **Eunice Paiva** sobre Rubens Paiva, ao ver reportagem a respeito do marido na televisão

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

Pressão e manchetes descalibradas

Jornal exagera ao tratar de acordo sobre emendas e perde o pulso ao falar de creches

Alexandra Moraes



Carvall

Na noite da última quinta, a Folha colocou no ar uma reportagem com o título "Dino pressionou Congresso por acordo ao citar mais de 80 inquéritos no STF sobre emendas". O verbo escolhido pelo jornal, "pressionou", gerou queixas de leitores. E eles têm razão na observação.

O texto da reportagem, com quase mil palavras e mais de 6.000 caracteres, em nenhum momento usa "pressão" ou o verbo "pressionar" para descrever a ação do ministro do STF Flávio Dino. Pelo contrário, cita as comemorações de Hugo Motta e Davi Alcolumbre em relação ao acordo com o STF.

Uma passagem em especial deixa mais claro o deslocamento do "pressionou". "Em outro momento mais tenso, Dino —que já foi deputado, senador, governador e ministro de Estado— destacou que entende o lado deles [congressistas] e que já foi da política, mas que hoje é juiz. E acrescentou que, enquanto receber denúncias, abrirá inquéritos e não vai prevaricar."

Se esse foi o momento mais tenso do encontro dos ministros do STF com os parlamentares, fica ainda mais difícil defender a escolha feita pelo jornal para descrever a ação do ministro .

No jornal O Globo, a repórter Naira Trindade relatou que a reunião que ajudou a destravar as emendas "teve climão, mas também momentos descontraídos, a começar quando um ministro avisou que o sistema precisava de regras 'porque até puteiro tem regras'".

Menos rico em detalhes, o texto da Folha não apresentava as evidências que seu título sugeria. Apesar disso, o jornal escolheu promovê-lo com destaque.

Parte do leitorado percebeu a inconsistência e especulou se o jornal estaria empenhado em provocar mais tensão entre Congresso e Supremo. É pouco provável. Mas o episódio mostra como a escolha equivocada de termos rebaixa o bom jornalismo crítico a um tom de implicância.

Pode ser só mais um deslize, e deslizes acontecem. Mas começa a soar a desgaste quando ocorre tão pouco tempo depois do "Ameaça de Moraes a Cid abre brecha para contestar delação que implicou Bolsonaro", em que os especialistas ouvidos pelo jornal contradiziam o próprio enunciado.

É preciso apresentar mais embasamento a quem lê os (e ainda confia nos) textos do jornal.

*

Em outra frente, ao divulgar os dados do Censo, a Folha optou por uma formulação que fica aquém da gravidade do problema das creches: "Apenas 646 municípios do país têm mais da metade das crianças de 0 a 3 anos em creche". Também, como a concorrência, preteriu o tema em favor do destaque para os dados sobre ensino superior.

Os 646 municípios sem a dimensão total deles não dizem tanta coisa, o que torna o título pouco eficiente. O jornal parece empurrar a equação para o leitor resolver: 646 (de quantos?) atendem mais da metade das crianças. Isso é muito ou pouco?

O texto se empenha em explicar e junta a esse o dado percentual geral de crianças atendidas no país (33,9%) —que, afinal de contas, não parece tão ruim se considerado historicamente. Mas o que o número esconde?

A reportagem dá uma pista: "O Brasil tinha como meta ter 50% da população dessa faixa etária na educação infantil até 2024. Apesar de ter avançado nos últimos 22 anos, o país segue longe de alcançar a marca".

No ritmo atual, quando o Brasil conseguiria alcançar a meta de 2024? (O ChatGPT responde, 2037, mas seria bom que a Folha respondesse antes de o leitor resolver recorrer a um robô.) De todo modo, o relato expõe ponto a ponto os problemas apresentados na pesquisa, embora não se aprofunde neles.

Mas o destaque que o jornal (os jornais, porque a concorrência não foi muito melhor nesse caso) escolhe dar ao tema, tratado como secundário, evidencia parte importante do atoleiro brasileiro. A falta de creche vira apenas um apêndice no material geral do Censo, quando poderia dizer tanto ao país sobre ele mesmo.

O fato de o Brasil estar deixando ir pelo ralo seu bônus demográfico tem muito a ver com a negligência na educação infantil. E essa etapa tende a ser menos prioridade ainda num país que já envelhece com rapidez. A Folha informa que "1.972 municípios não possuem plano de expansão de vagas. Desses, 21% afirmam não ter o planejamento por entenderem não haver necessidade".

Talvez o jornalismo também entenda não haver necessidade de valorizar dados e políticas públicas sobre creches no Brasil. Sem isso, o tema continuará a ser tratado em espasmos.

O texto da Folha não apresentava as evidências ('pressionou') que seu título sugeria. Foi o que parte do leitorado viu e apontou, especulando se o jornal estaria empenhado em provocar mais tensão entre Congresso e Supremo

O destaque que o jornal (os jornais, porque a concorrência não foi muito melhor nesse caso) escolhe dar tema das creches, tratado como secundário, evidencia parte importante do atoleiro brasileiro. A falta de creche vira apenas um apêndice no material geral do Censo, quando poderia dizer tanto ao país sobre ele mesmo

Tecnologia para a vida

BOSCH

Comunicado de Recall

A **ROBERT BOSCH LIMITADA** convoca todos os consumidores que tenham realizado manutenção no sistema de freios com a troca do servofreio **após 17.08.2022**, número de série 2229A a 4017A, códigos dos produtos 0204.032.201, 0204.032.190 e 0204.032.193, **exclusivamente nos veículos listados abaixo**, para agendarem o comparecimento a uma oficina credenciada Bosch Car Service mais próxima, a fim de que seja providenciada, de forma gratuita, a análise e, se necessária, a substituição do servofreio do veículo.

Marca	Modelo Veículo	Período de Fabricação
CHEVROLET	A 10	1967 a 1996
CHEVROLET	A 20	1985 a 1996
CHEVROLET	C 10	1967 a 1990
CHEVROLET	C 14	1985 a 1990
CHEVROLET	C 20	1985 a 1996
CHEVROLET	D 10	1985 a 1995
CHEVROLET	D 20	1985 a 1992
CHEVROLET	Veraneio	1966 a 1996
FORD	F 100	1969 a 1988
FORD	F 1000	1979 a 1996
FORD	F 2000	1981 a 1984

Contato: SAC 0800 825-2525 ou WhatsApp +55 47 3802-2895.

Razões técnicas: nos servofreios fabricados entre **17.08.2022** e **17.01.2024**, foi identificada uma falha entre as tampas dianteira e traseira, o que pode levar à sua abertura durante a aplicação de força no pedal do freio.

Riscos e implicações: com a aplicação de força no pedal do freio, existe a possibilidade do desacoplamento das tampas dianteiras e traseiras do servofreio e consequente perda de frenagem do veículo, gerando risco de acidentes, com danos materiais e lesões físicas, inclusive fatais, ao condutor, passageiros e a terceiros.

Início do atendimento: 10.02.2025.

Medidas preventivas: a BOSCH recomenda ao consumidor que agende imediatamente sua ida à uma oficina credenciada Bosch Car Service mais próxima.

Solução: substituição do servofreio, se necessário.

Agendamento e tempo de reparo: os serviços serão realizados pela rede de oficinas Bosch Car Service, mediante prévio agendamento via SAC ou por WhatsApp. O tempo estimado de reparo é de aproximadamente 04 (quatro) horas. Sendo necessário mais tempo, será disponibilizado veículo reserva.

Ressaltamos que todo o atendimento será realizado de forma gratuita ao consumidor.

Eufrázio

política

Uma girafa no Supremo

O golpe é de 2022, o 8/1 é de 2023

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"


Juliana Freire

Boa parte deste ano será consumida pelo julgamento, no Supremo Tribunal Federal, do plano de golpe de 2022/2023. O inquérito está na mesa do ministro Alexandre de Moraes a partir de um critério que colocou o golpe no mesmo processo do 8 de janeiro.

Entende-se que as invasões do Planalto, do STF e do Congresso foram parte de um plano golpista gestado meses antes. Os delinquentes de janeiro queriam a mesma coisa que os planejadores de um golpe logo depois da eleição de Lula, em novembro. É a velha questão: quem vem antes, o ovo ou a galinha? O planejamento do golpe seria a nascente, e o 8 de janeiro, a foz.

Apesar disso, no dia 8 de janeiro Jair Bolsonaro estava nos Estados Unidos e o grosso da documentação que instrui a denúncia dos golpistas refere-se a fatos ocorridos em novembro e dezembro de 2022.

O 8 de janeiro, chamado de "Festa da Selma", previa as invasões e um caos. Assim, estaria feita a omelete que levaria à decretação de medidas excepcionais como o Estado de Defesa ou um decreto de Garantia da Lei e da Ordem, dando poder a militares.

Quem deveria assinar a GLO? Lula, que não quis fazê-lo.

Mais: de acordo com o relatório da Polícia Federal e a denúncia do procurador-geral, até mesmo o golpe de 2022 dependia de um ato formal de Bolsonaro, decretando o estado de sítio ou de defesa. O general Estevam Theophilo, por exemplo, está denunciado por ter dito a Bolsonaro que moveria sua tropa se ele assinasse o decreto. Assinou? Não.

O inquérito do 8 de janeiro documenta fatos que aconteceram. Os documentos da trama golpista revelam que os planos existiram e não foram adiante. As duas coisas podiam ter o mesmo objetivo, ainda assim, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

O procurador-geral Gonet afirmou que Bolsonaro recebeu o projeto do "Punhal Verde Amarelo" e com ele "anuiu". Só com a oitiva de testemunhas será possível avaliar o peso desse "anuiu".

A defesa de Bolsonaro entrou em campo com a firmeza dos suicidas, pedindo o impedimento dos juízes Flávio Dino (ministro da Justiça de Lula) e Cristiano Zanin (advogado de Lula nos processos de Curitiba). Pura cenografia.

Colocando-se a trama golpista de 2022 no mesmo processo do 8 de janeiro de 2023, esticaram-se as pernas e o pescoço do bicho, encolhendo-lhe a cabeça. Ficou bonito, até elegante, mas é uma girafa.

A conta foi Lula

Lula está com a popularidade erodida enquanto oito governadores vão bem. Um deles, Ronaldo Caiado, de Goiás, tem 86% de aprovação em seu estado e é candidato à Presidência.

Desde que o jacaré abriu a boca, surgiram inúmeras explicações, todas baseadas na realidade. Há mais uma: foi para Lula a conta de um governo travado, no qual ele ungiu dois superministros: Rui Costa, da Casa Civil, e Fernando Haddad, da Fazenda.

Deixando-se de lado o fato de que os dois não se bicam, Haddad ficou com as boas notícias da economia, passando adiante o espinho da carestia. Foi hábil, mas ela iria para outro colo e está no de Lula.

Com Rui Costa aconteceu o contrário. Ele aceitou a função de bedel do ministério, que lhe foi dada por Lula logo no início do governo.

Ambos sonharam que a Casa Civil afunilaria o estudo das "ideias geniais" dos ministros. Isso só deu certo no governo do general Emílio Médici (1969-1974). A partir de 2024, resultou na transformação de Rui Costa em gerente da trava. A PEC da Segurança Pública travou? A criação da Autoridade Climática atolou? Tudo culpa do gaveteiro da Casa Civil.

Quase todos os ministros garantem que têm ideias paradas na Casa Civil. Em alguns casos, Rui Costa teve ou tem pouco a ver com a trava.

A PEC da segurança não andou porque o ministro Ricardo Lewandowski acreditou em sonhos petistas. A Autoridade Climática está atolada porque Lula não quer encrenca com a ministra Marina Silva, do Meio Ambiente.

Lula não é Médici, Haddad não é Delfim Netto, e Rui Costa não é Leitão de Abreu, chefe da Casa Civil do general. E, mesmo se fossem, o Brasil de 2025 não é a ditadura dos anos 70.

A conta foi para o colo de Lula porque não tinha para onde ir.

Advogados e engenheiros

O Censo de 2022 revelou que o Brasil tinha 2,5 milhões de advogados e 518 mil engenheiros. Somando-se os 553,5 mil médicos aos engenheiros, vê-se que existem dois advogados para cada um desses profissionais. Poucas estatísticas retratam tão bem um país que anda para trás.

A China tem 6,7 milhões de jovens em cursos de engenharia. Esse número supera os 4 milhões de brasileiros que têm diploma de curso superior. A China tem 1,4 bilhão de habitantes contra 211 milhões de brasileiros, mesmo assim, o sinal permanece, com os chineses andando para a frente.

É a velha questão: quem vem antes, o ovo ou a galinha? O planejamento do golpe seria a nascente, e o 8 de janeiro, a foz.

O inquérito do 8 de janeiro documenta fatos que aconteceram. Os documentos da trama golpista revelam que os planos existiram e não foram adiante. As duas coisas podiam ter o mesmo objetivo, ainda assim, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

Para piorar, o Censo mostrou que o Brasil tem 4 milhões de formados em gestão e administração. Isso se explica por diversos fatores, desde o custo das faculdades até os salários para quem sai da faculdade. Esses gestores e administradores cuidam de empresas numa economia que anda de lado.

Vale a pena olhar para trás.

Em 1886, na Alemanha, Karl Benz patenteou um veículo movido a gasolina. Nos Estados Unidos, o engenheiro Nikola Tesla obteve sua primeira patente e dois anos depois registrou seu motor de corrente elétrica alternada.

Em Pindorama, esse mesmo ano seria conhecido pelo vigor dos debates pela Abolição. Nele, o advogado Inácio Martins apresentou um projeto que proibia o açoitamento de negros escravizados. Na sua discussão, apareceu o telegrama de um juiz do Vale do Paraíba que informava:

A cada um dos escravos condenados a 300 açoites, foram aplicados 50 de cada vez, nos dias em que se achavam em condições de sofrê-los sem perigo.

Segundo a opinião de dois médicos, estes açoites não concorreram absolutamente para a morte dos dois escravos. Tal é também o juízo das pessoas que viram o bom estado deles antes e por ocasião de serem entregues aos enviados de Valle. (Valle era um fazendeiro, dono dos negros.)

Grandes abolicionistas como Joaquim Nabuco e Luís Gama eram advogados. O Brasil andava para trás porque os projetos e as ideias de engenheiros como André Rebouças ficavam no papel.

A alma do Rio

Por mais que as maltratem, as escolas de samba carregam um pedaço da alma do Rio.

Na noite de hoje a Mangueira desfilará para o mundo com seu samba-enredo "À Flor da Terra – No Rio da Negritude entre Dores e Paixões".

Convidado na quinta-feira, no meio dos passistas estará o jovem mototaxista Thiago Marques.

Ele transportava o passageiro Igor Melo de Carvalho, quando um PM da reserva achou que a dupla havia roubado o celular de sua mulher. Atirou duas vezes e acertou Igor. Outros policiais chegaram ao local e prenderam Thiago, que ficou 17 dias na cadeia. Só foi solto depois da audiência de custódia.

A Mangueira cantará:

"Fui risco iminente; O alvo que a bala insiste em achar; Lamento informar; Um sobrevivente."

PODCASTS FOLHA



OS MELHORES PODCASTS ESTÃO NA FOLHA. COMECE O DIA BEM INFORMADO E EXPLORE NOVOS CONTEÚDOS.

FOLHA

Gasto com tribunais de Justiça no Brasil é quatro vezes a média internacional, aponta o Tesouro

Fatura é maior do que a despesa com polícias, e 80% vão para remuneração de magistrados e servidores

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O gasto do poder público brasileiro com os tribunais de Justiça, incluindo remuneração de magistrados e servidores, é o segundo maior entre 50 países analisados pelo Tesouro Nacional e quatro vezes a média internacional. O comparativo foi divulgado na sexta (28) pelo órgão da Fazenda e considera dados de 2022, os mais recentes disponíveis para os países analisados. O Brasil gastou 1,33% do PIB, ante uma média de 0,3%. Apenas El Salvador tem despesa maior, com 1,59% do PIB.

Para o Brasil, os números mais atualizados são de 2023. Naquele ano, a despesa subiu para 1,43% do PIB. Os gastos também incluem o Ministério Público e compreendem despesas de União, estados e municípios.

"Esse resultado evidencia o peso substancial do sistema judicial no orçamento público brasileiro, destacando o país como um dos líderes em alocação de recursos nessa subfunção", diz o relatório.

Em valores absolutos, a fatura chegou a R$ 156,6 bilhões (em valores de dezembro de 2023), dos quais R$ 125,6 bilhões foram direcionados ao pagamento de remunerações a magistrados e servidores —o equivalente a 80,2%.

O valor total de 2023 é 11,6% maior que o observado em 2022 (R$ 140,4 bilhões), já descontados os efeitos da inflação no período. Foi a maior expansão registrada na série, iniciada em 2010.

Questionado sobre o volume e a trajetória dos gastos, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) não havia respondido até a publicação deste texto.

Para ter uma ideia, o gasto com tribunais encosta no valor destinado ao Bolsa Família. Em 2023, o programa destinou R$ 166,3 bilhões a 21,1 milhões de famílias.

Em 2021, o Brasil já era um dos líderes em gastos com o Judiciário. Os valores absolutos para aquele ano, porém, foram revisados devido a uma mudança de metodologia, para adequar os cálculos a padrões internacionais.

Os novos números, porém, não alteram o diagnóstico de aumento veloz e contínuo das despesas com tribunais de Justiça.

O relatório do Tesouro mostra que os gastos com esse grupo representam mais da metade dos R$ 311 bilhões direcionados à rubrica ordem e segurança pública. O valor supera inclusive os desembolsos com serviços de polícia no Brasil (R$ 117,5 bilhões).

As despesas dos demais países com tribunais de Justiça não estão classificadas por tipo e, por isso, o Tesouro não consegue fazer uma comparação mais detalhada para saber se a proporção de gastos com pessoal no Brasil destoa do cenário internacional.

Mas o custo do sistema de Justiça no Brasil tem sido alvo de constantes críticas, em particular por causa do pagamento de adicionais que driblam o teto remuneratório do funcionalismo, os chamados penduricalhos.

O teto para os servidores federais está hoje em R$ 46.366,19, e os limites aplicados em estados e municípios ficam abaixo disso. Mesmo assim, são corriqueiras no Judiciário e no Ministério Público decisões que criam parcelas adicionais, em geral fora do teto.

A lista inclui auxílios e benefícios por excesso de serviço (medido em número de processos) e por acúmulo de função administrativa e todo ano ganha novos itens. No fim do ano passado, por exemplo, membros da AGU (Advocacia-Geral da União) foram agraciados com um penduricalho de até R$ 3.500 mensais, classificado como "auxílio saúde complementar". O valor fica fora do teto e é isento de tributos.

Além disso, os juízes contam com 60 dias de férias por ano, o dobro do que é garantido aos demais trabalhadores (30 dias).

No pacote de medidas de contenção de gastos, apresentado pelo ministro Fernando Haddad (Fazenda), o governo tentou propor uma regulamentação mais dura para a aplicação do teto remuneratório, para afastar os penduricalhos que muitas vezes inflam a remuneração extrateto.

Uma PEC (proposta de emenda à Constituição) previa que as parcelas fora do teto seriam tratadas em lei complementar, instrumento jurídico hierarquicamente superior às leis ordinárias que hoje são o veículo usado para tratar do tema.

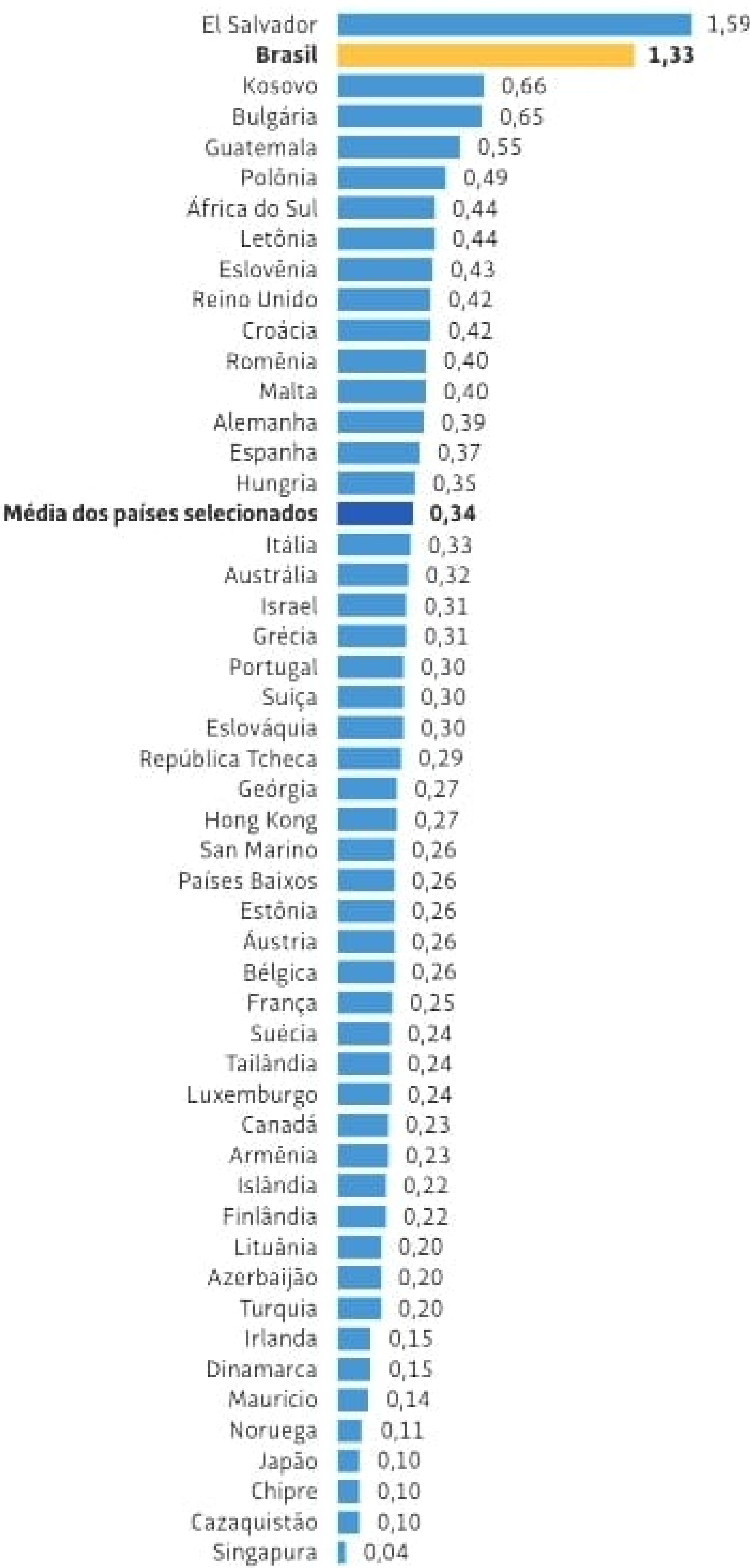
Como mostrou a Folha, a estratégia do governo era blindar o teto remuneratório de flexibilizações, já que uma lei ordinária, além de exigir quórum menor nas votações, pode ser contornada por resoluções do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), que também têm status de lei ordinária.

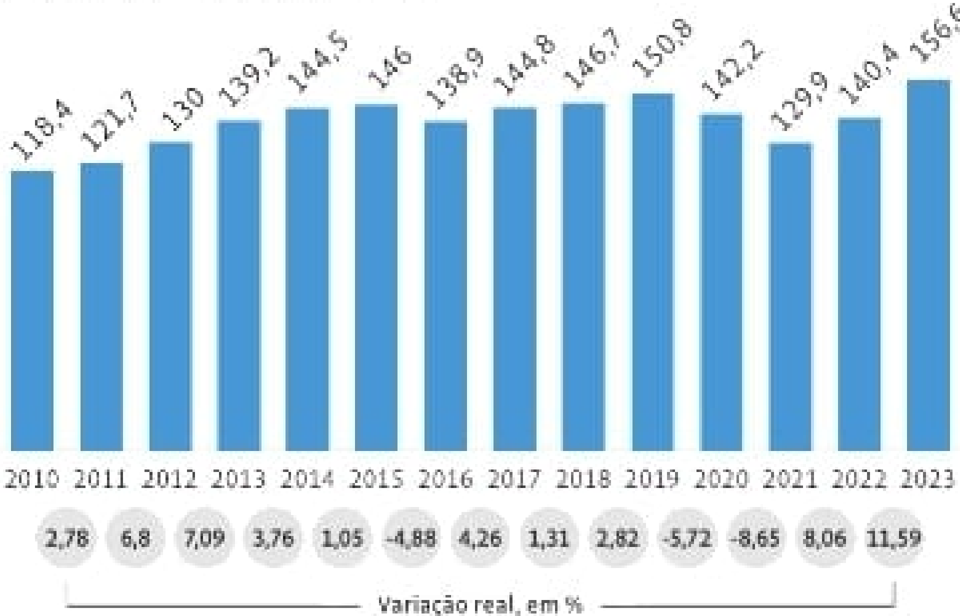
Durante a discussão do pacote, houve forte pressão do Judiciário, que conseguiu derrotar a mudança no Congresso. Com isso, o arcabouço legal mantém as válvulas de escape hoje usadas para turbinar salários com penduricalhos, especialmente nos tribunais.

A regulamentação por lei complementar também teria a vantagem de amarrar não só a União mas também estados e municípios, onde as flexibilizações muitas vezes têm alcance ainda maior.

Segundo o Tesouro, o maior gasto vem justamente dos tribunais estaduais, com R$ 107,3 bilhões em 2023. Na sequência estão os tribunais federais, com R$ 45,3 bilhões, o que inclui a Justiça do Trabalho, a Justiça Federal e cortes superiores, como o STJ (Superior Tribunal de Justiça) e o STF (Supremo Tribunal Federal).

Despesa com tribunais de Justiça no Brasil é a 2ª maior entre 50 países





Fontes: FMI, OCDE e Tesouro Nacional

Pedido de falência continuada da Teka é aceito

A Justiça de Santa Catarina decretou, na quinta-feira (27), a falência continuada da Teka Têxtil S.A., uma das mais tradicionais indústrias têxteis do Brasil, após mais de 12 anos em recuperação judicial.

A decisão, do juiz Uziel Nunes de Oliveira, da Vara Regional de Falências e Recuperação Judicial de Jaraguá do Sul, mantém a empresa funcionando em suas duas unidades, em Blumenau (SC) e Artur Nogueira (SP), até que o patrimônio seja liquidado, para que todos os credores sejam pagos. A empresa tem dívida de mais de R$ 4 bilhões.

"Crucial reconhecer que manter a empresa em operação durante o processo de falência é medida que preservará o valor dos ativos de forma mais eficaz do que simplesmente somando os ativos inertes. Isso, sem dúvida, maximiza o valor total dos ativos", afirma o juiz em sua decisão.

O advogado Pedro Cascaes Neto, porta-voz da administração judicial, disse que "havia sempre uma esperança de que um fato novo iria reverter a situação, mas isso não aconteceu e a dívida se tornou impagável".

Fundada há mais de um século, a Teka emprega diretamente quase 2.000 pessoas em suas unidades de Blumenau (SC) e Artur Nogueira (SP) e atende cerca de 50% da rede hoteleira do Brasil.

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

CAROL CONDÉ
Fundadora e CEO da Condé+

Agência de talentos globaliza com outro Oscar

Condé+ se projeta no mercado internacional com artistas brasileiros e dois indicados ao prêmio

Carol Condé, 44, começou a agenciar talentos em 2004, na esteira do sucesso de Cidade de Deus. Naquele momento, ela ia até os atores, na comunidade do Rio de Janeiro, e organizava as entrevistas deles para emissoras estrangeiras, que ocorriam de um orelhão. Até visto em passaporte ela viabilizou para que o ator Leandro Firmino, que interpretou Zé Pequeno, fosse à premiação. Firmino virou sócio, depois saiu, e, hoje, a agência Condé+, representa de atores a influenciadores. Entre eles estão o diretor de fotografia Adrian Teijido e os atores Barbara Luz, Carla Ribas e Luana Nastas, todos de Ainda Estou Aqui. Para Condé, a vitória do filme seria a consagração, mas a agência e seus artistas já fazem dinheiro pelo mundo.

*

No que o Oscar ajuda seu negócio? É o prêmio ícone do cinema e traz conscientização para a importância do nosso trabalho. Olhe a campanha da Fernanda Torres [ela não é artista da agência]. O que ela faz, aonde vai, o que fala, tudo traz valor para o filme e pode levar a ganharem.

É parte do seu trabalho definir até o que o artista fala, aonde vai, o que veste? A Fernanda mostra que tem esse entendimento da carreira dela, da importância de estar na Dior, nas principais revistas e eventos. O agente define isso tudo com o artista para fazer a conexão deles com a parte financeira.

Como você cobra por isso? O volume de dinheiro que passa por uma produção é enorme e 80% envolvem uma agência. No entanto, a figura do agente não é regulamentada no país e o agenciamento não é um trabalho pago. Há um contrato de parceria. A agência se associa aos artistas como interveniente e tem uma participação dessas carreiras, algo que se efetiva quando se fecha um negócio. Ambos têm deveres e obrigações. Nos EUA, o agente é uma exigência de qualquer estúdio como garantia de que aquela carreira é administrada e que nada dará errado.

Há críticas por ganhar em cima do talento dos outros? Sim, porque não entendem que o agenciamento é um negócio. Hoje, as agências direcionam trabalhos que têm a ver com cada artista, potencializando até as possibilidades financeiras. Eu também estou investindo meu tempo em desbravar o mercado para cada profissional. Então, isso aqui não é assistencialismo. A gente tem um departamento jurídico forte, temos toda a estrutura para que se desenvolvam. É uma construção conjunta.

Qual a porcentagem que a agência retém? Para elenco é 20%, os criativos (diretores) são 15%, diretores de arte e fotografia, 10%.

Quanto fatura? A gente não abre números, mas crescemos 750% em faturamento entre 2020 e 2024. De seis colaboradores, passamos para 20. E de 60 agenciados, pulamos para 160.

Ajudou o fim da exclusividade da Globo? Antes era muito parecido com o dos estúdios de Hollywood: contratos longos, fixos e exclusivos. Isso não é muito interessante, porque as carreiras ficam à mercê do que querem de você. Esse modelo começou a ruir com a Lei das Cotas na TV paga, depois com a entrada da Record nas novelas, e, finalmente, com a chegada da Netflix no Brasil. Várias séries foram feitas aqui, ganharam o mundo e nossos artistas começaram a ter um ambiente mais diverso, com mais condições de desempenharem papéis e conduzirem projetos alinhados com o que queriam para suas carreiras. Além de artistas, a abertura da Globo também foi fundamental para o agenciamento de diretores e roteiristas.



Carol Condé
Estudou comunicações e artes cênicas. Atuou em algumas peças, mas a vida profissional teve início na produtora de cinema TV Zero. Por ali fez sua rede de contatos até que, em 2015, já estabelecida como agente, fundou a Condé+, responsável pela carreira de nomes como Bella Campos, Alice Carvalho, Otávio Augusto e Enrique Diaz.

E quem olha para o Brasil? Não há uma semana em que a gente não tenha artistas fazendo testes para o mercado internacional, EUA e México, principalmente. O Teijido [Adrian] acabou de fazer uma série no México. O Azul Serra, diretor de fotografia, também já tem carreira internacional.

A diversidade brasileira é um ativo nesse mercado? Aqui tem etnias de todos os lugares seja para filmar ou para lançar um filme. É um mercado com know-how e a moeda deles [dos produtores estrangeiros] vale muito aqui.

PGR solicita investigação sobre praticagem no porto de Santos

Práticos de São Paulo diz não ter informações sobre o caso, mas lembra que o Cade arquivou inquérito sobre atuação anticompetitiva



Navio recebe novo carregamento de celulose no porto de Santos Eduardo Knapp - 11.abr.24/Folhapress

Alex Sabino

SÃO PAULO Em ofício enviado para a PGR (Procuradoria-Geral da República) em Santos, o subprocurador-geral em Brasília, Luiz Augusto Santos Lima, solicitou instauração de procedimento para investigar a praticagem do porto de Santos.

O subprocurador pediu que seja apurada denúncia sobre possível prática de cartel, concorrência desleal, abuso de poder econômico e prejuízo ao consumidor por empresas prestadoras de serviços de praticagem na Zona Portuária 16, que abrange Baixada Santista, São Sebastião e Tebar (Terminal Almirante Barroso).

O ofício foi enviado ao coordenador da PGR na cidade do litoral, Antonio José Donizetti Molina Daloia, em setembro de 2024.

A Folha tentou contato com Daloia, mas não obteve retorno. A assessoria da PGR em Brasília afirma que não pode comentar o tema. O documento é sigiloso. O mesmo disse a PGR de São Paulo, mas esta confirmou que o ofício foi "recebido pelo gabinete do procurador em Santos".

A praticagem é função desempenhada pelo profissional que deve conduzir as embarcações durante as manobras de atracação —por exemplo, na saída dos portos e na travessia de áreas com restrições ou de perigo à navegação. Não coloca a mão no leme, mas dá todas as instruções.

A atividade foi iniciada no Brasil em 1808, graças à chegada da família real. Dom João 6º, além de abrir os portos às nações amigas, assinou o regimento dos pilotos práticos da Barra do Porto da Cidade do Rio de Janeiro.

Até o ano passado, dos 66 práticos que atuam no porto de Santos, 63 estavam sob o guarda-chuva da Práticos de São Paulo, nome fantasia da empresa Práticos - Serviços de Praticagem do Porto de Santos e Baixada Santista.

> **As pessoas não têm ideia da especialização necessária. Estamos falando do porto mais importante do país. É o risco de acidente, águas restritas, influência do vento e da corrente [marítima]**
>
> **Carlos Alberto de Souza Filho**
> comandante da reserva da Marinha e integrante da Práticos de São Paulo

A função é desempenhada após aprovação em concurso organizado pela Marinha. O mais recente ocorreu em 2012. Por ser reserva de mercado e por não estar na cadeia portuária controlada pelos grandes armadores, a praticagem passou a ser alvo de queixas.

"As pessoas não têm ideia da especialização necessária. Estamos falando do porto mais importante do país. É o risco de acidente, águas restritas, influência do vento e da corrente [marítima]", disse à Folha, em janeiro de 2024, Carlos Alberto de Souza Filho, 62, comandante da reserva da Marinha e integrante da Práticos de São Paulo.

Para eles, trata-se de uma briga por poder porque armadores e agentes marítimos gostariam de controlar também essa função.

A Práticos argumenta que eles fazem um serviço especializado, que ninguém mais pode oferecer. É algo fundamental para a segurança dos navios, e os equipamentos da empresa são mais modernos do que os da Autoridade Portuária, responsável pela administração do porto.

No final de janeiro deste ano, a Práticos de São Paulo venceu disputa no Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica). Inquérito administrativo no órgão que também apurava denúncia de infrações à ordem econômica e atuação anticompetitiva foi arquivado. A queixa havia sido apresentada por Luiz Otavio Christo, sócio administrador da SP Marine Pilots, outra companhia que presta serviços em Santos, com três profissionais.

"Após intensas investigações, incluindo o questionamento aos diversos players envolvidos (...) o Cade determinou o arquivamento do caso, pois não foram encontrados indícios de prática de infrações concorrenciais da Práticos", afirma, em nota, a Práticos de São Paulo, completando que se tratava apenas de disputas privadas, não concorrenciais.

Mas as conclusões do inquérito fazem alusão a outra investigação, também no Cade e ainda em andamento. Iniciada em agosto de 2023, tem a finalidade de "apurar a eventual ocorrência de ilícitos anticoncorrenciais no mercado de praticagem". À Folha o Cade disse não comentar processos em andamento.

"Quanto a outros procedimentos no Cade, a empresa não possui informações detalhadas sobre o andamento do procedimento, uma vez que este se encontra em fase inicial e está sob sigilo", diz a Práticos de São Paulo.

Eufrázio

OS MELHORES NOMES ESTÃO AQUI

CASAFOLHA
CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA

Jornada Dinheiro e Carreira

ÁLVARO MACHADO DIAS
Neurocientista, professor e pesquisador. É especialista em inteligência artificial e futurismo.

GEORGE WACHSMANN
Com 30 anos de experiência, é um dos nomes mais respeitados do mercado financeiro.

PEDRO MALAN
Um dos maiores economistas do Brasil, foi ministro da Fazenda e presidente do Banco Central.

NATALIA BEAUTY
Multiempreendedora e fundadora do Natalia Beauty Group.

CANDIDO BRACHER
Ex-CEO do Itaú Unibanco e fundador do banco BBA, tem 40 anos de experiência no setor financeiro.

RACHEL MAIA
Empresária e conselheira, foi a primeira mulher negra CEO de grande empresa no Brasil.

ANA KARINA BORTONI
Especialista em liderança e inovação, foi a primeira mulher CEO de um banco de capital aberto no Brasil.

EDU LYRA
Empreendedor social e fundador da Gerando Falcões, já foi selecionado como um dos 15 jovens que podem mudar o mundo.

Jornada Transformação Pessoal e Bem-Estar

MONJA COEN
Missionária oficial da tradição zen-budista Soto Shu, é fundadora da comunidade Zendo Brasil.

SUZANA HERCULANO-HOUZEL
Bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (Estados Unidos). É a primeira mulher editora-chefe no Journal of Comparative Neurology.

VERA IACONELLI
Psicanalista, mestre e doutora em psicologia, é diretora do Instituto Gerar de Psicanálise e autora de diversos livros.

BRUNO GUALANO
Doutor em educação física e esporte pela USP, é um dos cientistas mais influentes na área.

MONICA ANDERSEN
Doutora em psicobiologia e diretora do Instituto do Sono, é listada como uma das cientistas mais influentes do mundo.

ALEXANDRE KALACHE
Médico gerontólogo e um dos maiores especialistas em longevidade do mundo.

Comunicação e Criatividade

JOSÉ PADILHA
Cineasta premiado, diretor e roteirista de sucessos como "Tropa de Elite" e "Narcos".

GIOVANNI BEGOSSI E MICARLA LINS
Campeões de oratória e debates, são os únicos brasileiros a ocuparem o cargo de juízes-chefes no Campeonato Mundial de Debates em Espanhol.

Alta Performance

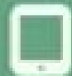
FERNANDA KELLER
Triatleta, única pessoa da América Latina a entrar no Hall da Fama do Ironman, detém o recorde de pódios no campeonato mundial do esporte.

RAÍ
Foi capitão da seleção brasileira, do São Paulo e do Paris Saint-Germain. Detentor de títulos como a Copa do Mundo e a Libertadores da América.

Uma plataforma completa

Aulas e conteúdos criados para que você possa tirar o máximo proveito.


Novos cursos todos os meses


Acesso ilimitado a todo o conteúdo da Folha



Assine agora e aproveite a oferta exclusiva.

DE R$ ~~59,90~~/mês POR APENAS 12x de R$ 19,90/MÊS.

Já é assinante Folha? Acesse: casafolhasp.com.br/upgrade e faça o upgrade de sua assinatura.

*PROMOÇÃO VÁLIDA PARA O PLANO ANUAL.

Eufrázio

Travessia que ligará Santos a Guarujá será a primeira com um túnel imerso no Brasil

Diferentemente do que seria um túnel submerso, a estrutura não será construída diretamente no canal do porto; os moldes serão montados em um dique em terra seca e depois levados ao local exato, a 21 metros de profundidade

Alex Sabino

SANTOS Em um vídeo repetido várias vezes na quinta-feira (27) para autoridades e convidados da cerimônia de lançamento do edital da travessia que ligará Santos a Guarujá, realizada no Parque Valongo, o governo federal divulgava que a obra será a primeira a ter um túnel imerso no Brasil. Não é submerso, técnicos da APS (Autoridade Portuária de Santos) faziam questão de ressaltar.

A tecnologia foi observada numa viagem de integrantes da APS ao porto de Shenzhen, na China.

Ao contrário do que seria um túnel submerso, a estrutura não será construída diretamente no canal do porto de Santos.

"Serão seis módulos pré-fabricados e aplicados em solo rígido, com rampas de acesso em Santos e Guarujá, com três pistas em cada sentido", afirma o engenheiro Eduardo Lustoza, presidente da comissão multidisciplinar do túnel Santos-Guarujá.

Do custo de R$ 5,96 bilhões para a obra, R$ 1 bilhão será pago pela empresa vencedora do leilão. Os demais R$ 4,96 bilhões virão dos governos federal e paulista. A companhia vencedora deve ser anunciada em 1º de agosto.

Segundo engenheiros da APS, o projeto não está fechado porque a empresa que vencer a concorrência para realizar a obra terá liberdade para propor modificações que tornem o processo mais eficiente, rápido e de menor custo. Mas qualquer alteração terá de ser analisada e validada pela Autoridade Portuária e por técnicos do governo estadual.

Na visão de pessoas ouvidas pela reportagem, a maior margem para mudanças está nas vias de acesso ao túnel, tanto em Santos quanto em Guarujá. É também a questão mais polêmica do projeto por causa de desapropriações no bairro do Macuco.

Para a APS, não há como modificar a essência do projeto, os 870 metros de percurso a 21 metros abaixo do nível do mar. Isso poderia acontecer apenas em pontos específicos que podem melhorar a tecnologia empregada.

Um dos primeiros passos da obra será fazer a dragagem do trecho do canal onde estará o túnel para chegar à profundidade proposta no edital.

Os modelos de pré-moldados serão construídos em um dique seco no Guarujá. Quando estiverem prontos, eles receberão balões para que, quando o dique se encher de água, a estrutura flutue. Servirá para testá-la e prepará-la para levar ao canal.

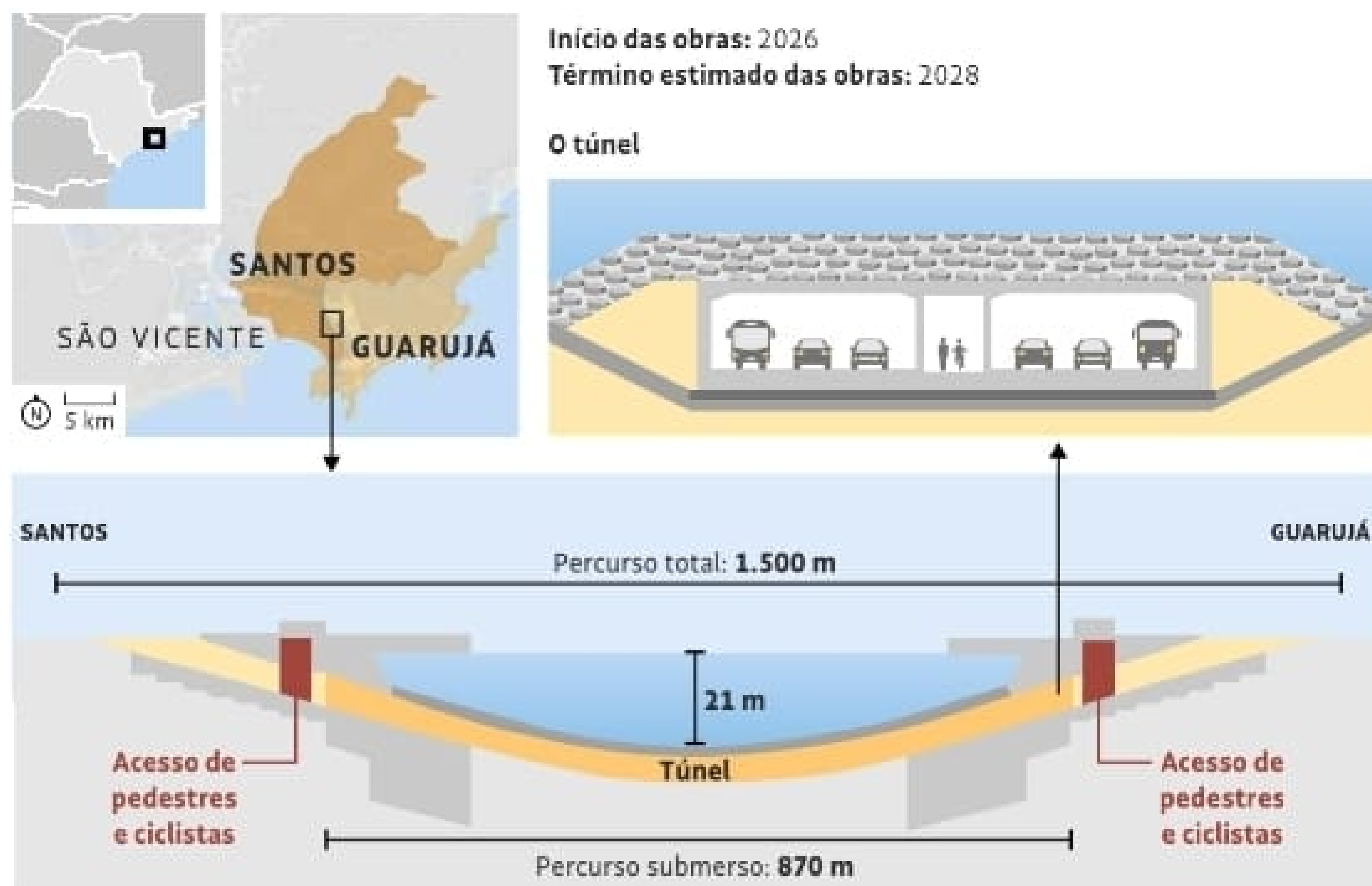
Assim que isso acontecer e eles forem colocados no local exato, a estrutura será puxada por embarcações para a posição exata no canal. Os balões serão esvaziados de maneira lenta, e as vedações, retiradas para que os módulos se encham de água e comecem a descer, aos poucos. Também pode ser usado o auxílio de cabos de aço.

Essa parte é vista pelos técnicos como algo que pode ser modificado porque o vencedor da licitação pode propor formas mais convenientes de realizar a tarefa.

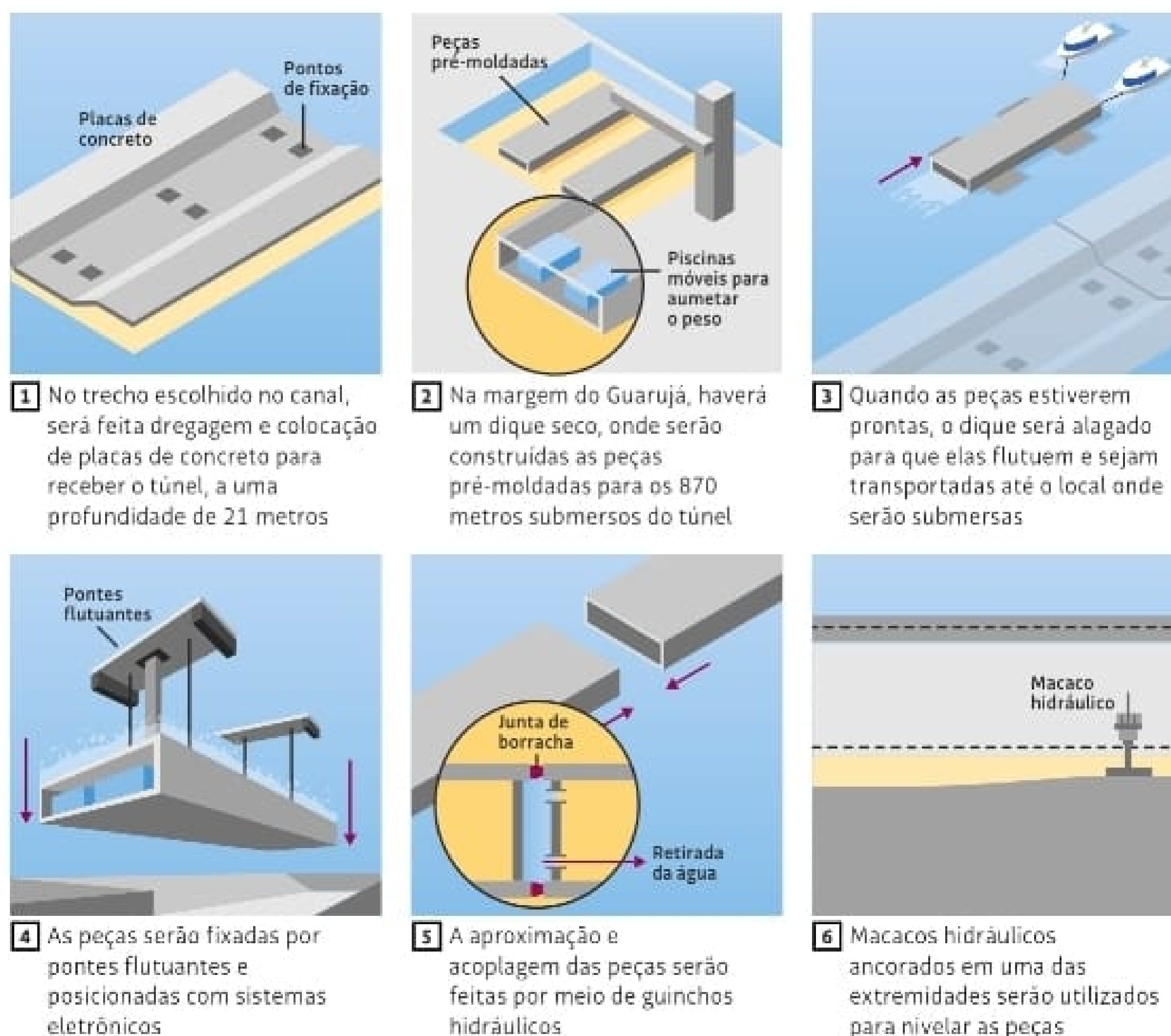
Quando as peças estiverem no fundo do canal, serão unidas, formando o túnel. A ideia é que a obra comece em 2026 e esteja concluída em 2028. A concessão vai durar 30 anos.

"O que essa [obra] tem de diferente é que será preparada no leito marinho. Os elementos serão construídos fora, em um estaleiro, e rebocados até o local. Vai exigir muito controle de topografia porque serão imersos, serão tiradas as vedações, vão se encher de água e descer", afirma Áureo Figueiredo, engenheiro também especialista em porto e diretor da Faculdade de Engenharia da Unisanta (Universidade de Santa Cecília), em Santos.

Como será feito o túnel Santos-Guarujá



Passo a passo da construção do túnel Santos-Guarujá*



1 No trecho escolhido no canal, será feita dregagem e colocação de placas de concreto para receber o túnel, a uma profundidade de 21 metros

2 Na margem do Guarujá, haverá um dique seco, onde serão construídas as peças pré-moldadas para os 870 metros submersos do túnel

3 Quando as peças estiverem prontas, o dique será alagado para que elas flutuem e sejam transportadas até o local onde serão submersas

4 As peças serão fixadas por pontes flutuantes e posicionadas com sistemas eletrônicos

5 A aproximação e acoplagem das peças serão feitas por meio de guinchos hidráulicos

6 Macacos hidráulicos ancorados em uma das extremidades serão utilizados para nivelar as peças

*Projeto sujeito a modificações pelo vencedor do leilão | Fontes: Dados cartográficos ©2025 Google e Governo do estado de São Paulo
Ilustrações Cristina Sano e Luciano Veronezi

Obra já foi anunciada em várias gestões

Diferentes mandatos no governo de São Paulo tentaram criar mais uma alternativa de ligação entre Santos e Guarujá, no litoral do estado. Estudos e anúncios de pontes e túneis foram apresentados por governadores ao longo dos últimos 20 anos.

Em fevereiro de 2008, a Dersa, empresa ligada ao governo paulista, divulgava um estudo para a implantação de um túnel subaquático entre Santos e Guarujá, para substituir as travessias por balsas.

No ano seguinte, contudo, o então governador José Serra (PSDB) descartou a ideia de um túnel. Em maio de 2009, ele apresentou o projeto de construção de uma ponte estaiada de 2.827,5 metros.

Em 2010, às vésperas de iniciar sua corrida eleitoral ao Planalto, Serra chegou a exibir uma maquete da ponte, mas o projeto não prosperou.

Em março de 2011, logo no início do seu mandato, o então governador Geraldo Alckmin (na época no PSDB, hoje no PSB) pediu a revisão da proposta da ponte e, quase um ano depois, ele já anunciava a publicação de um edital de licitação para construir um túnel entre as cidades.

O projeto ficaria pronto no primeiro semestre de 2016. Mas a obra não avançou.

Em junho de 2018, a ideia da ponte ventilada na gestão Serra voltou à cena. "Um dia, se houver dinheiro, poderemos fazer o túnel. Mas vamos agora fazer a ponte. É uma obra grande, custará mais de R$ 1 bilhão, e possível", disse na ocasião o então governador Márcio França (PSB), hoje ministro de Lula.

A estrutura teria 7 km e ligaria as rodovias Anchieta e Cônego Domênico Rangoni.

CARLA SOBREIRA UNINO, [illegible] 11/03/2025 às 14h30, [illegible] **LEILÃO PÚBLICO Nº 2025/985502V(5655) EDITAL DE LICITAÇÃO PARA VENDA DE IMÓVEIS À VISTA - BANCO DO BRASIL - CESUP AVALIAÇÕES E PATRIMÔNIO - PR** [illegible] **INTERNET** [illegible] **MATO GROSSO** CUIABÁ (MT) LOTE 01 [illegible]

[illegible] **MATO GROSSO DO SUL** [illegible] **MINAS GERAIS** POÇOS DE CALDAS (MG) [illegible] **PARANÁ** CAPITÃO LEÔNIDAS MARQUES (PR) [illegible] **RIO DE JANEIRO** ITABORAÍ (RJ) [illegible]

Eufrázio

Setor de máquinas agrícolas inicia ano com alta de 23,3% nas vendas

AGROFOLHA

Marcelo Toledo

RIBEIRÃO PRETO O faturamento das fabricantes de máquinas e implementos agrícolas cresceu 23,3% em janeiro, em comparação com o mesmo mês do ano passado, e a previsão para as próximas feiras agrícolas —que concentram os principais negócios— é positiva, mas não para todas.

Os dados da Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos) mostram que o cenário se deve ao desempenho do mercado interno e mantêm os sinais de recuperação vistos nos últimos meses de 2024.

As vendas no mercado doméstico de tratores e colheitadeiras somaram 3.289 unidades em janeiro, 53,9% mais do que as 2.137 de 2024, enquanto as exportações caíram 50,9% (de 503 unidades para 247).

No geral, incluindo máquinas e implementos para outras atividades, o setor cresceu 19,5% em janeiro, com receita líquida de R$ 20,5 bilhões.

Desse total, o mercado interno respondeu por R$ 15,6 bilhões, alta de 32,3% em relação ao mesmo mês do ano passado.

As exportações recuaram 22,3%, atingindo US$ 818 milhões, graças, principalmente, à redução dos embarques de máquinas para EUA, Singapura e México.

A projeção da Abimaq é que o setor cresça 3,7% em 2025, encerrando três anos de queda.

Pedro Estevão, presidente da Câmara de Máquinas e Implementos Agrícolas da Abimaq, afirmou que a alta em janeiro ocorreu a partir de uma base muito baixa.

"Quando a gente olha as vendas no mercado doméstico, janeiro de 2024 foi o pior da série da indústria de máquinas e equipamentos. Então, isso explica esse crescimento importante que vemos agora", disse.

A perspectiva da Abimaq é que as próximas grandes feiras agrícolas sejam boas, mas isso não acontecerá com todas devido a problemas regionais.

A Show Rural Coopavel, primeira grande feira no ano, anunciou ter negociado R$ 7,05 bilhões entre os dias 10 e 14 de fevereiro, em Cascavel (PR), recorde na história do evento. Os associados da Abimaq relataram vendas 5,9% superiores ao ano passado.

R$ 7,05 bilhões
foi o volume de negócios fechados durante a Show Rural Coopavel, em Cascavel (PR), a primeira feira de máquinas em 2025

22,3%
foi a queda na receita com exportações de máquinas e equipamentos em janeiro deste ano

Não é o que se espera da Expodireto Cotrijal, de 10 e 14 de março em Não-Me-Toque (RS). "Estão vindo de quatro anos ruins, dois anos de seca severa, enchentes ano passado e seca de novo agora. Não vai ser bom", disse.

As expectativas para as grandes feiras do Centro-Oeste —Show Safra Mato Grosso, em Lucas do Rio Verde (final de março) e Tecnoshow Comigo, em Rio Verde (GO), em abril— são positivas devido à boa produtividade no setor de grãos e à consequente capitalização dos produtores rurais.

O mesmo se espera da Agrishow, entre abril e maio, em Ribeirão Preto, forte em máquinas e produtos para os setores de café, laranja —que estão com "preços excepcionais"— e cana-de-açúcar.

Eufrázio

“2001, o cinema está aqui’, essa frase da locadora nunca saiu da minha cabeça’

Documentarista Luiz Guilherme Guerreiro, 41, teve na loja de vídeos seu primeiro emprego, o que reforçou a escolha pelo audiovisual

MINHA HISTÓRIA
LUIZ GUILHERME GUERREIRO



Luiz Guilherme Guerreiro, hoje documentarista e que foi atendente na videolocadora 2001 Danilo Verpa/Folhapress

SÃO PAULO Parecia o caminho natural quando Luiz Guilherme Guerreiro, 41, começou a trabalhar como atendente da 2001 Vídeo. Ter de levar um filme por dia para casa era uma desculpa para que ele aprofundasse seu interesse pelo cinema, enquanto vivenciava a transição do VHS para o DVD.

A 2001 era conhecida em São Paulo como um espaço em que os clientes discutiam lançamentos e clássicos, mas não resistiu ao baque do setor de locação, atingido pela expansão da pirataria e, mais tarde, pela profusão de serviços de streaming.

“Nossos clientes, verdadeiros amantes de cinema, nos ajudaram a escrever uma história de sucesso, e por isso seremos eternamente gratos”, dizia o comunicado de fechamento das lojas em 2015, após 33 anos.

A experiência na locadora reforçou em Guerreiro a certeza de que seguiria carreira no audiovisual. Hoje documentarista, relembra com carinho de seu primeiro emprego.

*

Ao passar em frente à loja mais famosa de todas, a da avenida Paulista, fiquei sabendo que estavam contratando e tinha acabado de me formar na escola.

Foi uma coincidência, entrei na locadora em 2001, tinha 18 anos e foi meu primeiro trabalho formal. Fiquei lá por cerca de seis meses, rodei as quatro lojas como temporário e depois fui efetivado na unidade Cidade Jardim.

Fazia cursinho para entrar na faculdade de cinema. Já tinha essa vontade, e logo descobri que era uma coisa comum entre os funcionários da locadora.

Já entrei com algum conhecimento de cinema, e essa era uma exigência deles. Era comum a gente abordar os clientes para dar sugestões. Um dia, teve um cara que me pediu, só para testar o meu conhecimento, "O Encouraçado Potemkin".

Peguei um período de transição do VHS para o DVD, que naquela época era uma coisa cara e só as classes A e B tinham.

A 2001 era um lugar de encontro das pessoas, elas iam para conversar e passar o tempo. A loja da Sumaré era a melhor, dava para ficar horas lá dentro, era quase como uma biblioteca.

Antes de trabalhar lá, já era consumidor de videolocadoras, loquei muito filme e frequentava muito cinema também.

Dava um certo status “cult” locar na 2001. Muitos famosos apareciam, o apresentador Serginho Groisman, a atriz Suzy Rêgo. O cantor Emílio Santiago foi gravar lá, mas não tinha ficha na locadora. Ele gravou e no fim entregou todos os filmes na nossa mão, não levou nada.

Sinto falta do filme que ia passando de boca em boca, adorava indicar "Corra, Lola, Corra".

Essa emoção de ver o que ia chegar, do lançamento, de quando conseguia fazer um barulho em torno dos clientes.

Cheguei a ter alguma coleção de VHS e DVD, mas as coisas vão se perdendo nas mudanças, e as coleções foram sendo desfeitas.

Lembro as cenas na hora de cobrar os atrasados. Teve cliente fazendo cheque de R$ 1.000, por ter ficado dois meses na praia e esquecido de devolver o filme. A multa às vezes era maior que o meu salário.

“2001, o cinema está aqui”, tinha de falar isso toda hora quando alguém ligava, essa frase nunca saiu da minha cabeça.

É uma experiência da qual lembro com carinho, da alegria quando caiu meu primeiro salário, os amigos que iam na loja. Olho para trás e sinto orgulho de ser alguém que sempre precisou trabalhar e foi esforçado. Até Quentin Tarantino trabalhou numa locadora.

Eu já morava no Rio quando as lojas da 2001 fecharam e me deu nostalgia pela época em que trabalhei lá, mais do que por ver acabando o ciclo das locadoras. A gente acaba naturalizando ter Netflix no sofá, se acostuma.

Na faculdade, comecei a trilhar o caminho dos documentários, era uma oportunidade de trabalhar sozinho, enquanto filmar ficção exige equipe e estrutura.

Ganhei um prêmio do festival É Tudo Verdade, em 2009, com o curta “Ser Tão”, sobre quando o Teatro Oficina foi se apresentar em Canudos.

Hoje faço documentários de dança e registro a cena, festivais de dança contemporânea e até funk. O último documentário que fiz, "O Corte da Dancinha", é sobre barbeiros que dançam ou bailarinos que cortam cabelo.

O mercado voltou a uma certa normalidade com o atual governo. Para meus filmes, nunca tive dinheiro público, são sempre oportunidades que surgem. O dos barbeiros foi um dinheiro que veio da Europa, mas o meu ganha-pão acaba sendo fazer registros para pessoas que ganharam editais.

A desistência está na nossa cara todo dia, o que a gente faz é tentar deixá-la para trás. Fazer documentários é isso, são tantos temas para tantos documentaristas, uma profusão de pessoas para abordar com verdade e a questão de fala.

Depoimento a Douglas Gavras

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Candido Bracher **SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo, Michael Viriato** TER. Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon QUA. Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman QUI. Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SÁB. Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Laura Muller Machado

Lula mostra que não vai mudar

Gleisi e plano Mais Petistas confirmam o que o presidente faz desde o início do mandato

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Gleisi Hoffmann vai liderar as negociações do governo com o Congresso e, parece, de alianças para a eleição de 2026. Vai para a Secretaria de Relações Institucionais (SRI). A nomeação causou desânimo e consternação entre adeptos, amigos e críticos do governo.

Não se sabe com base em quais razões, essas pessoas esperavam que Luiz Inácio Lula da Silva reorientasse políticas e programas, o que ficaria evidente na reforma ministerial. Gleisi na SRI significa mudar para que tudo continue na mesma, sob o lulismo-petismo de estrita observância, pelo menos. Ou poderia ser mais, como se especula. Seria sinal de que Lula 3 vai ser mais conflituoso e isolado. No limite, Lula jogaria mais gasto e crédito nas caldeiras econômicas a fim de se reeleger.

No entanto, a possibilidade de mudança definhava desde meados de 2024, quando terminou a primeira parte de Lula 3 ou, pelo menos, do seu plano de cobrar impostos a fim de compensar o grande aumento de gasto, que fizera a descoberto desde antes da posse. Começava a revolta contra tributação extra, liderada então por ricos, agora disseminada entre pobres, o que tornou o aumento de receita politicamente inviável. Para piorar, o governo tomara medidas fiscais que causaram mais descrédito. Tal crise teve sequelas econômicas, como mais juros e inflação.

Parte da elite e a direita sem encantam com os ‘sucessos’ de Milei e as ‘novidades’ de Trump: desmonte de Estado e proteção social com motosserras e marretadas em limites legais ou constitucionais

No fim de novembro, a mudança estava moribunda. O governo podou o plano fiscal de Fernando Haddad. No final de janeiro, Lula dizia que não haveria mais medidas fiscais relevantes (na mesma entrevista, afirmava que Gleisi era ministeriável). Desde então, o presidente reafirma que sua política é colocar mais dinheiro na mão do povo, que daí vem o crescimento. Promete comida barata; critica “atravessadores”, conversa morta há 30 anos. Foi o segundo fim de Lula 3.

Em junho, se dizia nesta coluna, sobre o primeiro fim de Lula 3, que o problema era antigo. Que Lula: 1) desconsiderou até a frentinha ampla que o elegeu. Não fez governo menos petista em ideias, quadros e ações, em articulações sociais e políticas ou em programa econômico mais convencional. Perdeu apoios; 2) não entendeu que lidava com o Congresso mais direitista da história; 3) não aproveitou o otimismo inicial até de "o mercado", que derrubava juros em fins de 2022, e ampliou o gasto de modo imprudente e precoce; 4) não tinha planos de reformas (segurança, saúde, ambiente) e, pois, de esperanças novas.

Nada mudou em dois anos e dois meses. Há o risco, ora exagerado, de que aumente a dose de seu programa de dar esteroides à economia, o que não vai funcionar, pois o efeito colateral seria imediato.

Um possível sucesso da isenção do IR e do novo consignado pode render pontos de popularidade. Afora milagres de crescimento da popularidade, porém, vai ser difícil encarar a coalizão oposicionista que já se forma, social e política, por alto e por baixo, no eleitorado. Pode ser “frente ampla”, de ex-aliados centristas de Lula a bolsonaristas, uns preocupados com a crise fiscal séria, outros pensando longe, muito além do “empreendedorismo”. Parte da elite e direita se encantam com "sucessos" de Javier Milei e "novidades" de Donald Trump (desmonte de Estado e proteção social com motosserras, com a ajuda de marretadas em limites legais ou constitucionais). O Brasil social, político e cultural mudou. Podres do mundo fazem sucesso de público. Lula parece fora do ar.

Eufrázio

mercado

Queda de popularidade é conjuntural ou estrutural?

Governar olhando diariamente a avaliação é abdicar do exercício da liderança

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Têm sido divulgadas seguidas avaliações de piora da popularidade do governo. Há duas interpretações possíveis. Uma conjuntural e outra estrutural. A primeira alega que a elevação dos preços dos alimentos, fruto de má safra do café e de um ciclo ruim na pecuária —além da gripe aviária na economia americana, que tem encarecido mundialmente os ovos—, explica a piora da avaliação do governo. A carestia foi agravada pela desvalorização cambial do final do ano passado.

A boa safra de verão, cuja colheita está terminando, e a perspectiva de uma boa safrinha indicam que haverá, ao menos em parte, reversão da carestia. O câmbio mais valorizado no início do ano, consequência de maior moderação tarifária do governo de Trump (do que a prevista), ajuda.

Se o governo não fizer mais marola e conseguir manter a economia a plena carga, com inflação alta, mas sem se descolar muito do teto da banda, chegará forte em 2026.

O pacote desenhado para a reeleição — o novo empréstimo consignado para trabalhadores celetistas, a isenção do IRPF (Imposto sobre a Renda das Pessoas Físicas) para até R$ 5.000, a valer para 2026, o programa de distribuição de gás gratuito e o programa Pé-de-Meia— será suficiente para garantir o quarto mandato de Lula. Esse é o cálculo feito pelo presidente.

A segunda interpretação, defendida nesta **Folha** pelo diretor da Quaest, Felipe Nunes, argumenta que há um problema estrutural. Segundo Felipe "o voto econômico explicava a popularidade dos governantes. Benefícios sociais e crescimento da renda costumavam se traduzir em apoio eleitoral. Mas essa lógica está se desfazendo. Não há mais gratidão política automática. A sociedade mudou: o eleitor se tornou mais crítico e menos fiel. Muitos eleitores passaram a ver os programas sociais e os benefícios do governo como um direito básico, não como um favor que exige retribuição nas urnas".

A boa safra de verão, cuja colheita está terminando, e a perspectiva de uma boa safrinha indicam que haverá, ao menos em parte, reversão da carestia. O câmbio mais valorizado ajuda

Essa análise pode fazer sentido dado que o governo de direita de Bolsonaro não cortou programas sociais. Pelo contrário, a expansão do benefício do programa Bolsa Família ocorreu no governo anterior. As políticas sociais passaram a parecer políticas de Estado, não de governo.

Adicionalmente, as pesquisas apontam que há a percepção, por grande parte da população, de que o país não está no rumo correto. Penso que essa percepção segue da estratégia do presidente Lula de governar, desde o início de seu mandato, olhando diariamente a evolução da popularidade. Essa foi a explicação para a inversão do ciclo político da despesa pública. Dada a grande polarização da sociedade, diziam os assessores do presidente, não seria possível arcar com uma perda de popularidade no início do mandato.

Governar olhando diariamente a popularidade significa a abdicação permanente do exercício da liderança. O governo é totalmente reativo. É possível que a percepção de que o país esteja no rumo errado, como têm apontado as pesquisas, seja a percepção das pessoas da abdicação, por parte do presidente, do exercício da liderança. Difícil haver rumo com uma liderança que governa olhando permanentemente os dados de popularidade. Não há construção possível.

Ao longo dos próximos meses, saberemos qual é o diagnóstico correto: se a queda da popularidade do governo é um fenômeno estrutural ou conjuntural.

FOLHA mpme Um guia para a micro, a pequena e a média empresa. FOLHA

UE prevê ações para impulsionar carros elétricos

Mais opções de financiamento e suporte a empresas são medidas em documento a ser lançado nesta semana

Philip Blenkinsop

BRUXELAS | REUTERS A Comissão Europeia apresentará nesta semana medidas destinadas a impulsionar a demanda por veículos elétricos na União Europeia, prevendo requisitos de conteúdo local para a produção de baterias de automóveis, de acordo com um esboço das propostas.

A UE publicará seu plano de ação automotivo na quarta (5), para ajudar a garantir que produtores de automóveis do grupo possam eletrificar as frotas e competir com rivais chineses e americanos mais avançados.

O esboço, visto pela Reuters, terá propostas aos 27 Estados-membros da UE sobre ações que eles podem tomar para acelerar a adoção de veículos elétricos em frotas de empresas, que representam cerca de 60% do mercado de carros novos do bloco.

A UE também trabalhará com os países para avaliar a melhor forma de incentivar a compra de veículos elétricos e as opções de financiamento para eles. Uma das propostas é a de que veículos pesados com emissão zero sejam isentos de taxas rodoviárias.

As vendas de novos elétricos caíram 5,9% em 2024, de acordo com a Acea, a associação de fabricantes de automóveis da União Europeia, que diz que a infraestrutura de carregamento limitada foi parcialmente culpada pelo desempenho.

O fim abrupto dos subsídios da Alemanha e a escassez de modelos baratos também contribuíram.

O esboço reconhece que a indústria automotiva europeia corre o risco de perder participação de mercado em tecnologia de veículos elétricos e enfrenta custos significativamente mais altos em relação aos concorrentes em componentes de veículos elétricos, principalmente baterias, que representam de 30% a 40% do valor de um carro típico.

O documento diz que haverá cada vez mais requisitos de conteúdo local para células de bateria e componentes vendidos em veículos elétricos na UE.

O bloco também analisará o suporte para empresas que produzem baterias na UE. Isso poderá estar disponível para companhias estrangeiras, desde que estejam em parceria com empresas da UE para permitir o compartilhamento de expertise e tecnologia.

A Comissão planeja propor condições para investimentos estrangeiros de entrada no setor automotivo e analisar o suporte financeiro para instalações de reciclagem de baterias.

As montadoras da União Europeia, afetadas pelo fechamento de fábricas e agora se preparando para enfrentar tarifas dos EUA, pediram à Comissão que concedesse alívio nas multas que, segundo elas, poderiam chegar a â,¬ 15 bilhões (R$ 91,8 bilhões) se suas frotas não cumprirem os limites de emissão de gás carbônico em 2025.

O esboço deixou em aberto o que a Comissão poderia oferecer de alívio financeiro.

Julia Poliscanova, diretora sênior de veículos e mobilidade elétrica do grupo de campanha e pesquisa T&E, disse que esse era "o elefante na sala" e que as metas eram a principal medida para ajudar a Europa a alcançar a China, levando produtores a eletrificar veículos.

"Em vez de criar incerteza, o plano deve se ater às medidas promissoras de eletrificação de frotas corporativas e localização da fabricação de baterias."

5,9%

foi a queda nas vendas de novos veículos elétricos na UE em 2024, segundo a Acea, associação local de fabricantes

R$ 91,8 bilhões

É a quantia equivalente às multas que montadoras da UE terão de pagar se suas frotas não cumprirem o limite de emissão de gás carbônico em 2025

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — Itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário ITAÚ ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS LTDA, doravante designado VENDEDOR, [illegible] PÚBLICO LEILÃO de modo Presencial e On-line, [illegible] no dia 13 de março de 2025, às 14:00 horas, [illegible] em PRIMEIRO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R$ 436.205,40 (Quatrocentos e trinta e seis mil, duzentos e cinco reais e quarenta centavos), [illegible] APARTAMENTO nº 203, localizado no segundo pavimento do "CONDOMÍNIO RESIDENCIAL FLORENÇA", [illegible] Governador Valadares/MG. [illegible] dia 24 de março de 2025, às 14:00 horas, no mesmo local, para realização do SEGUNDO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R$ 274.352,00 (Duzentos e setenta e quatro mil, trezentos e cinquenta e dois reais). [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — Itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício), [illegible] ITAÚ UNIBANCO S.A. [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

CARLA SCOBEIRA UMINO, [illegible] LEILÃO PÚBLICO nº 2025/0050/01 EDITAL DE LICITAÇÃO PARA VENDA DE IMÓVEIS À VISTA - BANCO DO BRASIL - CESUP AVALIAÇÕES E PATRIMÔNIO - PR [illegible]

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

EDITAL DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES:

TÉCNICO DE RADIOLOGIA
Ed. Nº 14/2025 (1 VAGA)
JORNADA: 20H SEMANAIS

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:
As inscrições serão efetuadas através da Internet no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: **00:00h do dia 10/03/2025 às 14:00h do dia 28/03/2025**

Valor da Taxa Inscrição: R$ 81,44

O Edital na íntegra encontra-se no site www.hcrp.usp.br

CONVOCAÇÃO PARA A PROVA
(somente para os candidatos inscritos)

- OBJETIVA
DATA: 13/04/2025 – 08h00m
Local: ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - USP (EERP-USP) - Campus Universitário s/n - Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP.
(Via de acesso pela Av. Prof. Dr. Hélio Lourenço)

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

EDITAIS DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES

MÉDICO I
JORNADA: 20H SEMANAIS
ÁREAS:
◈ CIRURGIA PLÁSTICA
Ed. Nº 15/2025 - (1 VAGA)
◈ CARDIOLOGIA
Ed. Nº 19/2025 - (1 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:
As inscrições serão efetuadas através da Internet no site www.hcrp.usp.br no período entre: 00:00h do dia 10/03/2025 às 14:00h do dia 28/03/2025

Valor da Taxa Inscrição: R$ 122,17

Os Editais na íntegra encontram-se no site www.hcrp.usp.br

CONVOCAÇÃO PARA AS PROVAS
(somente para os candidatos inscritos)

- OBJETIVA e DISSERTATIVA E AVALIAÇÃO DE TÍTULOS
DATA: 09/04/2025 – 18h00m
LOCAL: ANFITEATRO DO CEAPS - 2.º ANDAR do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP - Campus Universitário s/n - Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP.
(Aguardar na Portaria Principal do Hospital)

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

EDITAIS DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES

AGENTE TÉCNICO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE
ÁREAS:
◈ FONOAUDIÓLOGO - VOZ, COMUNICAÇÃO E DISFAGIA OROFARÍNGEA
Ed. Nº 12/2025 - (1 VAGA)
◈ FONOAUDIÓLOGO - AUDIOLOGIA CLÍNICA
Ed. Nº 13/2025 - (1 VAGA)
◈ TERAPEUTA OCUPACIONAL
Ed. Nº 17/2025 - (1 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:
As inscrições serão efetuadas através da Internet no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: **00:00h do dia 10/03/2025 às 14:00h do dia 28/03/2025.**

Valor da Taxa Inscrição: R$ 122,17

Os Editais na íntegra encontram-se no site www.hcrp.usp.br

CONVOCAÇÃO PARA AS PROVAS
(somente para os candidatos inscritos)

- As provas serão realizadas no dia, horário e local abaixo:
DATA: 09/04/2025 – 18h00m
LOCAL: ANFITEATRO DO CEAPS - 2.º ANDAR do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP - Campus Universitário s/n - Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP.
(Aguardar na Portaria Principal do Hospital)

mercado

Família Agnelli reduz participação na Ferrari e levanta € 3 bi

MILÃO | REUTERS A família italiana Agnelli reduziu a sua participação controladora na Ferrari em aproximadamente 4%, levantando cerca de € 3 bilhões (em torno de R$ 18 bilhões) para financiar potenciais novas operações de fusões e aquisições (M&A), informou a holding Exor no fim de fevereiro.

A venda ajudará a Exor a reduzir a concentração em seu portfólio de investimentos e garantir recursos para "uma nova aquisição considerável quando tal oportunidade se apresentar", disse a empresa.

A companhia também pretende usar os recursos para financiar um programa de recompra de € 1 bilhão (aproximadamente R$ 6 bilhões).

A maior parte dos fundos, no entanto, será aplicada em uma única aquisição para aumentar o portfólio da Exor, disse à reportagem uma pessoa próxima à empresa.

A Exor vendeu as ações da Ferrari por € 450 cada um, em um processo de "bookbuilding" conduzido pelos bancos JPMorgan e Goldman Sachs —disse um dos bookrunners na quinta-feira (27). A Exor não divulgou o preço.

Separadamente, a Ferrari disse, também na quinta-feira, que gastou cerca de € 300 milhões para adquirir quase 667 mil ações de própria emissão na transação como parte de seu programa de recompra.

A companhia italiana representa aproximadamente 50% do valor patrimonial líquido da Exor.

Após a venda das ações, que será liquidada nesta segunda (3), a Exor ainda será a principal acionista da Ferrari, com uma fatia de 20% da empresa e 30% dos direitos de voto.

"Nosso compromisso de permanecer como o maior acionista [da Ferrari] a longo prazo está mais forte do que nunca", disse o presidente-executivo da Exor, John Elkann, em um comunicado.

Elkann, membro da família Agnelli, também é presidente do conselho de administração da Ferrari.

O negócio não altera um acordo realizado entre a Exor e Piero Ferrari, filho do fundador Enzo e segundo maior investidor da Ferrari, que devem manter direitos de voto combinados próximos a 50%.

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário ITAÚ UNIBANCO S.A. [illegible] Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outros Avenças [illegible] CLEITON PEREIRA FILHO, [illegible] PRIMEIRO LEILÃO [illegible] dia 13 de março de 2025, às 14:00 horas, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em PRIMEIRO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R$ 471.126,70 [illegible] APARTAMENTO Nº 304, localizado no EDIFÍCIO CARAVELAS [illegible] RESIDENCIAL [illegible], Jardim América, Goiânia-GO [illegible] dia 24 de março de 2025, às 14:00 horas, no mesmo local, para realização do SEGUNDO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R$ 447.185,79 (Quatrocentos e quarenta e sete mil, cento e oitenta e cinco reais e setenta e nove centavos). [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h00

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

CARLA SOBREIRA UMINO [illegible] LEILÃO PÚBLICO [illegible] EDITAL DE LICITAÇÃO PARA VENDA DE IMÓVEIS À VISTA - BANCO DO BRASIL - CESUP AVALIAÇÕES E PATRIMÔNIO - PR [illegible]

CARLA SOBREIRA UMINO [illegible] LEILÃO PÚBLICO [illegible] EDITAL DE LICITAÇÃO PARA VENDA DE IMÓVEIS À VISTA - BANCO DO BRASIL - CESUP AVALIAÇÕES E PATRIMÔNIO - PR [illegible]

seminários folha

Os temas mais necessários e relevantes a um play de distância de você.

Acesse o site folha.com/seminariosfolha

FOLHA NÃO DÁ PRA NÃO LER.

Empresas deverão desenvolver plano de saúde mental para funcionários

Júlia Galvão e
Ana Paula Branco

SÃO PAULO A partir deste ano, empresas brasileiras deverão incluir a avaliação dos riscos psicossociais em seus processos de gestão de segurança e saúde no trabalho. A decisão foi incluída na atualização da NR-1 (Norma Regulamentadora 1), que deverá ser implementada a partir de 25 de maio.

Com a mudança, riscos associados à saúde mental deverão ser identificados e gerenciados pelos empregadores. A atualização foi promovida pelo MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) em um cenário em que a preocupação com o tema se intensifica.

Segundo relatório de saúde mental da OMS (Organização Mundial da Saúde), cerca de 15% dos adultos em idade laboral apresentam algum tipo de transtorno mental em algum ponto de suas carreiras.

No Brasil, o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) aponta que os episódios depressivos se enquadravam no ranking das dez doenças que mais geraram concessão de benefício por incapacidade em 2023, dado mais recente.

Tatiana Gonçalves, especialista da Moema Medicina do Trabalho, diz que a saúde mental dos trabalhadores é crucial para o sucesso das empresas, que devem manter seus colaboradores motivados, produtivos e saudáveis.

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário ITAÚ UNIBANCO S/A, doravante designado VENDEDOR, [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 10/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 20/03/2025 às 14h

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

FRAZÃO Leilões — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — itaú

[illegible]

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

GRANDE LEILÃO ON-LINE BANCO DO BRASIL
LEILÃO Nº 2025/905502V(9055)
IMÓVEIS LOCALIZADOS NOS ESTADOS: GO/ MG/ PA/ PI/ PR/ RN E SE

DATA: 11/03/2025 À PARTIR DAS 14H00

OPORTUNIDADES EM IMÓVEIS URBANOS

Existindo valores não quitados de IPTU, ITR, CCIR, laudêmio e condomínio, o Banco do Brasil S.A. ficará responsável pela quitação dos valores a vencer até a data efetiva do registro da transferência do imóvel ao arrematante junto ao Cartório de Registro de Imóveis competente (matrícula), desde que estas não estejam mencionadas especificamente no lote do bem como de responsabilidade do arrematante. Após a data da efetivação do registro da transferência do imóvel na matrícula, será de responsabilidade do comprador todos os débitos, inclusive parcelas a vencer de parcelamentos realizados. (ITEM 16.7 DO EDITAL)

PAGAMENTO À VISTA!

Consulte relação completa de lotes e Edital em nosso site.

Informações: (11) 3393-3150 ou www.lancenoleilao.com.br

Lance no Leilão — Leiloeiro Oficial Carla S Umino - Jucesp 826 — Parceria

GRANDE LEILÃO ON-LINE BANCO DO BRASIL
LEILÃO Nº 2025/905501V(9055)
IMÓVEIS LOCALIZADOS NOS ESTADOS: GO/ PA/ PI E SE

DATA: 11/03/2025 À PARTIR DAS 12H00

OPORTUNIDADES EM IMÓVEIS URBANOS

Existindo valores não quitados de IPTU, ITR, CCIR, laudêmio e condomínio, o Banco do Brasil S.A. ficará responsável pela quitação dos valores a vencer até a data efetiva do registro da transferência do imóvel ao arrematante junto ao Cartório de Registro de Imóveis competente (matrícula), desde que estas não estejam mencionadas especificamente no lote do bem como de responsabilidade do arrematante. Após a data da efetivação do registro da transferência do imóvel na matrícula, será de responsabilidade do comprador todos os débitos, inclusive parcelas a vencer de parcelamentos realizados. (ITEM 16.7 DO EDITAL)

PAGAMENTO À VISTA!

Consulte relação completa de lotes e Edital em nosso site.

Informações: (11) 3393-3150 ou www.lancenoleilao.com.br

Lance no Leilão — Leiloeiro Oficial Carla S Umino - Jucesp 826 — Parceria

CRIPTOMOEDAS

CVM dos EUA diz que memecoins não estão sujeitas a supervisão

THE NEW YORK TIMES A SEC (Comissão de Valores Mobiliários dos Estados Unidos) afirmou na quinta-feira (27) que as memecoins não estão sujeitas a supervisão regulatória porque não são consideradas valores mobiliários.

A determinação pode ter implicações para a indústria de criptomoedas e para o presidente Donald Trump, que lançou sua própria memecoin antes da posse. A decisão é coerente com a abordagem regulatória leve que Trump prometeu em relação às criptomoedas.

$Trump, a memecoin de Trump, gerou controvérsia porque oscilou violentamente em valor e gerou altas taxas de negociação para o presidente. A declaração da SEC não mencionou a memecoin de Trump ou qualquer outro item específico, mas reconheceu o risco para investidores.

BIASI LEILÕES — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — Itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, [illegible] figura como Fiduciante **RAIMUNDO RENATO FERNANDES RODRIGUES** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line** [illegible] **dia 13 de março de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 48.000,00** [illegible] **TERRENO situado nesta cidade de Augusto Corrêa/PA, à Av. das Margaridas, no Residencial Lírios do Vale I, bairro Lírios do Vale** [illegible] **UMA CASA EM ALVENARIA** [illegible] **dia 24 de março de 2025, às 14:00 horas** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI LEILÕES — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — Itaú

1º Leilão: dia 10/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 20/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**) [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **DANIEL OLIVEIRA SANTOS** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO de modo Presencial e On-line** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

GRANDE LEILÃO ON-LINE BANCO DO BRASIL
LEILÃO Nº 2025/905503V(9055)
IMÓVEIS LOCALIZADOS NOS ESTADOS: CE/ GO/ MA/ MG/ PR/ RJ/ RS E SP

DATA: 12/03/2025 À PARTIR DAS 12H00

OPORTUNIDADES EM IMÓVEIS URBANOS

Existindo valores não quitados de IPTU, ITR, CCIR, laudêmio e condomínio, o Banco do Brasil S.A. ficará responsável pela quitação dos valores a vencer até a data efetiva do registro da transferência do imóvel ao arrematante junto ao Cartório de Registro de Imóveis competente (matrícula), desde que estas não estejam mencionadas especificamente no lote do bem como de responsabilidade do arrematante. Após a data da efetivação do registro da transferência do imóvel na matrícula, será de responsabilidade do comprador todos os débitos, inclusive parcelas a vencer de parcelamentos realizados.
(ITEM 16.7 DO EDITAL)

PAGAMENTO À VISTA!

Consulte relação completa de lotes e Edital em nosso site.
Informações: (11) 3393-3150 ou www.lancenoleilao.com.br

Lance no Leilão — **Leiloeiro Oficial Carla S Umino - Jucesp 826** — Parceria

GRANDE LEILÃO ON-LINE BANCO DO BRASIL
LEILÃO Nº 2025/905504V(9055)
IMÓVEIS LOCALIZADOS NOS ESTADOS: MG/ MS/ MT/ PR/ RJ E RS

DATA: 12/03/2025 À PARTIR DAS 14H00

OPORTUNIDADES EM IMÓVEIS URBANOS

Existindo valores não quitados de IPTU, ITR, CCIR, laudêmio e condomínio, o Banco do Brasil S.A. ficará responsável pela quitação dos valores a vencer até a data efetiva do registro da transferência do imóvel ao arrematante junto ao Cartório de Registro de Imóveis competente (matrícula), desde que estas não estejam mencionadas especificamente no lote do bem como de responsabilidade do arrematante. Após a data da efetivação do registro da transferência do imóvel na matrícula, será de responsabilidade do comprador todos os débitos, inclusive parcelas a vencer de parcelamentos realizados.
(ITEM 16.7 DO EDITAL)

PAGAMENTO À VISTA!

Consulte relação completa de lotes e Edital em nosso site.
Informações: (11) 3393-3150 ou www.lancenoleilao.com.br

Lance no Leilão — **Leiloeiro Oficial Carla S Umino - Jucesp 826** — Parceria

GRANDE LEILÃO ON-LINE BANCO DO BRASIL
LEILÃO Nº 2025/905505V(9055)
IMÓVEIS LOCALIZADOS NOS ESTADOS: BA/ GO/ MG/ MS/ PR E RJ

DATA: 13/03/2025 À PARTIR DAS 12H00

OPORTUNIDADES EM IMÓVEIS RURAIS

Existindo valores não quitados de IPTU, ITR, CCIR, laudêmio e condomínio, o Banco do Brasil S.A. ficará responsável pela quitação dos valores a vencer até a data efetiva do registro da transferência do imóvel ao arrematante junto ao Cartório de Registro de Imóveis competente (matrícula), desde que estas não estejam mencionadas especificamente no lote do bem como de responsabilidade do arrematante. Após a data da efetivação do registro da transferência do imóvel na matrícula, será de responsabilidade do comprador todos os débitos, inclusive parcelas a vencer de parcelamentos realizados.
(ITEM 16.7 DO EDITAL)

PAGAMENTO À VISTA!

Consulte relação completa de lotes e Edital em nosso site.
Informações: (11) 3393-3150 ou www.lancenoleilao.com.br

Lance no Leilão — **Leiloeiro Oficial Carla S Umino - Jucesp 826** — Parceria

DESKTOP S.A.

CNPJ/MF nº 08.170.849/0001-15 – NIRE 35300565266

RESUMO DO EDITAL DE 1ª CONVOCAÇÃO
PARA ASSEMBLEIA GERAL DE DEBENTURISTAS DA 5ª EMISSÃO DE DEBÊNTURES

A **DESKTOP S.A.**, companhia aberta, convoca os titulares das debêntures da 5ª emissão para Assembleia Geral de Debenturistas ("AGD"), em 21/03/2025, às 15h, em formato digital via Microsoft Teams. **Ordem do dia: (i)** outorga de garantia real mediante cessão fiduciária de direitos sobre contas vinculadas da Cine: Comunicação e Informática S.A. e da Desktop Internet Ltda.; **(ii)** alteração do Contrato de Cessão Fiduciária para inclusão de novos cedentes e ajuste das cláusulas contratuais; **(iii)** atualização do Anexo 1 do Contrato de Cessão Fiduciária em até 120 dias; **(iv)** alteração do Evento de Vencimento Antecipado previsto na Cláusula 6.1 da Escritura de Emissão para permitir distribuição de dividendos e recompras sob condições específicas; e **(v)** autorização para o Agente Fiduciário e o Emissor realizarem os atos necessários para implementação das deliberações. A AGD será instalada com a presença de Debenturistas representando no mínimo 50% + 1 das debêntures em circulação, e em segunda convocação com qualquer número. Informações adicionais podem ser obtidas pelo e-mail ri@desktop.net.br.

Sumaré, 28 de fevereiro de 2025.

Denio Alves Lindo
Diretor-Presidente

FRAZÃO LEILÕES — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — Itaú

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira Oficial [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **ANTONIO AUGUSTO FERREIRA** [illegible] **DEONICE FRANCISCA DE CAMARGO FERREIRA** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible]

BIASI LEILÕES — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — Itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**) [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI LEILÕES — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — Itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**) [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI LEILÕES — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — Itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**) [illegible] **ITAÚ ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS LTDA** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

Eufrázio

Desvendando o mercado de capitais

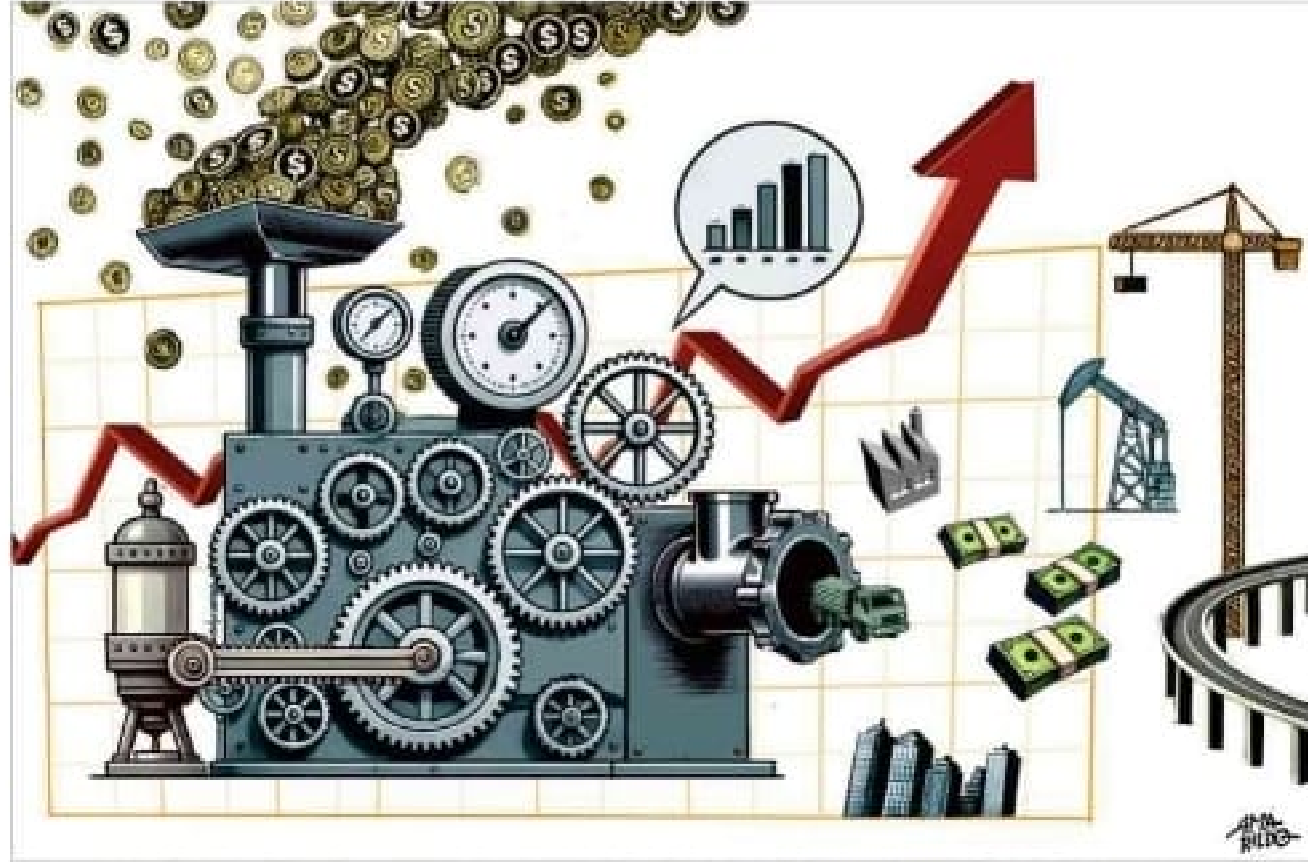
Emissões têm papel cada vez mais central no financiamento do desenvolvimento econômico

Ana Paula Vescovi
Economista-chefe do Santander Brasil

O mercado de capitais vem demonstrando maior maturidade após o desenvolvimento acelerado nos últimos oito anos. A realocação e a reprecificação de ativos vêm sendo dinâmicas, respondendo à interação entre os tomadores de recursos e os investidores, em razão do cenário macroeconômico.

O ambiente de juros altos, além de ser um teste de estresse natural, trouxe atratividade para as modalidades de renda fixa, com os mercados de renda variável e ativos híbridos atuando no sentido inverso.

No ano passado, as emissões de títulos de renda fixa, que pagam um rendimento ao investidor em troca do capital emprestado, somaram 6% do PIB, o triplo do observado em 2016, quando as emissões alcançaram 2% do PIB.



Amarildo

Do outro lado, saímos de um pico de 2% do PIB de emissões primárias e secundárias de ações em 2020 para fechar 2024 com apenas 0,2% do PIB. Nos ativos híbridos, tais como os fundos imobiliários e os Fiagro, nos quais se investe em quotas de participações, a contração foi de 0,8% para 0,4% do PIB, no mesmo período.

É curioso ver uma grande disposição das firmas em realizar novas emissões, apesar dos juros em níveis historicamente elevados. Para entender isso, vale olhar para o mercado como um todo.

Os spreads de novas emissões debêntures incentivadas (isentas do imposto de renda) se reduziram bastante no ano passado, reflexo de um aumento da demanda por esses títulos maior do que a oferta. Houve casos de empresas classificadas com baixo risco, em que o custo de captação ficou abaixo do custo das emissões soberanas (Tesouro), cujos papéis são considerados livres do risco de crédito. Essa demanda veio em grande parte por uma captação líquida recorde de fundos de renda fixa (R$ 243 bilhões), que migraram de fundos multimercados (-R$ 356 bilhões) e de ações (-R$ 10 bilhões). As novas emissões de debêntures somaram R$ 470 bilhões em 2024, dos quais 28,5% foram atraídos por incentivadas.

Em outras palavras, o investidor optou por migrar de ativos considerados de mais alto risco (multimercados/ações) para ativos percebidos como mais controlados (dívidas corporativas e fundos de crédito).

Isso também é perceptível pela falta de aberturas de capital na Bolsa, nos últimos três anos. Vale destacar o interesse nos fundos de investimento em direitos creditórios (FDICs), que atuam como veículos de securitização, ou seja, a transformação desses recebíveis das empresas em produtos de investimento negociáveis a mercado. A securitização permite, assim, antecipar fluxos futuros de recursos, com uma taxa de desconto. Os FDICs captaram R$ 16 bilhões em 2024.

Por um lado, isso implica maior concorrência na captação de recursos, com maior diversidade de produtos, o que abre espaço para o capital bancário se aprofundar no crédito para pessoas físicas ou empresas de menor porte. Adicionalmente, a ampliação de agentes provedores de crédito aumenta a capacidade econômica de distribuir riscos, dissipando gradualmente riscos individuais. Nesse ponto, tem havido grandes avanços com empresas focalizadas nesses créditos especiais ou estressados (inadimplidos), com especialização na sua recuperação.

Por outro lado, essa nova distribuição vai demandar ainda mais maturidade por parte dos investidores, pois o mercado creditício como um todo ainda é menos líquido do que o mercado de ações, de modo que flutuações tenham implicações mais significativas nas carteiras das famílias. Olhando apenas para os fundos de renda fixa e FDICs, estes somam hoje cerca de 36% do PIB em estoque. Há 15 anos, esse número era 20%.

O mercado de capitais brasileiro passou por uma transformação significativa, consolidando-se como uma alternativa robusta e eficiente ao financiamento bancário tradicional

Nesse sentido, já existe algum movimento na indústria de fundos buscando se antecipar a essas flutuações. Hoje, fundos de crédito livre, sem limite de exposição a papéis privados, estão retendo cerca de 17,5% de caixa. Ou seja, têm procurado manter alguma liquidez para fazer frente a eventos inesperados. Dessa forma, diante de um movimento mais significativo de resgates, há um colchão preparado para evitar a necessidade de venda de ativos menos líquidos, a preços que, nessas ocasiões, costumam ser desvantajosos. Um provável aprendizado ocorreu com os eventos do início de 2023, quando o mercado reprecificou riscos, corrigiu spreads, mas seguiu adiante.

O mercado de capitais brasileiro passou por uma transformação significativa, consolidando-se como uma alternativa robusta e eficiente ao financiamento bancário tradicional. A expansão das emissões de dívida corporativa, o amadurecimento dos investidores e a diversificação dos agentes de crédito demonstram um ecossistema financeiro mais resiliente e sofisticado.

Com a crescente concorrência na captação, adoção de tecnologias, avanços na regulação e na autorregularão e o necessário aprimoramento da gestão de riscos, o Brasil poderá avançar para um cenário no qual o mercado de capitais tenha um papel cada vez mais central no financiamento do desenvolvimento econômico.

Olhando para o futuro, essa evolução abre caminho para maior eficiência na alocação de recursos, novas oportunidades de investimento e um ambiente financeiro mais dinâmico e acessível, fortalecendo a base para o crescimento sustentado.

Justiça aceita nova suspensão de processos contra a 123Milhas

Diego Felix

SÃO PAULO O Tribunal de Justiça de Minas Gerais prorrogou por mais 180 dias o período de suspensão das execuções judiciais direcionadas à 123Milhas e determinou a publicação de um edital avisando os credores sobre o recebimento do plano de recuperação, apresentando há pouco mais de um mês.

Agora, os credores terão 30 dias para apresentar objeções ao plano da 123Milhas.

Na sentença publicada na sexta-feira (28), a juíza Claudia Helena Batista, da 1ª Vara Empresarial da Comarca de Belo Horizonte, concedeu ainda um prazo extra de dez dias para que as empresas que participam do mesmo grupo calculem todo o volume de dívidas cobradas na Justiça e que estavam pendentes.

De acordo com o processo, as cinco empresas que compõem o grupo 123 pediram a prorrogação em razão do número de credores que questionam no Judiciário dinheiro a receber.

A companhia havia solicitado o aumento do chamado "stay period" para 180 dias ou, pelo menos, até a homologação do plano de recuperação judicial, apresentado ao TJ-MG no final de dezembro.

A administração judicial da companhia deu aval à prorrogação e disse aos magistrados que, até o momento, as empresas envolvidas na recuperação não atrasaram o processo. Disse também que o edital com a lista de credores foi publicado em 24 de outubro, causando "alongamento atípico" da fase de verificação de créditos.

Na sentença, a juíza Claudia Helena Batista afirmou que, além das dificuldades encontradas para incluir todos os credores no processo, o volume de trabalho é atípico e complexo.

"Observa-se que, no presente caso, a necessária flexibilização da regra é medida que se faz necessária considerando que, em razão da atipicidade do volume de credores (o que também ensejou na majoração dos prazos destinados à verificação administrativa de créditos), é natural que o procedimento perdure por extenso período, para além, inclusive, do prazo suspensivo previsto na lei", escreveu a juíza da 1ª Vara Empresarial da Comarca de Belo Horizonte.

De acordo com Gabriel Britto, advogado do Ibraci (Instituto Brasileiro de Cidadania), responsável por uma ação civil pública contra a empresa de viagens, a assembleia-geral de credores será convocada caso haja alguma objeção ao plano feito pela empresa.

R$ 2,4 bilhões
são os créditos sujeitos a recuperação. Além da 123Milhas integram o processo de recuperação judicial a Hotmilhas (Art Viagens), a Novum, a Maxmilhas e a LH Lance Hotéis

800 mil
é o número aproximado de credores em todo o país

Nela, "os credores, conjuntamente, poderão aprovar o plano, determinar modificações ou rejeitar o plano, aí o caminho será a falência", disse o advogado.

No plano, a empresa propõe a divisão dos credores entre ex-funcionários, quirografários (que inclui clientes com vouchers, passagens não emitidas e milhas), microempresas e empresas de pequeno porte, como previsto na lei que regula esse tipo de processo.

Para cada grupo há diferentes formas de pagamento, como opção com cashback e até 40% de redutor para quem tem dinheiro a receber de viagens. Os que desejarem o pagamento integral sem outras compras deverão aguardar seis anos e meio para receber.

Zelenski busca Londres após atrito com EUA; briga foi grotesca, diz Lula

Presidente ucraniano e premiê do Reino Unido se reúnem para tentar fortalecer Kiev

Victor Lacombe

SÃO PAULO O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, encontrou-se neste sábado (1º) com o primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, em tentativa de reforçar o apoio europeu a seu país após o racha com os Estados Unidos de Donald Trump, com quem protagonizou um bate-boca ao vivo na Casa Branca na sexta (28).

Ao receber Zelenski na Downing Street, em Londres, Starmer disse que o presidente "tem total apoio do Reino Unido pelo tempo que for necessário". No encontro, Londres e Kiev assinaram um acordo de empréstimo de 2,26 bilhões de libras (aproximadamente R$ 17 bilhões) para reforçar a defesa da Ucrânia.

O ucraniano foi ovacionado por britânicos que se reuniram em frente à sede do governo. "O senhor é muito, muito bem-vindo aqui. O povo do Reino Unido está aqui para demonstrar que o apoia. Nossa determinação para atingir uma paz justa e duradoura é inquebrantável", disse o líder britânico.

Zelenski agradeceu "ao povo do Reino Unido por seu grande apoio desde o começo desta guerra".

O esforço também busca fortalecer a posição da Ucrânia em futuras negociações de paz com a Rússia —no momento, com incertezas a respeito do apoio americano, Zelenski tem poucas cartas na mão, como Trump fez questão de enfatizar, para buscar um acordo que não seja desastroso para seu país.

Cientes disso, outros líderes europeus insistem que o ucraniano repare suas relações com Trump para evitar uma catástrofe militar que tornaria irrelevante qualquer conversa sobre um acordo de paz.



Volodimir Zelenski (esq.) cumprimenta Keir Starmer em Londres Peter Nicholls/Pool via Reuters

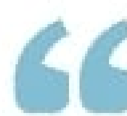
O secretário-geral da Otan, Mark Rutte, disse que Zelenski precisa "encontrar uma maneira" de voltar a conversar com o republicano.

"Eu disse para ele que precisamos dar crédito ao que Trump fez no passado", afirmou Rutte, em referência à entrega de equipamento militar ainda no primeiro mandato do presidente que foram importantes para a sobrevivência da Ucrânia no início da invasão russa. "Precisamos agradecer o que os EUA fizeram desde então e o que fazem hoje", disse o líder da aliança militar que, sem Washington, perde razão de ser.

Antes de desembarcar no Reino Unido, Zelenski havia dito que é muito importante que o sofrimento da Ucrânia seja ouvido e não esquecido e chamou o apoio dos EUA de crucial.

"É importante que o povo da Ucrânia saiba que eles não estão sozinhos, que seus interesses estão representados em todos os países, em todos os cantos do mundo", prosseguiu.

Na noite de sexta, horas depois de ouvir de Trump que vai perder a guerra "se for valentão com os EUA", Zelenski fez uma aparição defensiva na televisão americana e disse que seu país não quer perder os EUA como parceiros.



Eu, sinceramente, acho que desde que o planeta Terra foi criado, desde que a diplomacia foi criada, não se via uma cena tão grotesca, tão desrespeitosa

Lula
sobre discussão de Trump e Zelenski

Em entrevista à emissora Fox News, simpática a Trump, Zelenski reforçou repetidas vezes que seu país precisa de garantias de segurança como parte de qualquer acordo de paz entre Ucrânia e Rússia, que invadiu o vizinho em 2022. Quando questionado sobre um possível arrependimento da briga em público com Trump, disse que "às vezes é preciso discutir coisas fora da mídia".

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou neste sábado (1º) a jornalistas do Uruguai que o bate-boca na Casa Branca entre Donald Trump e Volodimir Zelenski foi uma cena grotesca e desrespeitosa e que o ucraniano foi humilhado pelo americano.

"Eu, sinceramente, não sou diplomata, mas acho que desde que o planeta Terra foi criado, desde que a diplomacia foi criada, não se via uma cena tão grotesca, tão desrespeitosa como aquela que aconteceu no Salão Oval da Casa Branca", afirmou o brasileiro.

"Há uma parcela da sociedade que vive do desrespeito aos outros, e que não é possível falar de democracia se não há respeito ao outro ser humano. Acho que o Zelenski foi humilhado", continuou.

Em um editorial publicado neste sábado, o jornal ucraniano European Pravda disse que, embora o bate-boca entre Zelenski e Trump tenha prejudicado a relação entre os países, a postura do presidente ucraniano "sinalizou de forma importante que a Ucrânia leva sua soberania a sério".

"Não importa para onde a história nos levará, o mundo, incluindo Donald Trump, agora sabe que essas questões são cruciais para a Ucrânia", diz a publicação.

O ex-presidente da Rússia Dmitri Medvedev disse no sábado que seu país está pronto para "ser flexível" em conversas sobre o fim da guerra, mas não deixará de reconhecer "a realidade do front".

Com Reuters e AFP

Trump empodera vice J. D. Vance como o valentão da sua diplomacia

Análise

Igor Gielow

Entre todas as ondas sísmicas que reverberam da humilhação pública imposta por Donald Trump a Volodimir Zelenski no Salão Oval nesta sexta (28), uma figura se destaca: a do vice americano, J. D. Vance.

Ele assumiu a linha de frente ao lado do chefe no massacre ao vivo do líder ucraniano. Interveio mais de uma vez no já acalorado debate entre os dois presidentes e questionou se Zelenski pensava em agradecer alguma vez pelos quase R$ 700 bilhões que os EUA já enviaram a Kiev resistir à invasão de Vladimir Putin.

Trump e seu vice podem ter assumido a retórica russa do conflito, mas neste ponto específico não estão sozinhos. São notórios os casos em que autoridades ocidentais se queixavam da abordagem agressiva do ucraniano por apoio. "Nós não somos a Amazon", queixou-se em 2023 um aliado, o então secretário de Defesa britânico, Ben Wallace.

Vance, um convertido ao trumpismo, assumiu um papel inédito nessa largada de governo. Para usar a expressão de Trump a Zelenski, ele foi empoderado pelo chefe para ser um valentão, no caso na disputa de Washington com seus parceiros europeus.

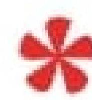
O principal palco da briga é Kiev, mas já houve cotoveladas acerca de regulação de inteligência artificial e até um estranhamento com o papa Francisco. No seu infame discurso em Munique há duas semanas, Vance chocou os aliados ao acusar os europeus de serem seus próprios inimigos e dizendo que os EUA não estarão lá para sempre.

Hoje, a segurança europeia depende largamente dos EUA, e não se trata apenas de metas de gasto militar —os americanos somam 39,4% do orçamento global de defesa, ante 22,1% de todos seus aliados no continente.

Mas só os americanos têm hoje capacidade logística para a eventualidade de um conflito de alta intensidade e longa duração. Só de aviões de transporte pesados, os EUA têm uma frota de 182 aeronaves, ante 132 dos europeus, por exemplo.

Na diplomacia de força bruta esposada por Trump, é isso que vale. Vance acenou com a retirada de tropas americanas da Europa, algo que o presidente tentou fazer sem sucesso no primeiro mandato (2017-21) porque, ao fim, as bases servem à projeção global de poder do país.

Hoje há cerca de 64 mil militares americanos no continente, pouco mais da metade na Alemanha. Isso contrasta com as ideias isolacionistas do guru de Vance, o pensador conservador Patrick Deneen, advogado de um EUA fechado ao mundo.



Se continuar com o destaque atual, Vance romperá uma tradição americana, que é a de o vice ser decorativo. Um desafio para para isso é o holofote. O presidente é conhecido por afastar quem busca ofuscá-lo, como foi o caso do seu então estrategista Steve Bannon

Se continuar com o destaque atual, Vance romperá uma tradição americana, que é a de o vice ser decorativo. Um desafio para para isso é o holofote. O presidente é conhecido por afastar quem busca ofuscá-lo, como foi o caso do seu então estrategista Steve Bannon.

Em favor de Vance há a realidade constitucional americana de que Trump não pode se candidatar à reeleição.

Com isso, o herdeiro presumido se mostra ao mundo, de olho na campanha de 2028, restando saber se Trump aplicará um dia a continuação da frase do valentão a Zelenski: "Você não acha que pode ser um valentão sem os EUA", trocando aí o país pelo presidente.

Republicano enfrenta enxurrada de ações por negar pedidos de asilo a migrantes

Donald Trump afirma que há invasão na fronteira com o México, mas organizações de direitos civis contestam o argumento na Justiça

PESADELO AMERICANO

Julia Chaib

CIUDAD JUÁREZ (MÉXICO) E EL PASO (EUA) Ao afirmar que existe uma invasão na fronteira dos Estados Unidos com o México, o presidente Donald Trump não criou apenas uma bandeira de discurso. Ele tentou pavimentar a estrada legal para garantir que seus decretos fiquem de pé diante de tribunais. Suas medidas para fechar a fronteira, no entanto, enfrentam uma enxurrada de ações judiciais.

O republicano assinou no dia 20 de janeiro, poucas horas após tomar posse, uma série de decretos mirando aquela região do país. O objetivo declarado é suspender a entrada de imigrantes nos EUA, inclusive aqueles que buscam asilo ou refúgio. Ampliou ainda a vigilância e decidiu enviar militares à fronteira. Neste sábado (1º), o governo anunciou que enviará mais 3.000 homens.

Apontar uma invasão seria a base para dar legalidade ao atos do presidente, que, na prática, contrariam leis internacionais e da própria Constituição americana. O argumento consta em uma ação protocolada pela ACLU (União Americana Pelas Liberdades Civis), assinada junto com outras três associações, para que os EUA retome o direito das pessoas de requererem asilo no país.

Com dois decretos, o presidente americano eliminou o aplicativo CPB One, que dava a possibilidade de imigrantes pedirem asilo na fronteira enquanto aguardam o processamento por uma corte em território americano, e vetou ainda as outras formas pelas quais eles poderiam pedir a proteção.

A opção de agendar audiências de asilo e passar por uma entrevista para entrar nos EUA foi criada em maio de 2023 por Joe Biden para tentar organizar o fluxo na fronteira. Até então, as pessoas buscavam meios de entrar no país ou se apresentar nos postos de entrada para fazer o pedido.

Convenções internacionais e um estatuto aprovado pelo Congresso determinam que, uma vez estando nos EUA, imigrantes que se sentem em perigo em seus países de origem podem requisitar o asilo — e aguardar no país solicitado para ver se os tribunais acatam ou não o pedido. Essa operação é conhecida como kamikaze.

Ainda no governo Biden, muitos cruzavam a fronteira de forma irregular para se entregar aos agentes da fronteira e para pedir asilo. Ou mesmo iam até as portas das cidades fronteiriças para isso. Na teoria, os agentes deveriam dar aos imigrantes essa chance. Na prática, porém, nem todos eram aceitos. Sob Trump, essa situação não é mais permitida, e a orientação a quem trabalha na fronteira é deportar qualquer um que tente entrar irregularmente.

O procedimento anterior se somava a outras possibilidades para imigrantes pedirem proteção: refúgio, em que as solicitações são feitas e processadas no país de origem — e uma vez aprovada, a pessoa viaja aos EUA; e uma proteção temporária, criada por Biden, a imigrantes de países específicos que permite que os beneficiados fiquem por ao menos dois anos nos EUA se tiverem um patrocinador.

Até dia 20 de janeiro, essa proteção temporária era dada a cidadãos de Cuba, Haiti, Nicarágua e Venezuela. Já no dia da posse, Trump mandou encerrá-las. Ainda há o Status Temporário de Proteção, que existe desde 1991 e garante visto humanitário a cidadãos de 16 países, mas o republicano também já acabou com essa previsão para haitianos, por exemplo.

A cantora Bela, 55, deixou Cuba em 2024 para tentar ingressar nos EUA. Ela já tem status de refugiada no México, mas prefere tentar cruzar ao vizinho ao norte. Além de ser imigrante, ela diz que ser uma mulher trans é um fator que a faz enfrentar dificuldade de conseguir emprego no México.

"Eu tive que me prostituir porque nunca me dão trabalho", conta. Ainda assim, segundo ela, permanecer no México é uma opção melhor do que regressar a Cuba.

Antes de ir a Ciudad Juárez, onde está agora em um abrigo, Bela passou meses na Cidade do México. Ela decidiu subir à fronteira para tentar ingressar legalmente nos EUA já temendo medidas que Trump poderia implementar e que foram promessas de campanha.

"Queria cruzar antes [da posse do republicano] porque sabíamos que depois seria impossível. Como não saiu a consulta [do aplicativo CBP One] a tempo, o que resta é cruzar [ilegalmente]. Eu fui até a ponte em 26 de dezembro e disse: 'olhe, eu sou cubana', e pensei que a comunidade sempre teve uma espécie de prioridade. Pensei que seria fácil, mas fui recusada e tive que voltar", relata.

O venezuelano Edgar, 21, cumpre os requisitos para pedir proteção. "Eu era funcionário do governo. Quando quis sair legalmente, me disseram que não, que não podia me aposentar", conta.

Após a eleição na Venezuela, em julho passado, ele diz que pessoas com seu perfil passaram a ser perseguidas e presas. "Eles saíram para buscar cada pessoa que votou contra ele [o ditador Nicolás Maduro]."

Medidas não impedem imigração irregular: "coiotes estão felizes", diz o professor Jeremy Slack, do Departamento de Sociologia da Universidade do Texas em El Paso.

Slack afirma que o crime organizado está cada vez mais conectado ao cruzamento ilegal da fronteira, o que tem levado ao aumento na recrutamento de crianças e adolescentes para trabalhar como coiotes. Isso porque é mais difícil para as autoridades americanas responsabilizá-los criminalmente. Caso sejam pegos, podem tentar retornar ao país de origem sem maiores penas.

"Falei com coiotes desde a eleição [de Trump], e eles estão muito felizes. Eles acham que agora as pessoas vão ter de pagar para cruzar porque não há outras opções. Antes, você podia marcar uma simples consulta no seu telefone e caminhar até a fronteira, e agora não mais", conta o especialista.



Série aborda migração entre EUA-México

A **Folha** viajou do sul ao norte do Texas, percorrendo cerca de 1.500 quilômetros de carro durante sete dias, e parou em quatro cidades: Brownsville, McAllen, Laredo e El Paso.

Em três delas, cruzou a fronteira para o México a pé para Matamoros e Reynosa, cidades dominadas por organizações criminosas, e Ciudad Juárez. Lá, a reportagem conheceu imigrantes que dizem estar sem ter para onde ir, viu a preparação para receber deportados dos Estados Unidos e colheu relatos da violência que marca alguns desses lugares.

As histórias são contadas na série Pesadelo Americano. Este é o quinto e último capítulo.



Palestinos em Rafah, em Gaza, fazem o Iftar, a refeição após o pôr-do-sol que quebra o jejum no mês sagrado do Ramadã Hatem Khaled/Reuters

Hamas rejeita proposta de Israel para estender trégua

CAIRO | REUTERS O grupo terrorista Hamas afirmou neste sábado (1º) que rejeitou a proposta de Israel para estender a primeira fase do cessar-fogo em Gaza no dia em que a primeira etapa do acordo está programada para expirar.

O porta-voz do grupo, Hazem Qassem, também disse que não há negociações em andamento para uma segunda fase de interrupção dos conflitos em Gaza.

O Hamas devolveu, na manhã da última quinta (27), 4 corpos de israelenses, 3 mortos em cativeiro e 1 durante o ataque do Hamas, de acordo com Israel. O Fórum de Famílias de Reféns confirmou suas identidades. Em seguida, Israel libertou mais de 600 prisioneiros palestinos. Esta foi a última ação da primeira fase da trégua, em vigor desde 19 de janeiro. Os termos anunciado na época previam que a segunda fase seria negociada mais tarde, mas um acordo ainda não foi concluído.

Milei está cada vez mais parecido com Cristina

Tanto o ultraliberal quanto a peronista atacam a imprensa tradicional

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

De cara, poderíamos dizer que ambos odiariam esse título. O atual presidente da Argentina, Javier Milei, construiu durante a campanha a figura de um outsider, disposto a varrer tudo o que a velha política ou —como ele prefere dizer, a casta— havia significado para o país.

Também renovou o slogan "que se vayan todos" (que todos vão embora) gritado nas ruas de Buenos Aires durante os piquetes de 2001/2002 que paralisaram o país e obrigaram o então presidente, Fernando de la Rúa, a fugir de helicóptero da Casa Rosada, enquanto a repressão comia solta na praça de Maio.

Cristina Kirchner tampouco se sentiria bem ao ser comparada a Milei, o radical de ultradireita que surgiu catapultado pelo sentimento de raiva contra ela, vindo das periferias e amplificado pelas redes sociais, onde o mileísmo fez sua plataforma baseada numa articulada e mentirosa política de desinformação.

Ela responderia, corretamente, que os Kirchner pertencem a uma corrente política tradicional, o peronismo, que pode ser polêmica e cheia de nuances, mas até aqui tem sido a única —e isso é fato— a estabelecer canais duradouros com as periferias do país, com suas promessas de mais justiça social muitas vezes alcançadas sob custo de dívidas e calotes.

Se há algo que não se pode dizer na Argentina é que o peronismo tenha dificuldade para chegar aos mais pobres. Mais do que isso, são os únicos que de fato os acompanham, ainda que as consequências econômicas depois sejam custosas. Por que ambas as correntes se parecem tanto?

O paralelo mais chamativo é o fato de ambos atacarem meios de comunicação tradicionais. Tanto o mileísmo quanto Cristina odeiam esses meios tradicionais e preferem conversar com eleitores nas redes ou cara a cara

O paralelo mais chamativo é o fato de ambos atacarem com veemência os meios de comunicação tradicionais. Tanto o mileísmo —com seu exército de trolls e sua estratégia de comunicação armada por Santiago Caputo, o Rasputin do governo— quanto Cristina odeiam esses meios tradicionais e preferem conversar diretamente com seus eleitores, por meio das redes ou dos encontros cara a cara. Ambos adoram comícios, atos e o clima de uma eterna campanha.

Durante a gestão Cristina, aprovou-se a Lei de Meios, obrigando os principais monopólios da mídia, como o Grupo Clarín ou o Grupo La Nación, a desfazerem-se de alguns de seus negócios. Ao final, tudo ficou num elas por elas, uma vez que estes foram passados a grupos ou empresários amigos.

O que Milei tem de parecido nessa seara é o fato de expressar um profundo desrespeito pela atividade jornalística. Tendo como base de apoio jovens que catapultaram sua candidatura "contra tudo o que está aí", principalmente via internet e durante a pandemia, Milei, assim como Cristina, aposta numa democracia direta, sem intermediários.

São influencers e blogueiros que têm acesso aos bastidores de seus discursos, que falam com seus ministros. Um jornalista independente ali fica perdido entre pedidos de suborno ou o receio de ser achincalhado no processo de pedir uma entrevista ao presidente.

Neste fim de semana, quando começam as jornadas do novo ano legislativo, Milei e Cristina voltam a se parecer. Como a peronista, Milei lança decretos sobre diferentes temas, sem esperar as discussões no Congresso, criando animosidades entre os Poderes.

O verdadeiro desafio de Milei está apenas começando. Para manter-se coerente com seu discurso, deveria começar por diferenciar-se de seus antecessores.

DOM. Sylvia Colombo **SEG.** Bianca Santana
QUA. Rui Tavares QUI. Lúcia Guimarães SAB. Igor Patrick



(Da esq. à dir.) Orsi, Gustavo Petro (Colômbia), Lula e Gabriel Boric (Chile), em Montevidéu Presidência do Chile via AFP

Yamandú Orsi toma posse e marca retorno da esquerda ao poder no Uruguai após 5 anos

Herdeiro político de Mujica, novo presidente representa renovação na política do país; Lula participa da cerimônia em Montevidéu

SÃO PAULO O esquerdista Yamandú Orsi tomou posse neste sábado (1º) como presidente do Uruguai, marcando o retorno da esquerda ao poder no país latino-americano depois de cinco anos sob a centro-direita de Luis Lacalle Pou no ano em que se comemora 40 anos do fim da ditadura uruguaia.

Herdeiro político de José "Pepe" Mujica, Orsi, que lidera a coalizão de esquerda e centro-esquerda Frente Ampla, venceu as eleições do dia 24 de novembro com cerca de 50% dos votos, derrotando o candidato governista Álvaro Delgado, do Partido Nacional. Após uma transição tranquila, Orsi governará o Uruguai até 2030.

Na cerimônia, Orsi prestou juramento à Constituição na Assembleia Geral, o Parlamento uruguaio. Depois, na Praça da Independência, em Montevidéu, ocorreu a passagem da faixa e o discurso do presidente empossado.

O presidente Lula (PT) foi ao Uruguai e participou da cerimônia, assim como o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, do Chile, Gabriel Boric, e o rei da Espanha, Felipe 6º. Antes da posse, Lula se encontrou com Orsi, Petro e Boric.

Ao chegar na cerimônia, Lula disse que acha "muito importante o Uruguai ter um presidente que acredita sistematicamente no fortalecimento da América do Sul e no fortalecimento da Unasul [União de Nações Sul-Americanas]".

Professor de história, Orsi tem 57 anos e foi duas vezes governador do departamento de Canelones, que circunda Montevidéu no mapa e reúne 520 mil habitantes, 15% da população de pouco mais de 3 milhões de pessoas do Uruguai. Ele chega ao cargo máximo da nação com 53% de popularidade e uma série de desafios, como o alto custo de vida e a segurança —este último tema é citado pelos uruguaios em pesquisas como sendo o de maior preocupação.

No Uruguai, a taxa de homicídios é de 10,5 por 100 mil habitantes, e a população carcerária é de 445 presos por 100 mil habitantes, a mais alta da América do Sul e a décima mais alta do mundo —no Brasil, esse número era de 389 presos por cada 100 mil habitantes em 2023, segundo relatório da ONG World Prison Brief. Há 663 mil pessoas presas no Brasil, segundo o CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

O futuro presidente pertence à mesma força política de Mujica, o MPP (Movimento de Participação Popular), que, fundado em 1989, marcou a entrada dos ex-guerrilheiros tupamaros na política institucional. Nesse sentido, Orsi é uma renovação de antigos quadros nacionalmente conhecidos, como Tabaré Vázquez, morto em 2020, e Mujica, a velha guarda da esquerda uruguaia.

O novo presidente chega ao poder com seu partido no controle do Senado, mas sem maioria na Câmara dos Deputados, onde terá que negociar com a oposição.

A diplomacia brasileira deposita em Orsi esperanças de que ele possa servir como um contraponto ao presidente argentino, Javier Milei —o ultraliberal não participou da posse, uma vez que tinha na agenda a abertura do ano legislativo no Congresso da Argentina neste sábado.

Também não estavam presentes representantes de Cuba, Venezuela e Nicarágua, ditaduras de esquerda que não foram convidadas por Lacalle Pou. "Ninguém da Venezuela vem", disse na quinta (27) o futuro ministro das Relações Exteriores, Mario Lubetkin. Com AFP

DUAS SEMANAS INTERNADO

Papa Francisco segue estável, sem febre e sem novas crises

SÃO PAULO A situação de saúde do papa Francisco permanece estável, e o pontífice não teve febre nem novas crises respiratórias, disse neste sábado (1º) o Vaticano no seu boletim noturno sobre a condição do líder da Igreja Católica.

Segundo a equipe média do hospital Gemelli, Francisco alternou entre a ventilação mecânica não invasiva e oxigenação de alto fluxo, ou seja, recebendo oxigênio concentrado pelas vias áreas, sem necessidade de intubação. O boletim afirma que o papa continua se alimentando e fazendo fisioterapia normalmente, está acordado e alerta. No fim da tardeele recebeu a Eucaristia e rezou.

No boletim anterior, a equipe médica disse que o papa havia tido uma noite tranquila, indicou a Santa Sé em breve comunicado, como tem sido praxe nos boletins matinais. O pontífice já está internado há duas semanas, e seu caso, depois de melhora contínua ao longo da semana, voltou a preocupar na sexta (28), quando Francisco passou por crise respiratória que causou vômito, que acabou inalado e precisou ser aspirado pelos médicos.



O Sambódromo da Marquês de Sapucaí, no Rio; avenida recebe escolas do Grupo Especial a partir deste domingo (2) José Lucena/Thenews2/Folhapress

Carnaval do Rio muda formato com filho de contraventor no comando de liga de escolas

Gabriel David, 27, novo presidente da Liesa, institui três noites de desfiles e altera critérios de julgamento; dirigentes temiam mudanças radicais

Yuri Eiras e Aléxia Sousa

RIO DE JANEIRO Gabriel Oliveira David, 27, assumiu a presidência da Liesa (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) em maio de 2024 com o discurso de "ultrapassar fronteiras sem perder o diálogo".

Filho de Anísio Abraão David, contraventor e patrono da Beija-Flor de Nilópolis, Gabriel assumiu o cargo sob olhares desconfiados de fãs de Carnaval e dirigentes das escolas de samba, incluindo parte da cúpula do jogo do bicho ainda ativa.

O temor era de que o jovem instituísse mudanças radicais demais e desse aos desfiles um caráter de festival musical. A desconfiança em parte foi superada, segundo dirigentes ouvidos pela reportagem.

O presidente da liga é auxiliado pelo tesoureiro João Felipe Drumond, neto de Luiz Pacheco Drumond, contraventor morto em 2020, e por Marcelo Calil Petrus Filho, presidente da Viradouro e neto do bicheiro Antônio Petrus Calil, o Turcão, morto em 2019.

A família do bicheiro Ailton Guimarães Jorge, o Capitão Guimarães, está presente na Liesa por meio do sobrinho Julio Cesar Guimarães, presidente do conselho deliberativo.

Em janeiro, no aniversário do ex-presidente da Liesa Jorge Perlingeiro, Capitão Guimarães fez um discurso que foi recebido por dirigentes de agremiações como um recado a Gabriel.



Leg Ugiatecto et estiand ucides ium fugiat quam fugiasp erferep tiorenet ommolor eristis minima

"Nós somos modernos, mas não vamos descaracterizar aquilo que tem de mais puro. Não chegamos a ser o melhor espetáculo a céu aberto do mundo sem evoluir. Mas, dentro da nossa casa, também não vamos permitir a descaracterização dos desfiles da escola de samba. Nós não somos Rock In Rio", disse.

A principal mudança é no número de dias: os desfiles do Grupo Especial acontecem a partir deste ano em três dias (domingo, segunda e terça-feira), e não mais em dois dias (domingo e segunda-feira), formato consagrado desde quando o Carnaval passou para o sambódromo, em 1984 — antes, as apresentações aconteciam em um único dia.

Assim, as 12 escolas do Grupo Especial se apresentam nos dias 2, 3 e 4 de março. Quatro escolas se apresentam por noite, o que deve encerrar a jornada por volta das 4h, extinguindo as cenas de desfiles sob o nascer do sol.

Gabriel defende que, antes, a última escola não aproveitava 100% a iluminação cênica da avenida e desfilava em ambiente diferente das anteriores, o que poderia impactar o resultado.

"São diversos benefícios, não só para as escolas ou para a Liesa, mas para todo o nosso país. Em termos de competição, você torna o campeonato mais justo, uma vez que, com a importância da iluminação, garante que todas as agremiações possam utilizar o recurso sem luz do dia."

Além disso, o tempo de apresentação de cada escola foi estendido de 60 minutos para 70 minutos. E as notas dos jurados serão fechadas ao final de cada noite.

"Os três dias de desfiles competitivos do Carnaval são um desafio, estamos muito empolgados", completa o novo presidente.

A Liesa criou um pacote de ingressos que dá direito a assistir aos três dias de desfiles por R$ 450. As entradas acabaram em pouco mais de um mês.

A nova gestão modernizou o sistema de venda de entradas e fechou parcerias comerciais, com marcas de água e cerveja, por exemplo, que vão vender latas nas cores das escolas em supermercados e no sambódromo.

"Já para a venda de ingressos, que hoje é o maior recurso financeiro para as escolas, [os três dias de desfile] aumentam a receita e ainda permite que mais pessoas estejam presentes na Sapucaí em dias diferentes. A gente também tem uma questão que é a movimentação econômica da cidade e do estado do Rio de Janeiro, fazendo com que o turista permaneça por mais tempo por aqui."

O novo presidente também alterou o formato do fim dos desfiles. Depois que a última escola de cada noite encerrar o cortejo, começará uma roda de samba na praça da Apoteose, gratuita para quem estiver na Sapucaí.

O evento deve acontecer entre 4h e 6h e tem a função, segundo a Liesa, de diluir a saída do público para evitar superlotação nos portões e no transporte público.

Critérios técnicos de julgamento também foram modificados. O manual do julgador deixou mais clara a diferença entre a harmonia (a unidade do canto da escola de samba) e a evolução (a fluidez da passagem dos componentes pela avenida) e flexibilizou os sambas de enredo, que não precisam estar tão presos às sinopses.

Presidentes e diretores ligados às agremiações atribuem o bom recebimento das mudanças à comunicação mais moderna. Gabriel divulga informações nas redes sociais e em podcasts, numa tentativa de atrair jovens para o Carnaval das escolas de samba.

Dirigentes de agremiações, sob reserva, dizem que querem observar de perto a questão dos camarotes da Sapucaí. Os espaços, que aumentaram de tamanho nos últimos anos, têm recebido críticas por atrapalhar as apresentações, com o som alto que vaza na Sapucaí.



Veja a ordem dos três dias de desfiles no RJ

DOMINGO (2/3)
- 22h Unidos de Padre Miguel
- 23h30 Imperatriz Leopoldinense
- 0h50 Viradouro
- 2h Mangueira

SEGUNDA (3/3)
- 22h Unidos da Tijuca
- 23h30 Beija-Flor
- 0h50 Salgueiro
- 2h Vila Isabel

TERÇA (4/3)
- 22h Mocidade Independente de Padre Miguel
- 23h30 Paraíso do Tuiuti
- 0h50 Grande Rio
- 2h10 Portela

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Fotos Ronny Santos/Folhapress





Zeca Pagodinho dispensa cachê de R$ 400 mil por cansaço de cantar na madrugada

A grande ausência do Carnaval deste ano no Sambódromo de São Paulo é a de Zeca Pagodinho. Estrela absoluta do camarote Bar Brahma há quase dez anos, levando o público ao delírio no espaço, o sambista desta vez preferiu descansar — apesar do cachê de cerca de R$ 400 mil que, segundo a coluna apurou, ele recebe por apresentações nesta época de Carnaval.

*

Ao ser mais uma vez convidado para animar a festa, Zeca ponderou aos organizadores que a obrigação de começar seu show perto da meia-noite, e se estender madrugada adentro, era muito exaustiva. Já no Carnaval de 2023, Zeca afirmou à coluna que estava chegando em seu limite.

*

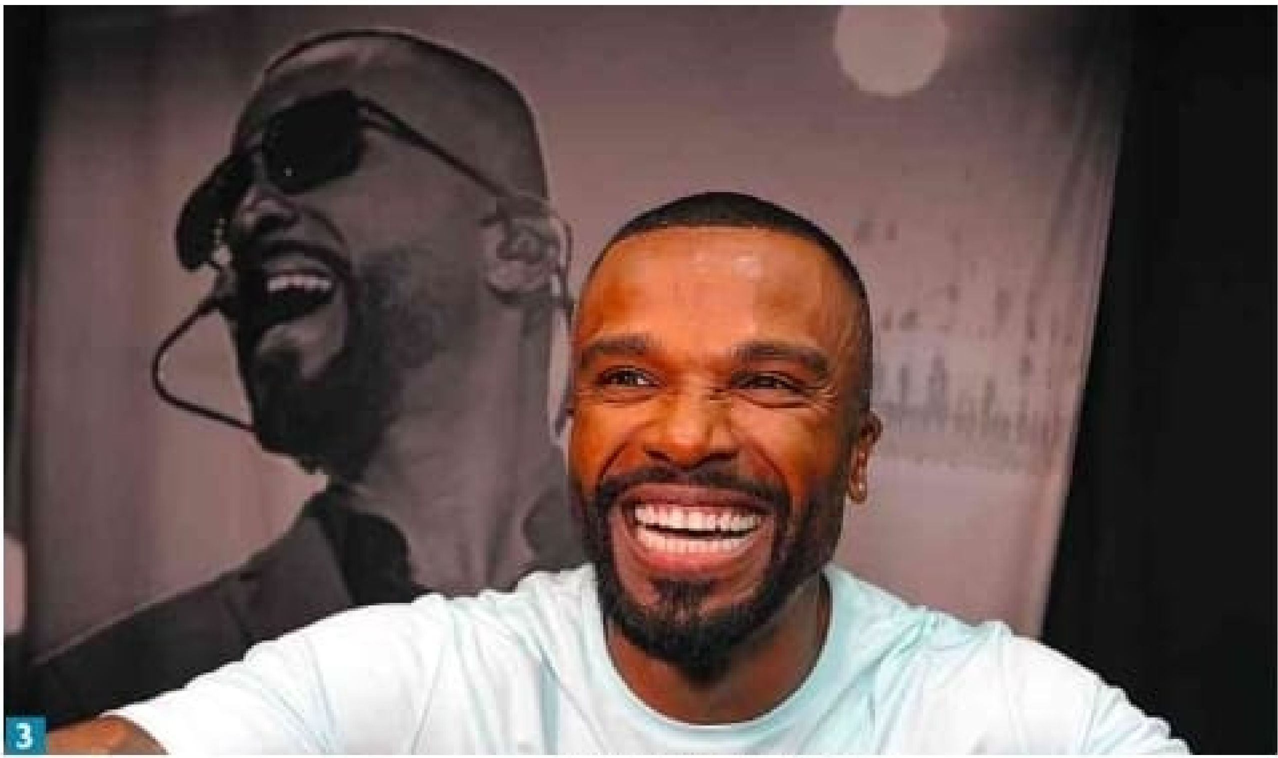
"Me cansa. Já foi o tempo. Passou", disse ele naquele ano. "[Felicidade para mim] é poder estar em casa, com os filhos, com os netos, poder estar com os meus amigos, em Xerém [na Baixada Fluminense]", afirmava.

*

Apesar do absoluto sucesso do artista entre o público, era impossível para o Bar Brahma abrir o palco mais cedo, já que os foliões só chegam ao local bem mais tarde para poder ver também as escolas de samba que desfilam na madrugada. Na sexta-feira (28) subiram ao palco do camarote Alexandre Pires, Iza e Ferrugem.

*

O Bar Brahma, no entanto, não pretende abrir mão assim tão fácil de sua estrela maior. E prepara para o próximo ano uma homenagem a Zeca, na esperança de que ele mesmo possa ser a estrela maior da festa.



Leandro Chemalle/Thenews2/Folhapress

ABRE ALAS

A primeira-dama de São Paulo, Regina Carnovale Nunes, chegou antes do marido, o prefeito Ricardo Nunes (MDB), ao camarote da gestão municipal na de abertura do Carnaval na sexta (28). Usando um sapato de salto alto preto altíssimo, Regina optou por um vestido colado ao corpo da mesma cor. Confeccionado pela marca Antara, a peça era uma espécie de um corselet, com transparências, pedras e franja. "Foi feito especialmente para hoje", conta a primeira-dama, que circulou pelo espaço acompanhada de seu staff.



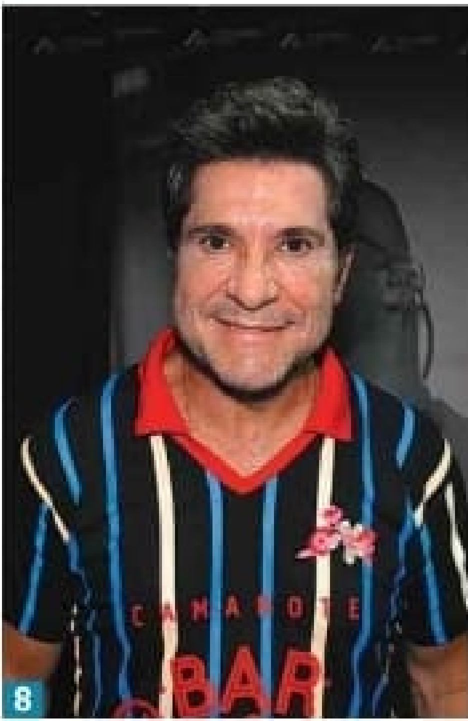
ELAS

Recém solteira após o término com Dado Dolabella, Wanessa Camargo passou pelo camarote Bar Brahma na sexta (28). "Desejo que as mulheres olhem com mais empatia umas para as outras. Me deixa triste quando uma mulher compete com outra. Precisamos derrubar o machismo que ainda existe dentro de nós", diz ela.









O prefeito Ricardo Nunes (MDB), acompanhado de sua mulher, Regina Carnovale Nunes, cumprimenta o secretário municipal de Cultura, Totó Parente 1, no camarote da gestão municipal no Sambódromo do Anhembi. O vice-governador de São Paulo, Felicio Ramuth 2, passou por lá na primeira noite de desfiles. Já no Camarote Bar Brahma, o sambista Alexandre Pires 3 foi um dos artistas que se apresentou. A cantora Wanessa Camargo 4, a médica e ex-BBB Thelma Assis 5 e os cantores Simony 6, Fióti 7 e Daniel 8 estiveram no espaço

com Anahi Martinho, Karina Matias, Laura Intrieri, Leonardo Volpato, Manoella Smith e Ronny Santos

Eufrázio



Desfile da escola Dragões da Real, inspirada na canção 'Aquarela' Allison Sales/Folhapress

Dragões, Mancha e Camisa animam público no 1º dia de desfiles em SP

Barroca Zona Sul tem problemas com carro alegórico e termina apresentação a um segundo do fim do tempo; rainhas de bateria se destacam com fantasias tecnológicas

Fábio Pescarini e Everton Lopes Batista

SÃO PAULO Paradinha no samba, efeito especial criando ventania de Iansã, carro alegórico quebrado, homenagem a neto de carnavalesco e um Mario Bros gigante foram alguns dos momentos mais marcantes do primeiro dia do desfile do Grupo Especial das Escolas de Samba de São Paulo, que se estendeu da noite de sexta (28) à madrugada de sábado (1º).

Quando se trata do público, Dragões da Real, Mancha Verde e Camisa Verde e Branco foram as escolas que mais agitaram as pessoas presentes no Sambódromo do Anhembi.

A Dragões emocionou com tema inspirado em "Aquarela", sucesso da MPB, mais conhecida na voz de Toquinho. A Mancha levou à avenida a cultura baiana, e a Camisa cantou a história de Cazuza.

Colorado do Brás, Barroca Zona Sul, Acadêmicos do Tatuapé e Rosas de Ouro também estiveram na avenida.

O destaque negativo ficou pela Barroca Zona Sul, que teve problemas com carro alegórico e terminou apresentação no limite de tempo. Um buraco entre as alas, em razão do carro, prejudicou a evolução.

As rainhas de bateria foram um destaque a parte desta primeira noite de desfiles.

Viviane Araújo, da Mancha Verde, entrou no sambódromo usando uma luva vermelha e outra azul, em referência aos acessórios usados por Daniela Mercury na capa do álbum "O Canto da Cidade", de 1992. Em 2025, Viviane completou 20 anos como rainha da escola.

Rainha de bateria da Barroca Zona Sul, Juju Salimeni usou uma fantasia que representava Iansã, tema do enredo. Segundo assessoria da modelo, a vestimenta tinha LED, 30 mil cristais e peças banhadas a ouro.



'Carnaval mais seguro do Brasil, afirma Nunes'

No Anhembi, o prefeito de São Paulo disse que 'temos aqui 853 policiais municipais'. Além disso, a região do sambódromo tinha 54 câmeras de reconhecimento facial.

Já a bateria da Colorado do Brás teve à frente Camila Prins, a primeira rainha de bateria trans do Carnaval de São Paulo.

Ana Beatriz Godói, rainha de bateria da Rosas de Ouro, a sexta a entrar na avenida, usou fantasia que muda de cor e exala perfume.

A Colorado do Brás, escola que abriu os desfiles, celebrou os 75 anos do Filhos de Gandhy com o enredo "Afoxé Filhos de Gandhy, no Ritmo da Fé". No desfile, ritmos e figuras baianas, como o axé e Gilberto Gil, receberam homenagens. A escola também colocou na avenida um carro alegórico simbolizando o Pelourinho.

A Barroca Zona Sul foi a segunda a passar pelo Anhembi. A escola trouxe na comissão de frente uma representação de Iansã, orixá homenageada no enredo. Com ajuda de efeitos especiais, a personificação da orixá fez uma ventania artificial sobre um carro.

Mas o segundo carro travou e a escola ficou com um buraco na avenida, o que gerou problemas na evolução. Com o atraso, a bateria passou direto pelo recuo e o final do desfile teve apreensão.

A escola saiu da avenida faltando 1 segundo para atingir o limite de 65 minutos.

A Dragões da Real coloriu o Anhembi na madrugada. A escola, a terceira a entrar na avenida em 2025, cantou um enredo baseado em "Aquarela". Balões vermelhos foram distribuídos para apresentação, por causa da marca tricolor —preto, vermelho e branco— da agremiação.

Numa paradinha da bateria, a arquibancada cantou o refrão do samba à capela, num momento emocionante do desfile.

A escola fez um desfile tecnicamente acertado, sem engasgos significativos na evolução e sem grandes surpresas.

Quarta escola a se apresentar, a Mancha Verde se destacou pelo tamanho de seus carros. O primeiro tinha tartarugas que se moviam em um enorme aquário, onde os peixes se mexiam.

O desfile celebrou a mistura de religiões que está refletida em festas populares da Bahia. O enredo "Bahia, da Fé ao Profano" foi inspirado em documentário homônimo, que retrata festas populares do estado. A mescla entre cristianismo e religiões de matriz africana esteve presente durante todo o desfile.

Com enredo inspirado no ativista norte-americano Martin Luther King Jr. (1929 - 1968), a Acadêmicos do Tatuapé fez um pedido por justiça e fim do ódio.

Um dos carros alegóricos trazia uma representação gigante de uma mulher sendo queimada sobre uma Bíblia —crítica à intolerância religiosa que se repetiu em outros elementos do cortejo. Também havia a figura de dois homens enforcados.

A Rosas de Ouro, sexta escola a desfilar, encerrou sua apresentação com o céu já avermelhado.

Com o enredo "Rosas de Ouro em uma Grande Jogada", a escola mostrou a história dos jogos — desde os tradicionais jogos de tabuleiro, como o xadrez, até os caça-níqueis e os videogames, com os irmãos Mario e Luigi em destaque no último carro alegórico.

Cazuza foi o tema da Camisa Verde e Branco, que encerrou a primeira noite. O enredo teve trechos de músicas famosas na voz do cantor. "Acho que não preciso nem falar o quanto estou emocionada", disse à **Folha** Maria Lúcia da Silva Araújo, a Lucinha, 88, mãe de Cazuza.



Águia de Ouro celebra Benito di Paula no Anhembi

Desfile que abriu a noite de sábado (1º) no sambódromo de SP homenageou obra do cantor de 83 anos; artista, que estava acompanhado do filho, passou emocionado pela avenida em um carro alegórico com personagens gigantes do desenho Charlie Brown Felipe Iruatã/Folhapress

NICOM
LUGAR DE GENTE MUITO, MUITO FELIZ!
TEL.:(11) 5033-2000
(11) 98200-1400
Incefra-Piso Design 45x45 Pd-45389 2,32m² De: 21,90 Por: 16,90 -22%
Lorenzetti-C29 Torneira Lavatório Mesa Ba 1195 7010214 De: 274,90 Por: 209,90 -23%
Simon-19 Conjunto 1 Tomada 10a 19925-30 De: 8,90 Por: 6,90 -22%
Tigre-Rolo Lã 23cm Premium (1391) De: 38,90 Por: 29,90 -23%
Tigre-Conduite Flexível Amarelo 25mmx50m De: 109,90 Por: 82,90 -24%
Quartzolit-Cimentcola Porcelanato Piso/Piso Ext Cinza 20kg De: 37,90 Por: 29,90 -21%
Coral-Esmalte Acetinado Branco 3,6l De: 179,90 Por: 139,90 -22%
AMPLO ESTACIONAMENTO: 200 VAGAS / R. ÁTICA, 47 - BROOKLIN SÃO PAULO/SP
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
SAC (11) 5033-2020
VISITE NOSSO SITE: www.NICOM.com.br

Eufrázio

Público encara blocos com fantasias à prova de calor e distribuição de água morna

Copinhos da Prefeitura de São Paulo valorizam opção gelada nos ambulantes; gestão diz que armazenamento reduz exposição ao sol

Isabella Menon, Jorge Abreu e Lucas Lacerda

SÃO PAULO Com os termômetros apontando temperatura média acima dos 32°C em São Paulo, estratégias para enfrentar o calorão foram incorporadas às fantasias e vendedores ambulantes lucraram com vendas de água gelada, já que a opção gratuita distribuída pela prefeitura chegou morna aos foliões.

Na concentração para o bloco Tarado Ni Você, que homenageia Caetano Veloso pelas ruas do centro, os alertas sobre o clima, enviados com frequência pela Defesa Civil, inspiraram o designer Betinho Neto, 40.

Guarda-chuva cintilante na cabeça, óculos de natação e, no peito, o recado: "Alerta severo". O texto do cartaz completava o aviso: "Não se mantenha perto de mim, pois não estarás em lugar seguro".

Também no centro, a balada diurna promovida pelo Minhoqueens ficou ainda mais colorida devido aos milhares de leques.

O bloco fundado pela drag queen Mama Darling teve o embalo de hits de funk e pop, como "Envolver", de Anitta.

Um trio de amigos que foi ao Jegue Elétrico, em Pinheiros, na zona oeste, apelou para um capacete de melancia congelada.

"Congelamos em casa. Com o sol assim, dá uma boa rebatida. Conforme vai escorrendo, o cabelo vai ficando hidratado", contou o professor Kayros Moser, 28.

Encarada com criatividade e humor, a folia em tempos escaldantes tem seus riscos. No mesmo bloco, uma foliã chegou a desmaiar. Acudida pelos amigos, ela retornou ao cortejo.

Além de assunto e tema para fantasias, o calor era bom negócio para ambulantes e empresas.

Promotores de diferentes marcas esguichavam água para refrescar o público, além de distribuírem protetor solar.

Água era sempre bem-vinda, melhor ainda se estivesse congelada, descobriu a vendedora Stefani do Nascimento da Silva, 30.

Ela valorizava as garrafinhas que vendia acrescentando um copo cheio de gelo no bloco Jegue Elétrico. A combinação custava R$ 8, um acréscimo de R$ 3 no preço da garrafa separada.

Comerciantes somente estão autorizados a vender bebidas das marcas da patrocinadora Ambev, mas, segundo Stefani, não há impedimento quanto ao gelo.

O sucesso dos copinhos gelados de Stefani era evidenciado pela oferta de água morna, inclusive a oferecida gratuitamente.

Também em Pinheiros, no acesso ao Bloco da Baby, as tendas de hidratação da prefeitura estavam com os copinhos aquecidos pelo sol. Melhor do que nada, segundo a publicitária Gabriella Zucheram, 28. "Não tá gelada, mas pelo menos tem."

De acordo com a gestão Ricardo Nunes (MDB), a prefeitura fará o maior programa de hidratação do Brasil durante a folia paulistana, com a distribuição de 2,2 milhões de copinhos d'água.

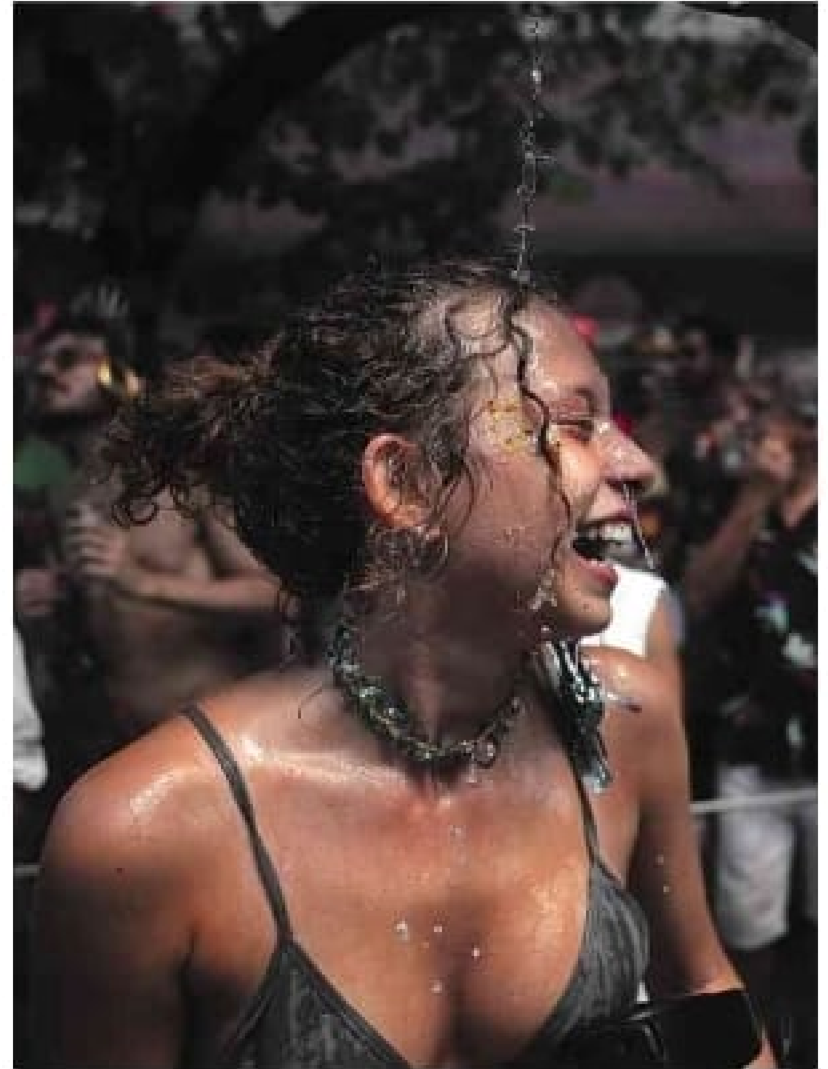
A prefeitura também afirma que a distribuição segue rigorosos padrões de segurança e qualidade para o consumo.

Para minimizar o impacto das altas temperaturas, a água é armazenada dentro das tendas, reduzindo sua exposição direta ao calor.

Além disso, afirma a gestão Nunes, 18 caminhões-pipa são usados para refrescar as pessoas com jatos de água.

"O principal objetivo da iniciativa é assegurar que os foliões tenham acesso contínuo à hidratação", diz, em nota.

No Rio, blocos comemoraram os 460 anos da cidade, completados oficialmente no sábado. Com calor acima da média, o público do Cordão da Bola Preta se refrescou com jatos d'água providenciados pela organização e disputou com camelôs gelo para abastecer coolers.



Foliã se refresca no bloco Tarado Ni Você, que homenageia Caetano Veloso, no centro de SP Danilo Verpa/Folhapress

2,2 milhões

é o número de copinho de água que a Prefeitura de São Paulo promete distribuir durante os dias de folia na cidade

classificados

classificados@grupofolha.com.br

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados ou ligue 11 3224-4000

IMÓVEIS

NOVA ANDRADINA - MS
Vendo Fazenda de pecuária com 977 HA
Rossafa - 018 9 81113 0666

AULAS E CURSOS

AULAS DE INGLÊS COM INSTRUTORES NATIVOS
Estude inglês com professores nativos. Método único e focado em conversação!
Rod - support@nyglobals.com site: www.nyglobals.com

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

C

CAPTADOR DE OBRAS

CORRETOR DE IMÓVEIS

P

PCD - ÁREAS DIVERSAS

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
Vagas Para:
Motorista
Manobrista
Fiscal
Ajudante Geral
Desejável experiência e disponibilidade de horário.
Enviar currículo para o e-mail:
treinamento2@wolffsp.com

seminários folha

A SPDM - ASSOCIAÇÃO PAULISTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDICINA HOSPITAL GERAL DE GUARULHOS
Contrata:
✓ Pessoas com deficiência para áreas: Administrativas, Técnicas e Operacionais.
Médicos:
✓ Anestesiologista
✓ Clínico Geral - Unidade de P.S e Enfermaria
✓ Endoscopista
✓ Neonatologista - Unidade Neonatal
✓ Intensivista - Adulto e Pediátrico
✓ Ginecologista e Obstetra - Centro Obstétrico
✓ Oftalmologista
✓ Ortopedista
✓ Radiologista
✓ Especialista em Diagnóstico por imagem
✓ Cirurgião: Geral, Pediátrico, Vascular,
✓ Oncológico, Plástico e Neurocirurgião
Regime CLT, próx. ao aeroporto internacional de Guarulhos, Hospital de Alta Complexidade.
Interessados cadastrar o currículo em nossa página de carreira:
hgg.gupy.io

NEGÓCIOS

LEILÕES

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA LIGUE AGORA 11/3224-4000

ASSINE A FOLHA www.folha.com/assine

Fidalgo Leilões
LEILÃO DE IMÓVEIS JUSTIÇA FEDERAL
APROX. 30 IMÓVEIS
SOMENTE ON-LINE
Dias: 10/03 e 17/03 às 11h
www.fidalgoleiloes.com.br
TERRENOS, CASAS APTOS E OUTROS
A PARTIR DE 50% DA AVALIAÇÃO
INFO: 11-2653-0553 2653-8583

#siga a folha

Forte calor durante a folia pode causar desmaios

SAÚDE

SÃO PAULO O Carnaval chegou e, com ele, ondas de calor espalhadas por todo o Brasil. Em São Paulo, a previsão é de temperaturas máximas por volta dos 33°C durante todo o feriado prolongado. Para quem vai aproveitar os blocos de rua, é preciso tomar cuidado para evitar riscos à saúde.

Estar exposto a altas temperaturas pode afetar o bem-estar, a qualidade de vida e causar sintomas como tontura, mal-estar, dor de cabeça, náusea, variação na pressão arterial e até mesmo levar ao desmaio. A população de maior risco são idosos com mais de 65 anos e crianças de até dois anos, além de gestantes e pessoas com doenças cardiovasculares, hipertensão e diabetes tipo 2.

Para quem vai frequentar blocos de Carnaval e passar horas exposto ao sol e ao calor, há algumas dicas para minimizar os efeitos negativos à saúde. "Evite escolher ir a blocos nos horários do pico do sol, entre 10h e 16h", afirma Ramon Andrade de Mello, médico do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital Alemão Oswaldo Cruz. Outro fator importante é a proteção, como óculos de sol, bonés e chapéus.

Como aproveitar sem pôr a saúde em risco

- mantenha-se hidratado, mesmo se não sentir sede;
- evite a ingestão de bebidas alcoólicas e com alto teor de açúcar;
- use roupas leves;
- procure uma sombra e use chapéu ou boné;
- use protetor solar;
- evite alimentos gordurosos e calóricos e prefira alimentos frescos;
- coma com mais frequência;
- use água fria para se refrescar.

Eufrázio

cotidiano

Cantar ainda ferve no meu sangue, diz Elba Ramalho, que pensa em escrever livro

Homenageada do Carnaval do Recife, artista diz que tradições de PE não estão em risco e defende convivência com outros ritmos

ENTREVISTA
ELBA RAMALHO

José Matheus Santos

RECIFE Uma das homenageadas do Carnaval do Recife em 2025, a cantora Elba Ramalho afirma que não vê um Carnaval se sobrepor a outro como maior. O rótulo é alvo de disputas nas redes sociais durante o período festivo.

"Cada um tem uma história, e cada um é especial", diz Elba, ao enaltecer as festas de Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

Em entrevista à Folha Elba, 73, não descarta uma eventual aposentadoria ou pausa na carreira futuramente, mas diz que não está nos planos por enquanto. "Ainda está fervendo aqui no meu sangue esse desejo de cantar", diz. "Pode ser que você se surpreenda e eu diga no próximo ano que não estou mais. Não sei."

Sobre o acirramento político, a cantora diz que cansou. "Odeio as divisões, a falta de respeito."

*

Como se sentiu quando soube que seria homenageada no Carnaval do Recife? Fiquei surpresa e feliz. Faço shows bacanas e já tenho meu lugar sagrado nos palcos aqui, mas a homenagem é um reconhecimento que recebo com amor, gratidão e responsabilidade de fazer mais ainda do que eu já fiz.

Como funciona o preparo físico e da sua voz? Corro 40 minutos na areia todo dia no Rio de Janeiro. Vou à academia, faço musculação, faço uma alimentação balanceada com apoio da nutricionista. Como eu não como carnes vermelhas, eu era vegana, sou muito mais para uma alimentação mais natural. Tenho que ter suplementos, vitaminas. Faço exercícios e antes de entrar [no palco], tenho meu vocalista e ele é fonoaudiólogo.

Há uma disputa na internet de quem tem o maior Carnaval. Existe algum maior Carnaval? Não tem. Na Bahia, estão comemorando 40 anos de Axé, e que é maravilhoso, é forte o Carnaval de lá. Talvez nessa área de rua, de trios, seja o maior, talvez.

O Carnaval de Pernambuco é um dos mais belos, pela cultura, pela musicalidade, pelos ritmos, e é distribuído em polos. É diferente, eu não posso dizer que existe o maior. Vai pro Rio de Janeiro, tem blocos de rua, escolas de samba. Cada um tem uma história, e cada um é especial.

Em Pernambuco, há um avanço de festas privadas e camarotes. Isso põe em risco a tradição da rua? Tem o Carnaval de rua, que é maravilhoso, os polos, a diversificação, os maracatus, tem os blocos tradicionais, você escolhe. Se você quer curtir outras coisas no Carnaval, você vai nos camarotes privados. Já cantei em alguns. É a escolha das pessoas. Prefiro ver as orquestras, ver os blocos, os maracatus, cantar os frevos, é parte da minha história.



Diego Nigro/Folhapress

Elba Maria Nunes Ramalho, 73

Cantora há 48 anos, nasceu em Conceição, no Vale do Piancó, no interior da Paraíba. Tem 38 discos gravados e mais de 10 milhões de cópias vendidas. É vencedora de dois prêmios do Grammy Latino

O Carnaval tem outros ritmos também agora, como o brega. Acha que isso exige mais trabalho para manter a tradição do frevo, por exemplo? A tradição está mantida, porque o povo de Pernambuco se preza, se respeita e coloca sua história, sua bandeira à frente de tudo. O céu tem muitas estrelas e nenhuma estrela atropela a outra. É natural, vai ter sempre uma novidade ali, uma novidade acolá. Isso é uma polêmica eterna. Tem que estar bem todo mundo.

Qual é a sua música preferida no Carnaval? Quando canto "Último Regresso" [de Getúlio Cavalcanti], eu me emociono. Acho lindo. [O hino do bloco] Madeira [do Rosarinho] é um clássico. O "Frevo nº 1 do Recife", do Antônio Maria, que é "ai, ai, saudade, saudade tão grande". E tem o Recife Prateado ["Recife Manhã de Sol"], de [J.] Michiles, que eu amo cantar.

Após 48 anos de carreira, pensa em se aposentar, tirar uma pausa da carreira? Não sei te responder. Eu posso parar. Eu posso dizer 'na próxima hora eu não faço mais nada'. Próximo ano posso ser mais seletiva, vou fazer um show aqui, ali, ali. Ainda está fervendo aqui no meu sangue esse desejo de cantar. Tenho uma voz preservada. Então, pode ser que sim. Pode ser que você se surpreenda e eu diga no próximo ano que não estou mais. Não sei.

O país vive um momento de muita divisão, de muito acirramento político. Como enxerga isso? Eu não quero falar de política. Eu odeio as divisões, a falta de respeito. As pessoas têm o direito à liberdade de ser o que são, de pensar do jeito que pensam. Nunca as divisões são positivas. As somas são positivas. Mas não considere muito a minha opinião, politicamente falando, porque eu sou uma pessoa que tenho me alienado cada vez mais nessa coisa de política. Cansei.

O Carnaval é um momento propício para a união das pessoas? Sim. A cultura derruba muros e preconceitos. A arte, a música, faz com que povos se aproximem. E a música promove a paz.

A sra. já falou que gosta muito de interpretar as canções compostas por outros artistas. Por quê? Desde sempre, porque sempre fui intérprete. Sou preguiçosa. Quando comecei na arte, declamava poemas. Quando era universitária, tinha uma paixão por literatura. Lia muito. Acho que nunca vou ser Carlos Drummond de Andrade, aí não escrevo.

A sra. pensa em entrar nessa área da escrita? Penso, eu gosto. Tenho plano de um livro incentivado por editoras. Mas também tem uma timidez natural, no fundo, de me expor. O meu filho fala "mãe, escreve", eu falei "será?" "É, porque você vai ter que entrar nos túneis escuros da tua vida e encarar." Será que eu quero? Tem propostas de documentário, de filmes sobre minha vida.



Arquivo Pessoal

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

RUI XAVIER (1945-2025)

Jornalista, travou embate com Quércia na televisão

Cobriu a ditadura e foi coordenador de política em O Estado de S. Paulo

Diego Alejandro

SÃO PAULO Morreu na madrugada deste sábado (1º) o jornalista Rui Xavier, aos 79 anos. Ele estava internado no Hospital Samaritano, na zona sul do Rio de Janeiro. A causa da morte não foi divulgada.

Nascido em 1945, o carioca iniciou a carreira no final da década de 1960.

Durante a ditadura militar, cobriu a repressão contra jornalistas e noticiou a morte de Vladimir Herzog, em 1975. Politizado, ficou detido no presídio de Ilha Grande, no Rio.

Com passagens por importantes Redações, trabalhou na Gazeta Mercantil e no Estado de S. Paulo, principalmente na cobertura econômica e política.

A ABI (Associação Brasileira de Imprensa) lamentou a morte. O jornalista era conselheiro da entidade.

"Para além de discutir matérias, ele era um pai para nós todos. Um mestre de vida", afirma Fernando Granato, jornalista que compunha a equipe de Rui quando ele era coordenador da editoria de política de O Estado de S. Paulo.

"O Rui se preocupava conosco, queria saber como estava o casamento, como iam nossos filhos. Foi extremamente afetivo, até o final da sua vida", acrescenta.

Em 1994, protagonizou um dos momentos mais marcantes do programa Roda Viva, da TV Cultura.

Durante entrevista com o então candidato à Presidência Orestes Quércia, questionou o político sobre seu enriquecimento.

A pergunta gerou uma discussão entre os dois, com troca de xingamentos. Quércia acusava Rui e o Estado de S. Paulo de o perseguirem. "Caluniador", "canalha", malandro" e "safado" foram as palavras mais proferidas.

No intervalo, Quércia foi para cima de Rui, que não recuou, segundo contou o apresentador Heródoto Barbeiro ao podcast Os Melhores da TV Cultura. A briga só não ocorreu porque os fios do microfone ficaram presos na cadeira e seguraram o político.

Em entrevista ao portal Observatório da TV, em 2021, Rui relembrou o impacto do embate, que, depois de quase 20 anos, virou meme na internet e continua sendo compartilhado.

"Isso não desaparece", afirmou. O momento rendeu até brincadeiras entre familiares, como um sobrinho que o chamava de "caluniador e mentiroso".

Amante de samba, Rui Xavier deixa duas filhas e quatro netos num sábado de Carnaval.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE

Serviço Funerário Municipal de São Paulo Central 156 Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario
Anúncio pago na Folha Tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.
Aviso gratuito folha.com/mortes. Até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos).

O morango, esse estelionatário

Ele é o maior 'case' de relações públicas na história da fruticultura imperialista

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Tirando o tio e a tia do zap, todos sabem que vivemos a era das fake news. A Ucrânia atacou a Rússia. Vacina causa autismo. Tentativa de golpe de Estado com assassinato do presidente, vice e juiz do STF é só "uma zoêra aê", não um plano. Plano é o planeta Terra. Aham.

Lutar pela verdade é, portanto, um dever geral. Não sendo eu um cientista político ou social, mas um modesto cronista, deixarei de lado as grandes questões contemporâneas e darei minha comezinha contribuição comendo pelas beiradas —e "comendo", neste caso, não é só uma imagem. Precisamos falar sobre o morango.



Adams Carvalho

Quinta-feira passei por um desses carros-quitanda, parado sobre a calçada: "Morangos de Atibaia", dizia o cartaz. Estavam tão lindos, tão vermelhos que eram quase azuis. Parei. Cheguei em casa, lavei, mordi e como em todas as vezes que comi morangos, nos últimos 47 anos, concluí: "Hmmm, achei que ia ser bem mais gostoso". O morango, meus amigos, é uma farsa. Uma fraude.

Fala-se muito, hoje em dia, sobre "decolonialismo". Há exageros, aqui e ali. Sempre tem aquela velha turma contra a guitarra elétrica na música popular brasileira, mas o assunto é relevante e em se tratando do morango, sou "decolonial" de carteirinha. O morango é o maior "case" de relações públicas na história da fruticultura imperialista.

Desde pequenos, nos vendem a ideia de que é a fruta mais gostosa que existe. Chiclete de morango, sorvete de morango, são para as crianças o que aquele patético bife folheado a ouro n'algum canto das arábias é para os mais deslumbrados jogadores de futebol. Ouso até levantar a hipótese de que as crianças torcem o nariz (ou, mais precisamente, a boca) para comidas verdes só por serem antípodas do morango.

Por que tem o morango tamanho status? Ué, porque vem do norte, dos países temperados —ou, a depender do ponto de vista, mal temperados. Verdade seja dita, ó, fraternos patrícios do sul global: essa fruta metida a besta não chega aos pés de uma manga, de uma banana ouro bem madura, de uma jaca —o sabor da natureza que mais se aproxima do tutti frutti, diga-se de passagem. Tivesse o Brasil colonizado a Europa e chiclete de jaca seria carne de vaca. Ou de jaca, já que em alguns pratos veganos ela imita a carne bovina com grande categoria.

Tivesse o Brasil colonizado a Europa e chiclete de jaca seria carne de vaca, ou de jaca, já que em alguns pratos veganos ela imita a carne bovina com grande categoria

Outro caso de um espetacular sucesso de marketing é a maçã. Maçã é a fruta quintessencial. Descesse um ET à Terra e dissesse não "levai-me ao seu líder", mas "levai-me à sua fruta" e lhe dariam a porcaria de uma maçã. Em francês "pomme" é não só a maçã como o genérico pra fruta.

A publicidade foi tão bem-feita que os caras chamam batata de "pomme de terre", maçã da terra. Talvez porque, pensando bem, se você morder uma batata crua, o sabor é parecido: quase nulo.

Pensa na goiaba.

Quando você vai se aproximando de um pomar, é dela o primeiro cheiro que nos chega às narinas. Chico Bento sabe bem disso. García Márquez, também. Disse numa entrevista que foi ao revisitar Aracataca, sua cidade natal, sentindo o cheiro das goiabas caídas sob as árvores, que lhe veio a ideia de escrever "Cem Anos de Solidão". Tivesse ele nascido, sei lá, em Vermont e passeasse por uma plantação de maçãs, não haveria livro algum, porque além de insossa a fruta é praticamente inodora.

Sim, eu sei, vivemos num mundo polarizado. Metade dos leitores deste jornal, já no segundo parágrafo, terá gritado "vai pra Cuba!". Até topo ir, mas antes lhes pergunto: sabem que frutas têm por lá?

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques QUI. Sergio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SAB. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

Polícia apura se furgão é usado para assalto a estudantes em SP

Diego Alejandro

SÃO PAULO A Delegacia Antissequestro investiga se um furgão branco está usando em tentativas de assalto e abordagem a estudantes na região da Vila Mariana, zona sul de São Paulo. A direção do Colégio São Luís alertou pais e alunos sobre os episódios.

No dia 20 de fevereiro, por volta das 22h40, dois alunos do ensino médio noturno do São Luís caminhavam pela avenida Conselheiro Rodrigues Alves em direção à estação Ana Rosa do metrô quando foram abordados por três homens em um furgão branco.

Os criminosos tentaram coagir os estudantes a entrar no veículo. Um dos homens chegou a descer do carro e avançar em direção aos jovens, que correram até uma farmácia para pedir ajuda. Nenhum dos estudantes se feriu.

Na mesma noite, outro aluno relatou situação parecida na avenida Doutor Amâncio de Carvalho. Ele foi abordado por um homem fora de um furgão branco, que pediu dinheiro e fez perguntas. Diante da recusa, outro homem dentro do veículo fez ameaças.

Um carro que passava pelo local parou para oferecer ajuda, e os suspeitos deixaram a região. O estudante buscou refúgio em uma lanchonete até a chegada dos pais.

O Colégio São Luís orientou os estudantes e suas famílias a registrarem boletins de ocorrência. A direção da escola afirmou ainda que entrou em contato com a Ronda Escolar e solicitou o reforço do policiamento na região e que seguranças da instituição foram instruídos a acompanhar os alunos até o ponto de ônibus e parte do trajeto até o metrô.

A reportagem tentou contato com o São Luís, mas não recebeu resposta. O caso está sob investigação da Delegacia Antissequestro, que analisa imagens coletadas na região. As vítimas prestaram depoimento, e diligências estão em andamento.

Outro crime ocorreu na Conselheiro Rodrigues Alves em 25 de fevereiro. Um jovem de 19 anos foi baleado ao reagir a um assalto por volta das 23h. Segundo a Secretaria de Segurança Pública, dois criminosos em uma motocicleta abordaram a vítima e dois amigos. O jovem reagiu e foi atingido no abdômen. Os suspeitos fugiram sem levar nada. O rapaz foi socorrido. A polícia investiga se há relação entre os casos.

ZONA SUL PAULISTANA

Reprodução



Homem morre ao atacar escolta de vice-governador

SÃO PAULO Um homem foi morto em São Paulo na noite da última sexta (28) ao tentar assaltar um veículo da escolta do vice-governador do estado, Felício Ramuth (PSD), que não estava no veículo.

O caso aconteceu na esquina da rua Brás Cardoso com a rua Domingos Leme, na Vila Nova Conceição, zona sul da capital paulista.

Uma câmera de monitoramento flagrou o momento em que o criminoso chegou em uma moto e parou ao lado da porta do motorista com uma arma na mão. Dois ocupantes do veículo saíram e atiraram.

O criminoso tentou fugir de moto, mas três homens correram atrás dele. Ele foi atingido pelos disparos e, segundo a SSP (Secretaria da Segurança Pública), foi levado para a UPA Santo Amaro, mas não resistiu.

"A arma que ele usava e a moto, que tinha placa adulterada, foram apreendidas", afirmou a pasta, em nota.

Grupo suspeito de roubar casas é preso

Policiais civis prenderam neste sábado (1º), na região central paulistana, seis pessoas suspeitas de integrar uma quadrilha especializada em roubo a residências. O grupo estaria envolvido em seis invasões a imóveis em Alto de Pinheiros, Lapa e Perdizes, na zona oeste.

ambiente


Turistas em passarela para observação das Cataratas do Iguaçu, no Parque Nacional do Iguaçu Kiko Sierich - 11.dez.2024/Reuters

União e Paraná brigam por área das Cataratas do Iguaçu e hotel de luxo

Decisão recente da Justiça define que parte do Parque Nacional do Iguaçu, hoje sob gestão do ICMBio, pertence ao governo estadual; Advocacia-Geral da União vai recorrer

Catarina Scortecci

CURITIBA Parte da área do Parque Nacional do Iguaçu, que abriga o principal ponto turístico do Paraná, as Cataratas do Iguaçu, é alvo de uma briga judicial entre o Governo do Paraná e a União.

A disputa é por uma área de 1.085,3280 hectares, o equivalente a 1.520 campos de futebol, localizada em faixa de fronteira, às margens do rio Iguaçu, junto aos famosos Saltos de Santa Maria, e onde também está instalado um luxuoso hotel inaugurado em 1958, o Hotel das Cataratas.

A última decisão judicial é da 12ª Turma do TRF-4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região), que em 5 de fevereiro deu razão ao Governo do Paraná. Mas a União vai recorrer.

Para o Parque Nacional do Iguaçu, de responsabilidade do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), a decisão do TRF-4 é "intempestiva e temerária" e "esperamos que seja revertida, para o bem do meio ambiente, da sociedade local e de todo o Brasil". A área total do parque é de cerca de 170 mil hectares.

A batalha judicial se arrasta desde março de 2018, quando a União resolveu entrar com uma ação contra o estado do Paraná pedindo o cancelamento da matrícula do terreno no 2º Ofício de Registro de Imóveis de Foz do Iguaçu.

O estado alega ter adquirido a área do uruguaio Jesus Val, registrando a compra em 11 de outubro de 1919. Em 9 de fevereiro de 2012, o Paraná fez novo registro, no 2º Ofício de Foz do Iguaçu.

No processo, a PGE (Procuradoria-Geral do Estado) argumentou que a área foi doada a Jesus Val pela União por meio do então Ministério da Guerra, em 1910. Na sequência, em 1919, o estado comprou a área do uruguaio e registrou a escritura.



Mas, segundo a União, um decreto presidencial assinado em 1971 definiu que os imóveis localizados nos limites do parque eram de "interesse social, para fins de desapropriação". Ou seja, passariam a ser de propriedade federal. Para a União, houve "um erro grosseiro cometido pelo estado do Paraná" ao registrar o terreno em seu nome no ano de 2012.

No processo, a União cita ainda uma jurisprudência do STF (Supremo Tribunal Federal), que "tem afirmado, há quase um século, que todas as terras devolutas [terras públicas] situadas na faixa de fronteira pertencem à União".

Mas, na visão do estado do Paraná, a área em disputa não pode ser considerada devoluta.

Em abril de 2020, o juiz federal Sergio Luis Ruivo Marques, da 1ª Vara Federal de Foz do Iguaçu, assinou sentença a favor da União. O Paraná, porém, recorreu ao TRF-4 e, no início deste mês, conseguiu reverter a decisão.

O relator do caso no TRF-4 foi o desembargador Luiz Antonio Bonat, que, em seu voto, disse que "a área em questão não é devoluta, já que foi concedida pelo Ministério da Guerra a Jesus Val na antiga Colônia Militar do Iguaçu".

Ele foi acompanhado pelos desembargadores João Pedro Gebran Neto e Gisele Lemke.

Já o juiz de primeira instância teve outro entendimento e observou que o erro teria começado ainda em 1916, quando o "pai da aviação" Alberto Santos Dumont persuadiu o presidente do estado do Paraná Affonso Alves de Camargo a desapropriar as terras de Jesus Val.

"Após visitar as Cataratas do Iguaçu, inconformado com o fato de tamanha maravilha pertencer a um particular, viu-se compelido a, de alguma forma, fazer voltar ao patrimônio público a área em questão", anotou Ruivo Marques, acrescentando que, em 31 de julho de 1916, foi publicado um decreto assinado por Affonso Alves de Camargo por meio do qual a área concedida a Jesus Val era declarada de utilidade pública, já com a intenção de transformar o local em um parque.

"Por ter sido o decreto emitido por autoridade estadual, ficou a cargo do estado do Paraná o processo de desapropriação da área, o que, ao ver deste julgador, foi um erro", continua o juiz.

No processo, a PGE explicou que, com a declaração de utilidade pública da área, Jesus Val entrou com uma ação na Justiça Federal para obter indenização e o conflito foi solucionado por conciliação, com a compra da área pelo estado do Paraná em 1919 —uma quantia de "duzentos e noventa e oito contos, setecentos e dezesseis mil, trezentos e vinte e dois réis", conforme o registro.

Mas o pano de fundo da disputa hoje é o valor arrecadado pela exploração do Parque Nacional do Iguaçu, criado por um decreto de 1939. Segundo a PGE, se a decisão do TRF-4 for mantida, ela representaria "um grande potencial financeiro ao Paraná, cujo objeto pode ser debatido com a União no futuro".

"Uma das possibilidades é a destinação de parte das receitas operacionais da concessionária que administra os serviços turísticos do Parque Nacional do Iguaçu para o estado. Atualmente, eles são direcionados ao ICMBio, órgão federal", disse a PGE.

Em 2020, a Assembleia Legislativa do Paraná chegou a aprovar uma lei, de autoria do deputado Luiz Fernando Guerra (União Brasil), que autoriza o governo do Paraná a "efetuar a Concessão de Direito Real de Uso [do imóvel], a título oneroso, ao ICMBio".

Mas o Parque Nacional do Iguaçu e o ICMBio contestam a interpretação da PGE e do deputado. "A eventual transferência de posse do monumento natural, administrado pelo Poder Público Federal desde 1939, não torna o estado do Paraná apto a receber os recursos da concessão, realizada por contrato firmado entre a União e a iniciativa privada mediante processo licitatório federal", disse o parque. "Entendemos que isso tornaria o contrato nulo."

O parque ainda afirmou que a eventual transferência pode gerar o cancelamento do título de patrimônio natural da humanidade concedido pela Unesco.

Procurada, a concessionária Urbia Cataratas diz que não se posiciona sobre o assunto. A Folha não conseguiu contato com a área de comunicação do hotel.

ICMBio aponta riscos ambientais de troca de dono

Para o órgão federal responsável pelos parques nacionais, pode haver consequências ambientais "catastróficas" caso a área das Cataratas do Iguaçu seja entendida como pertencente ao governo do Paraná.

"Não sabemos se o estado do Paraná teria interesse na manutenção do status de área protegida do território, ou se daria curso à ocupação da área por novos empreendimentos turísticos, como hotéis e restaurantes", argumentou.

Além disso, segundo o ICMBio, todos os instrumentos constituídos até hoje perderiam validade, como "acordos, convênios, planos de manejo, pesquisa", com impactos para a sociobiodiversidade.

Eufrázio

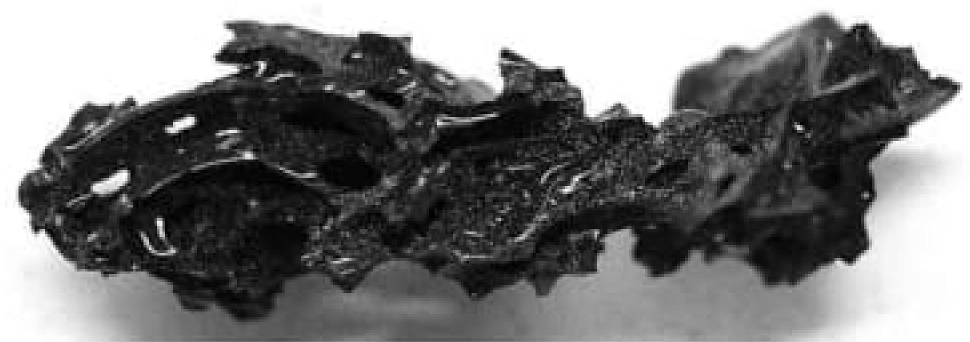


Restos de vítima da erupção do Vesúvio cujo cérebro foi vitrificado Fotos Pier Paolo Petrone/via Reuters

Cérebro de romano virou espécie de vidro orgânico durante erupção do Vesúvio

Transformação é atribuída a condições de altíssimo calor e rápido resfriamento; especialistas consideram esse caso único no mundo

Reinaldo José Lopes



Fragmento do vidro orgânico encontrado dentro do crânio do jovem

SÃO CARLOS (SP) Condições especialíssimas de altíssimo calor e resfriamento rápido foram responsáveis por transformar o cérebro de um jovem romano numa espécie de vidro orgânico durante a famosa erupção do vulcão Vesúvio no ano 79 d.C. Trata-se de um caso único no mundo, dizem os especialistas da Itália e da Alemanha responsáveis pela análise, publicada na última quinta (27).

O rapaz cujo cérebro foi vitrificado, com idade estimada em torno dos 20 anos quando morreu, estava deitado numa cama em um templo dedicado ao imperador Augusto, que ficava na antiga cidade de Herculano (a 12 km da atual Nápoles). Acredita-se que ele fosse o zelador do local.

Embora bem menos famosa que Pompeia, igualmente sepultada pela erupção do Vesúvio, Herculano também foi preservada pelo desastre vulcânico, trazendo grande riqueza de informações sobre o cotidiano do Império Romano. Mas, em meio aos afrescos com cenas mitológicas e papiros com livros antigos, nada surpreendeu mais os arqueólogos do que a presença de uma massa escura, petrificada e brilhante dentro do crânio do jovem.

Visualmente, o material tem semelhanças claras com a obsidiana (ou vidro vulcânico). Mas uma série de análises revelou a presença de moléculas orgânicas, como ácidos graxos e triglicérides, e até resquícios de neurônios. A única conclusão possível é que aquilo tinha sido parte do cérebro e da medula espinhal da vítima.

Acontece que, em tese, isso não deveria ser possível. Conforme explica a equipe liderada pelo vulcanólogo Guido Giordano, da Universidade de Roma 3, a composição rica em água do organismo dos seres vivos não deveria ser capaz de dar origem a um vidro orgânico. Em geral, a vitrificação desse tipo de material só ocorre por meio de um resfriamento muito rápido usando nitrogênio líquido, por exemplo. E, claro, se a temperatura sobe, a vitrificação desaparece.

Em artigo na revista especializada Scientific Reports, Giordano e seus colegas realizaram uma série de experimentos com amostras do vidro orgânico. "Nas análises experimentais, fizemos com que os fragmentos de cérebro voltassem às temperaturas nas quais se transformaram em vidro, com ciclos de aquecimento e resfriamento em velocidades variáveis, controlados por aparelhos sofisticados", resumiu Danilo di Genova, coautor do estudo.

Com os experimentos, os pesquisadores concluíram que provavelmente a chave para a produção do cérebro vitrificado foi a fase inicial dos efeitos do Vesúvio sobre Herculano.

Acontece que, antes de a cidade ser sepultada por uma chuva de pedras vulcânicas, tudo indica que foi afetada pelo deslocamento de nuvens de cinzas finíssimas e muito quentes, com temperatura superior a 510 graus Celsius. Tais nuvens provavelmente se dispersaram em minutos, deixando apenas uma camada de cinzas no chão, mas teriam sido suficientes para liquefazer o cérebro do jovem zelador, matando-o instantaneamente.

Essa primeira parte do processo é muito similar ao derretimento da matéria-prima na fabricação do vidro. Acontece que, com a dispersão da nuvem de cinza, o cérebro liquefeito teria passado por um resfriamento rápido, suficiente para que o vidro orgânico se formasse. Isso também espelha o que costuma ocorrer quando se produz vidro intencionalmente para uso humano.

Segundo Giordano, foi só mais tarde, durante a noite, que Herculano (incluindo o cadáver do zelador do templo) acabou sendo coberta por um depósito de fluxos piroclásticos, ou seja, com dejetos vulcânicos de maior monta.

"O cenário que traçamos é importante não só pela reconstrução histórica e vulcanológica, mas para fins de proteção", disse ele. "Ele define que há uma altíssima periculosidade até mesmo no caso de fluxos vulcânicos muito diluídos, que não causam grande impacto nas estruturas urbanas, mas que podem ser letais por causa da sua temperatura."

A banalidade do mal dos antivacinação

Indiferença de secretário diante de morte é verdadeira face do movimento

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Fazia dez anos que uma criança não morria de sarampo em território americano. Esse tipo de tragédia —e sim, é tragédia, não há outro nome para o que houve— voltou a acontecer nesta semana, no oeste do Texas, em meio a um surto da doença afetando principalmente menores de idade não vacinados.

Robert F. Kennedy Jr., o secretário de Saúde escolhido por Trump e notório espalhador de teorias da conspiração estapafúrdias contra vacinas, deu de ombros e disse que surtos desse tipo "não são incomuns". De lambuja, ainda inflou o número de mortos, dizendo que duas pessoas tinham morrido.

Nada disso deveria nos surpreender. Já está matematicamente demonstrado que o desprezo pela vida alheia e pelos fatos é o modus operandi da extrema direita. É a banalidade do mal, o mais puro suco de darwinismo social (perdoai-nos, Darwin, eles não sabem o que fazem) aplicado à saúde pública.

A coisa fica ainda mais feia, porém, quando até as pessoas que reconhecem a importância da vacinação acabam caindo na mesma lógica. "Darwin cuida", dizem eles: se a família foi burra o suficiente para escolher não vacinar seus filhos, ao menos perderá a chance de passar seus genes adiante.

Resta-me repetir o óbvio, como fiz durante os anos intermináveis da pandemia de Covid-19: a vacinação só funciona quando é um pacto coletivo. Ninguém se salva sozinho, por mais eficaz que uma vacina seja

Banalidade do mal de novo, infelizmente. Resta-me repetir o óbvio, como fiz durante os anos intermináveis da pandemia de Covid-19: a vacinação só funciona quando é um pacto coletivo. Ninguém se salva sozinho, por mais eficaz que uma vacina seja, porque não existem nem existirão vacinas perfeitas com 100% de proteção individual.

Tomemos o caso do próprio sarampo. O vírus causador da doença é um dos mais transmissíveis que conhecemos, o que significa que a proteção coletiva fornecida pela vacinação só se torna algo próximo do inexpugnável quando cerca de 95% da população suscetível é imunizada.

Abaixo desse limiar, a doença ainda consegue se espalhar e causar estragos, em especial entre não vacinados, mas também entre quem se vacinou, porque sempre existirão pessoas com sistema de defesa do organismo de funcionamento abaixo do ideal, ou cujo corpo não reage da forma esperada à imunização.

E, como as novas gerações sempre nascem com sistema de defesa "ingênuo", como diz o jargão dos especialistas —isto é, sem saber como lidar de forma específica com vírus e outros causadores de doenças—, não alcançar o limiar de proteção coletiva equivale a dar sobrevida ao matador de gente.

Tudo isso vale, é claro, para qualquer doença infecciosa. Vale, por exemplo, para a poliomielite ou paralisia infantil, que ainda sobrevive em alguns bolsões do planeta por causa de desconfianças a respeito da vacinação, geradas por ignorância e brigas geopolíticas.

As pessoas esquecem que doenças infecciosas eram capazes de varrer três continentes de ponta a ponta em poucos anos em épocas que tinham como o meio de transporte mais rápido o navio a vela. Para esse tipo de moléstia, a humanidade sempre será uma coisa só: um único banquete a ser devorado de ponta a ponta da mesa, ainda mais quando as viagens de avião funcionam como delivery a jato.

Não há muro que Trump construa capaz de mudar isso. E quem vomita desinformação para milhões de seguidores não precisa puxar gatilho nenhum para ficar com as mãos sujas de sangue.

DOM. Reinaldo José Lopes **SEG. Marcelo Leite, Mensageiro Sideral**
TER. Álvaro Machado Dias QUA. Marcelo Viana
SEX. Suzana Herculano-Houzel SÁB. Marcia Castro

Eufrázio

Funcionários de hospitais compram ventiladores por conta própria em SP

Prefeitura da capital paulista é acionada desde dezembro, diz sindicato; Secretaria Municipal da Saúde afirma que unidades passam por adequações de forma gradativa

Marcos Candido

SÃO PAULO Na UVIS São Miguel (Unidade de Vigilância em Saúde), em São Miguel Paulista, na zona leste de São Paulo, os funcionários pagaram do próprio bolso para comprar ventiladores e enfrentar o calor que tem atingido a cidade.

Em fevereiro, dois servidores do centro de saúde teriam se afastado após passarem mal por causa das altas temperaturas. "A cabeça gira. A visão fica turva. Você torra", diz uma funcionária que pediu anonimato.

Segundo os servidores da UVIS São Miguel, que preferem não se identificar, não há previsão de instalação de ar-condicionado no local —além de o elevador ter quebrado, o que força os agentes de saúde terem que subir e descer escadas. Com um termômetro próprio, eles chegaram a registrar 42°C em fevereiro.

O calor intenso em hospitais, UPAs (Unidades de Pronto Atendimento) e UBSs (Unidades Básicas de Saúde) vem afetando o trabalho de servidores da saúde e pacientes na capital paulista.

Desde dezembro, a prefeitura tem sido notificada pelo Sindsep (Sindicato dos Servidores Municipais de São Paulo) com pedidos de ar-condicionado, ventiladores, pontos de hidratação e até protetores solares para agentes de saúde. A última reivindicação foi no dia 21 de fevereiro.

As UVIS atendem a população que procura vacinação antirrábica para cães e gatos, fazem fiscalização de alimentos e medicamentos e controle de vetores de doenças, como o mosquito da dengue, entre outras ações.

A **Folha** usou um termômetro para aferir o calor no Hospital Municipal Tide Setubal, também em São Miguel Paulista, e no Professor Doutor Alípio Corrêa Netto, em Ermelino Matarazzo, na zona leste, na última quarta-feira (26), entre 11h e 13h, horário de calor intenso.



Funcionários do Hospital Municipal Tide Setubal, em São Miguel Paulista, na zona leste de São Paulo, compraram ventiladores com o próprio dinheiro para amenizar o calor Divulgação Tide Setubal



Termômetro indica 42°C na UVIS São Miguel, na zona leste de São Paulo Arquivo Pessoal

Na área de atendimento aos pacientes, as temperaturas nos dois locais ultrapassaram os 32°C. Segundo funcionários, o calor é ainda mais forte nos ambientes internos dos hospitais.

"É um inferno", diz uma servidora do Tide Setubal. Lá, os funcionários também compraram ventiladores portáteis como o próprio dinheiro.

No centro de saúde de São Miguel, a prefeitura instalou ventiladores fixos nas paredes. Os aparelhos, porém, são um empréstimo.

Em nota, a Secretaria Municipal da Saúde (SMS) afirma que "tem realizado adequações nas unidades de saúde citadas e em demais equipamentos, com objetivo de melhorar ainda mais a climatização e o bem-estar de pacientes e colaboradores".

A SMS diz em nota que "os hospitais Municipais Tide Setubal e Prof. Dr. Alípio Corrêa Netto (Ermelino Matarazzo) passam por uma reforma de ampliação das instalações, inclusive de leitos, além da melhoria do sistema de climatização. As adequações são realizadas de forma gradativa e vão proporcionar mais conforto a profissionais e pacientes".

O pedido do Sindsep feito à prefeitura está dentro do Plano de Ação Climática do Município de São Paulo, que estabelece desconforto térmico em temperaturas acima dos 27°C. "Limites a partir dos quais aumenta significativamente o risco de morte", argumentaram os líderes sindicais à prefeitura.

Na UPA da Lapa, na zona oeste, funcionários também relatam pacientes passando mal com os termômetros acima dos 30°C. Segundo a prefeitura, "a capacidade do ar-condicionado está sendo ampliada" após reformas.

Em um centro de controle epidemiológico em Ermelino Matarazzo, servidores também atendem a população em um subsolo, sem janelas ou ventilação, segundo um servidor. Um pedido de ar-condicionado teria sido feito à prefeitura mas, de acordo com o servidor, a administração alegou falta de verba e problemas estruturais no prédio alugado.

"A gente cozinha lá dentro", diz um servidor, que pede para não ser identificado por medo de represálias administrativas.

O chamado estresse térmico acontece quando o corpo transpira em excesso e desidrata para tentar equilibrar o calor interno. Os efeitos são queda de pressão, náuseas, confusão mental, câimbras, tontura e até morte.

Uma nota técnica do Ministério da Saúde, de 2017, inclui os espaços de saúde como vulneráveis ao calor, devido ao acréscimo diário de novas pessoas no mesmo espaço durante os atendimentos.

Fevereiro foi marcado por dias com mais de 30°C na capital paulista, ultrapassando a média climatológica para o mês, que é de 29°C, segundo o Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia).

A SMS afirma que sempre que a temperatura ou sensação térmica atinge 32°C na cidade, a prefeitura ativa a Operação Altas Temperaturas, atendendo a população em dez tendas montadas em pontos estratégicos e acolhendo pessoas que queiram um abrigo para descansar e se hidratar.

"Os cidadãos têm acesso a água, chás, sucos gelados e frutas. As tendas também contam com espaço para atendimento e orientação quanto aos cuidados necessários com os animais."



Vacina da gripe ficará disponível no ano todo

A vacina da gripe entrou no Calendário Nacional de Vacinação para crianças de seis meses a menores de seis anos, gestantes e idosos e estará disponível em todos os locais de vacinação durante o ano todo a partir da terceira semana de março, anunciou o Ministério da Saúde na sexta (28). Profissionais da saúde, professores, forças de segurança e pessoas com doenças crônicas ou deficiências, dentre outros, receberão o imunizante em campanhas sazonais.

Consumo de ultraprocessados por crianças favorece bactérias ruins

André Julião

AGÊNCIA FAPESP Estudo realizado com 728 crianças de até 1 ano de idade aponta que o consumo de alimentos ultraprocessados pode impactar negativamente a diversidade e a abundância da microbiota intestinal, com um efeito mais pronunciado em crianças que não são amamentadas.

Os resultados saíram na revista Clinical Nutrition, como parte do Estudo MINA - Materno-Infantil no Acre: coorte de nascimentos da Amazônia ocidental brasileira, que acompanha um grupo de crianças nascidas em 2015 e 2016 em Cruzeiro do Sul (AC), com financiamento da Fapesp

Crianças que ainda recebiam leite materno tiveram uma abundância maior de *Bifidobacterium*, um gênero de bactérias conhecido pela associação com a boa saúde intestinal.

Por sua vez, aquelas que não eram amamentadas e faziam consumo de produtos ultraprocessados, como salgadinhos de pacote, biscoitos recheados, bebidas achocolatadas, refrigerantes, sucos artificiais, sorvete, macarrão instantâneo, entre outros, tiveram uma abundância maior de gêneros como *Selimonas* e *Finegoldia*, pouco abundantes no grupo de crianças amamentadas e tipicamente presentes em indivíduos com obesidade ou doenças gastrointestinais na adolescência e fase adulta.

"Identificamos ainda que o aleitamento materno atenuou os efeitos prejudiciais do consumo de ultraprocessados na composição da microbiota intestinal. O grupo de crianças que recebia o leite materno e não consumia produtos ultraprocessados apresentou uma microbiota mais estável e com melhores marcadores de saúde, principalmente pela maior abundância de Bifidobacterium", afirma o primeiro autor do estudo, Lucas Faggiani, que realiza doutorado na Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP-USP) e teve bolsas da Fapesp durante a graduação.

728

crianças tiveram dados coletados para o estudo em 2016 e 2017, quando completaram um ano de idade

"Não existia, até hoje, um estudo com tantos participantes que analisasse, ao longo do primeiro ano de vida, a composição da microbiota intestinal em relação ao consumo de produtos ultraprocessados, justamente quando o sistema imune está se formando", explica Marly Cardoso, professora da FSP-USP e coordenadora do projeto.

Além do tamanho amostral, completa Faggiani, o estudo se destaca por ser uma coorte de base populacional, em região amazônica e com vulnerabilidade social marcante, que contribui para a investigação de variáveis pouco exploradas na literatura dessa temática.

Cada um no seu lugar

Em todas as épocas, existem craques, jogadores bons e jogadores ruins

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador da Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

No meio de semana, na vitória por 1 a 0 sobre o Tottenham pelo Campeonato Inglês, o Manchester City parecia outro time na maneira de jogar, irreconhecível. Em vez de pressionar, ter a bola e sufocar o adversário, como sempre fez, recuava para fechar os espaços com duas linhas de quatro para depois contra-atacar. Guardiola mostrou que sabe também organizar um time do modo como fazem tantos outros treinadores.

Como o City disputa o quarto lugar no Campeonato Inglês, que dá vaga para a Liga dos Campeões, Guardiola deve ter achado mais seguro mudar a estratégia. O placar mínimo reflete essa conduta. Será que nos próximos jogos, mesmo em casa, ele vai repetir a nova formação tática?

As duas linhas de quatro começaram com a seleção inglesa campeã do mundo em 1966. Apesar de tantas evoluções estratégicas no futebol mundial, esse desenho tático talvez ainda seja o mais usado no mundo. Na frente, pode ser uma dupla de atacantes ou um meia ofensivo e um centroavante.

As coisas vão e voltam no futebol. "A vida dá muitas voltas, a vida nem é da gente", escreveu João Guimarães Rosa.

No início do futebol, os times jogavam com dois zagueiros, três médios e cinco atacantes. O centro-médio era o organizador da equipe, o jogador de melhor passe. Com o tempo, ele foi substituído, principalmente no Brasil, pelo volante marcador. Isso tem mudado. Hoje, um dos jogadores mais desejados na Europa é o volante centralizado (centro-médio) articulador, que inicia as jogadas com ótimos passes, como Rodri. No Brasil, os promissores e hábeis volantes são escalados desde as categorias de base como meias ofensivos ou pontas. Falta um craque meio-campista na seleção.

> **Nas minhas caminhadas diárias, para fortalecer a alma e o corpo, muitas pessoas, geralmente mais idosas, falam que no passado havia muito mais ótimos jogadores do que no presente. Há controvérsias**

Nos anos 60, quase todos os times jogavam com dois pontas abertos, rápidos e dribladores. O ponta-esquerda usava a perna canhota, e o destro atuava pela direita. Driblavam para a linha de fundo e cruzavam. Hoje é o contrário. O canhoto joga pela direita, e o destro, pela esquerda. Driblam para o centro para definir as jogadas. O ideal é o ponta driblar para os dois lados. Alguns já têm feito isso, como os jovens Estêvão, do Palmeiras, e Lamine Yamal, do Barcelona.

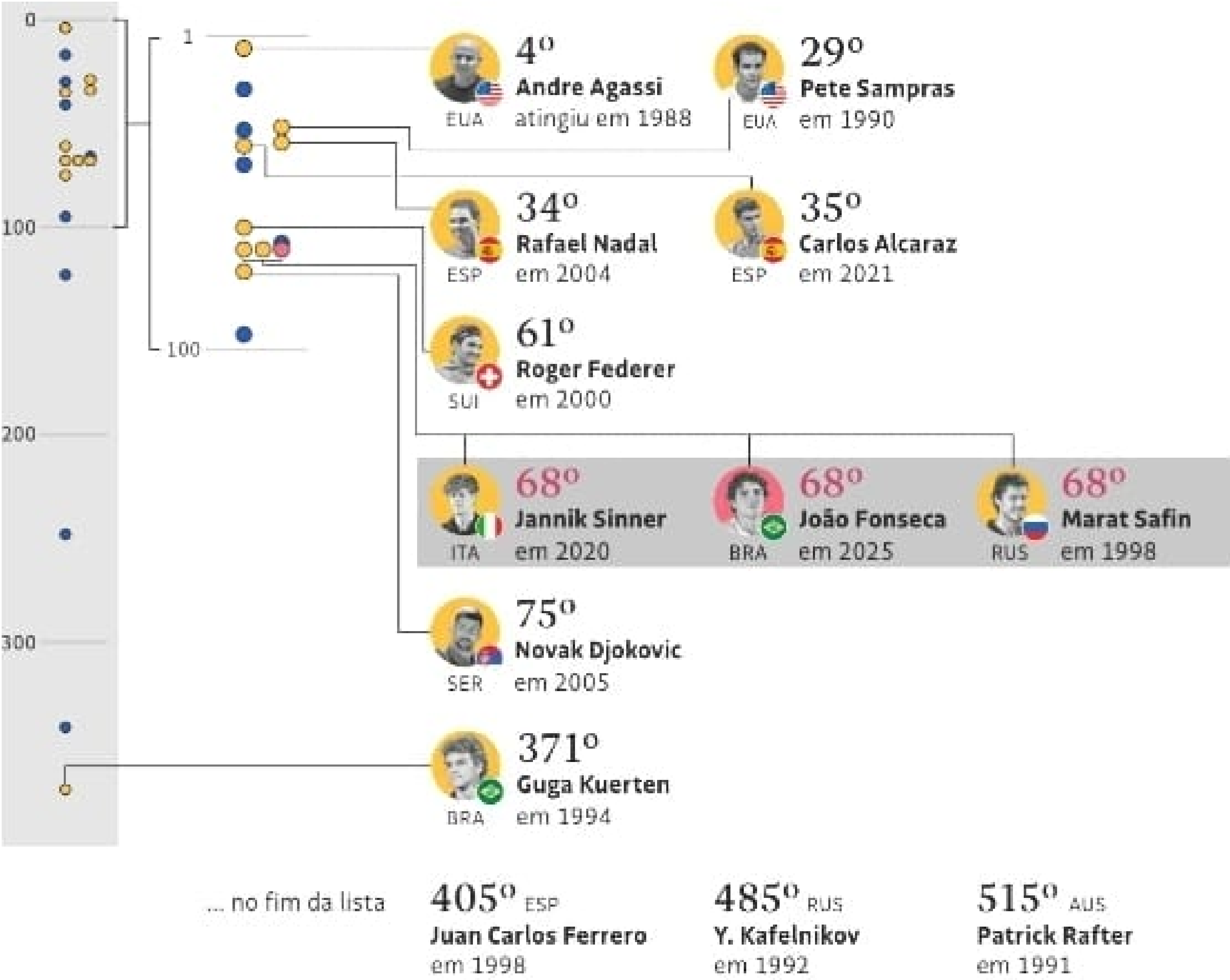
Como as equipes já possuem pontas, raros são os laterais apoiadores, algo que foi uma marca importante do futebol brasileiro durante décadas. Faltam à seleção nacional brilhantes laterais que marcam e possuem ótimos passes.

O futebol evoluiu bastante em muitos aspectos. Os times são mais intensos, compactos, pressionam na marcação, trocam mais passes desde o goleiro e são muito mais precisos em alguns gestos técnicos, como nas cobranças de escanteio e nas cabeçadas para o gol.

Nas minhas caminhadas diárias, para fortalecer a alma e o corpo, muitas pessoas, geralmente mais idosas, falam que no passado havia muito mais ótimos jogadores. Há controvérsias. Em todas as épocas, existem craques, jogadores bons e ruins.

Outras dizem que era mais fácil jogar no passado, pois havia mais espaços. Há também controvérsias. Por causa dos muitos espaços, os bons brilhavam mais, e os ruins mostravam logo suas limitações. Hoje, com a marcação muito próxima, os medianos costumam impressionar pela intensidade. Porém, com o tempo, as coisas chegam aos seus lugares.

Em que posição estavam os maiores tenistas do mundo na idade de João Fonseca
Considera apenas atletas que chegaram ao número 1 do ranking da ATP desde 1990



Obs.: o russo Daniil Medvedev também foi top 1, mas não estava no ranking aos 18 anos
Fonte: Análise Deltafolha com dados da ATP

João Fonseca atingiu mesmo ranking que Sinner e Safin tinham aos 18 anos e meio

Promissor carioca alcançou posição melhor do que a registrada na mesma idade por dez tenistas que viriam a ser número um do mundo

DELTAFOLHA
Lucas Bombana e Paula Soprana

SÃO PAULO Apesar da frustrante derrota na primeira rodada do Rio Open, o brasileiro João Fonseca já alcançou feitos comparáveis aos de grandes nomes do tênis.

Ao atingir o 68º lugar da Associação dos Tenistas Profissionais, com a conquista do ATP de Buenos Aires, o jovem tenista igualou o ranking que o italiano Jannik Sinner, atual número um, e o russo Marat Safin, primeiro colocado nos anos 2000, atingiram na sua idade —18 anos e seis meses.

Levantamento da **Folha** considerou qual foi a melhor marca alcançada até essa idade por todos os tenistas que ocuparam a liderança da ATP desde os anos 1990, quando se iniciou o atual formato de competições ATP Tour.

Sinner, que recebeu recentemente uma suspensão de três meses por doping, conquistou o primeiro título da carreira aos 17 anos, quando faturou o Challenger de Bergamo, na Itália, em 2019. No mesmo ano, venceu mais dois torneios da categoria Challenger: Lexington, nos Estados Unidos, e Ortisei, na Itália.

Torneios challenger são geralmente disputados por jovens em início de carreira no circuito profissional, em busca dos primeiros pontos para o ranking.

Em seguida, há os torneios nível ATP, divididos nas categorias 250, 500 e Masters 1000, relativas ao número de pontos distribuídos ao campeão. No topo da hierarquia, estão os quatro Grand Slams —Australian Open, Roland Garros, Wimbledon e US Open—, que dão 2.000 pontos cada um ao campeão.

Sinner ainda levou o troféu do Next Gen ATP Finals, que reúne os oito melhores tenistas de até 20 anos, aos 18 anos e dois meses. Ele é o mais novo a conquistar o torneio, iniciado em 2017, e se tornou o número um em junho de 2024, aos 22 anos, após ter levantado no início do ano o troféu do Australian Open.

Fonseca passou a atrair a atenção dentro do circuito profissional ao vencer o Next Gen no fim de 2024, aos 18 anos e quatro meses, dias antes de levar o Challenger de Canberra, na Austrália.

Na sequência, em sua primeira participação em um torneio da série Grand Slam, derrotou o então número nove do mundo, o russo Andrei Rublev, por 3 sets a 0, no Australian Open.

Com o título na Argentina, ele se tornou o décimo tenista mais novo da história na era aberta a vencer um título de nível ATP. A liderança é do australiano Lleyton Hewitt, que venceu o torneio de Adelaide aos 16 anos e dez meses.

Na sequência, com a queda precoce no saibro do Jockey Club, Fonseca perdeu dez posições no ranking da ATP, caindo para 78º.

Safin, que teve grande rivalidade dentro das quadras com o brasileiro Gustavo Kuerten, venceu o primeiro título também aos 17 anos, com a conquista do Challenger de Espinho, em Portugal.

Aos 18, o russo teve como maiores conquistas avançar até a fase oitavas de final em Roland Garros —tirando o então campeão Guga na segunda rodada— e no US Open. Acabou eliminado pelos tenistas da casa Cédric Pioline e Pete Sampras, respectivamente.

Ele alcançou o posto de número um no ano 2000, aos 20 anos, carregando na bagagem o título do US Open, derrotando Sampras na final daquele ano.

No total, dez tenistas que já ocuparam o posto de número um do mundo não alcançaram, até os 18 anos e meio, uma posição tão alta quanto a de Fonseca.

Continua na pág. A39

Eufrázio

ESPORTE AO VIVO Campeonato Paulista
18h30 Corinthians x Mirassol, Record, CazéTV, UOL Play, Nosso Futebol e Zapping

esporte



O brasileiro João Fonseca é uma das grandes promessas do circuito mundial de tênis Eduardo Anizelli - 18.fev.25/Folhapress

Continuação da pág. A38
O sérvio Novak Djokovic, campeão olímpico e recordista de títulos de Grand Slam, com 24 torneios de primeira linha do tênis, é o que mais se aproxima na lista, sendo o 75º do mundo aos 18 anos e seis meses.

Na época, Djokovic tinha como maiores conquistas da carreira três Challengers (de Budapeste, na Hungria, de Aachen, na Alemanha, e de San Remo, na Itália).

O russo Daniil Medvedev, que alcançou o topo em 2022, aos 26 anos, nem sequer constava no ranking nessa idade.

Guga, por sua vez, era o 371º do mundo. Seu melhor resultado até então havia sido a fase quartas de final do Challenger de São Luís, no Maranhão. Em novembro de 1996, aos 20 anos, venceu o primeiro título da carreira (Challenger de Campinas). No ano seguinte, surpreendeu o mundo quando, ocupando o posto de 66º do ranking, venceu Roland Garros.

Único brasileiro até hoje a alcançar o topo do ranking da ATP em simples, Guga chegou à liderança em dezembro de 2000, aos 24 anos, após o título da Masters Cup, em Lisboa.

Há, ainda, outros dez tenistas que foram líderes do ranking ao longo da carreira que já haviam superado o ranking de Fonseca até a idade atual do brasileiro.

"A maneira como ele jogou sua primeira partida de Grand Slam contra seu primeiro adversário do top 10 é incrível", disse o espanhol Carlos Alcaraz, 21, que é o mais novo da história a alcançar a liderança do ranking, aos 19 anos e quatro meses, em 2022. Ele era o 35º na idade de Fonseca.

O alemão Boris Becker e o estadunidense Andre Agassi chegaram a alcançar o posto de número quatro do mundo na idade.

Becker já havia conquistado o Grand Slam de Wimbledon, em 1985 —ele é, até hoje, o mais novo campeão do tradicional torneio disputado na grama, aos 17 anos e sete meses.

Agassi, que conquistou aos 17 anos o primeiro título em Itaparica, na Bahia, batendo o brasileiro Luiz Mattar na final, enfileirou no ano seguinte seis conquistas de torneios da ATP, além de avançar até as semifinais do US Open, sendo eliminado por Ivan Lendl.

"Sou apenas um garoto de 18 anos, tentando alcançar meu sonho", afirmou Fonseca.



Estêvão leva Palmeiras à 12ª semifinal consecutiva do Paulista

Time alviverde fez 3 a 0 contra o São Bernardo, na noite deste sábado (1º), com dois gols do atacante de 17 anos (à dir. na foto), no primeiro tempo; Flaco López fechou o placar aos 13 da segunda etapa Guilherme Veiga/UAI Foto/Folhapress

Botafogo: estratégia ou abandono?

O boquirroto Textor quer repetir o feito de 2024 ou deixou o Glorioso de lado?

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Na temporada passada, o Botafogo ficou fora da fase final do Carioquinha.

Isso depois do fiasco ocorrido no Campeonato Brasileiro de 2023, quando teve a taça nas mãos, abriu 13 pontos de diferença sobre o segundo colocado e acabou seis pontos atrás do campeão Palmeiras, em quinto lugar, com vaga apenas na pré-Libertadores.

Daí para a frente sabem a rara leitora e o raro leitor o que aconteceu: o alvinegro carioca não só ganhou a Libertadores como abiscoitou também o Brasileirão, façanha para poucos.

A história se repete no começo deste ano de 2025.

O Glorioso ficou fora até da Copa Rio e deixou escapar a Recopa Sul-Americana sem oferecer resistência ao Racing, lá e cá, 2 a 0 e 0 a 2.

O boquirroto John Textor marcha para a desmoralização.

Ele aceitou fazer acordo com o STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) e pagar um milhão de reais para escapulir de dura suspensão por ter feito acusações levianas contra a arbitragem da CBF. Arbitragem que é ruim demais, mas não, necessariamente, desonesta —pelo menos até que se prove.

Se não montar outro time competitivo, Textor terá dificuldade em sair às ruas da Cidade Maravilhosa, e a esperança está em que ele planeje repetir a estratégia de 2024.

Só agora se contratou treinador, o português Renato Paiva, e o torcedor, mesmo ainda compreensivelmente anestesiado pelas conquistas recentes, começa a se perguntar se tudo não passou de sonho de verão.

O botafoguense exige respeito e não quer limitar sua gratidão a um cometa, como já aconteceu em 1989, quando saiu da fila graças ao seu presidente Emil Pinheiro, então um dos maiores bicheiros do Rio

Os dois principais jogadores da vitoriosa campanha, Luiz Henrique, ruim da cabeça e saudável dos pés, e Thiago Almada, foram embora, o refinado argentino para o Lyon, também de Textor.

Tiquinho Soares foi outro que saiu e começa a ir bem no Santos, assim como uma leva de campeões deixou o clube.

Será a SAF do Glorioso tão safada que se contentou com os feitos recentes e, satisfeita, abandonou os torcedores do clube de General Severiano?

Saberá o empresário estadunidense que o Lyon e, muito menos, o Crystal Palace, outros clubes nos quais investe, não têm história para amarrar as chuteiras do Botafogo?

O clube francês, por sinal, só apareceu na foto neste século e porque Juninho Pernambucano o liderou no extraordinário período de sete anos entre 2001 e 2008, quando foi heptacampeão francês.

Mas, se o assunto é sete, o Botafogo teve Mané Garrincha, Jairzinho, Maurício, Túlio e Luiz Henrique com o 7 nas costas e é parte indelével do pentacampeonato da seleção brasileira, com gênios da estirpe de Nilton Santos e Didi, além dos citados Garrincha e Jairzinho, para não falar de Zagallo, Amarildo, Paulo Cézar Caju e Roberto Miranda.

O botafoguense exige respeito e não quer limitar sua gratidão a um cometa, como já aconteceu em 1989, quando saiu da fila de 21 anos graças ao seu presidente Emil Pinheiro, então um dos maiores bicheiros do Rio de Janeiro.

Textor tem crédito em vias de acabar, ainda mais depois do desmoralizante acordo com o STJD, obrigado a botar cinicamente o rabo entre as pernas.

Poderá melhorar sua imagem se oferecer ajuda a Igor Melo, o influenciador botafoguense covardemente balcado pelo ainda solto policial reformado Carlos Alberto de Jesus, porque ser preto no Brasil é convite para tomar tiro.

Será um belo gesto.



Zelenski e Trump batem boca durante encontro na Casa Branca

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (ao centro), e seu vice, J.D. Vance (à dir.), discutiram em tom acalorado com o líder ucraniano, Volodimir Zelenski (à esq.), na sexta-feira (28), em frente à imprensa; o visitante cobrou que os EUA se posicionassem ante a Rússia, o americano respondeu com ameaça de deixar a guerra e reprimenda a 'valentão', e seu vice disse ver desrespeito em cobrança Brian Snyder/Reuters

DICAS DO EDITOR

Sérgio Dávila
Diretor de Redação

Saúde do papa e espera pelo Oscar definem a semana

Novas séries de reportagens da Folha destacam a situação na fronteira de EUA e México e as novas atitudes em torno das bebidas alcoólicas; ator Gene Hackman é encontrado morto



Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2ª

Monumento a papa João Paulo 2º vira ponto de orações para Francisco

De Roma, a repórter Michele Oliveira relata como religiosos e fiéis reagem à internação do papa Francisco, que está em estado crítico de saúde. Um monumento a João Paulo 2º, na entrada do hospital onde o atual pontífice está internado, virou um ponto de orações e homenagens.

Destaco também reportagem que lista dicas de segurança para quem vai aproveitar o Carnaval.

3ª

Fronteira México-EUA tem migrantes encurralados após suspensão de asilos

A correspondente da **Folha** nos Estados Unidos, Julia Chaib, percorreu centenas de quilômetros da fronteira com o México para retratar, em uma série de reportagens, a situação dos migrantes diante das medidas do governo Trump. O texto de estreia da série mostra a situação de famílias que não querem ou não podem retornar a seus países de origem e ficam encurraladas em abrigos na fronteira.

Recomendo também reportagem sobre "Ainda Estou Aqui", filme nacional que alcançou o maior número de cidades do Brasil e desbancou "Minha Mãe É uma Peça 3".

4ª

Malefícios do álcool ganham fôlego com novas recomendações

Álcool na mira, nova série da **Folha**, debate mudanças de comportamento em torno do consumo de bebidas. No texto de estreia, a repórter Bárbara Blum discute os efeitos da substância, que, segundo novos estudos, faz mal em qualquer quantidade.

Destaco também entrevista com advogado da Trump Media e do Rumble. À coluna Mônica Bergamo, Martin de Luca falou sobre Bolsonaro, ação contra Alexandre de Moraes e presença da plataforma no Brasil.

5ª

Agenda de blocos e piores horários nas estradas ajudam a planejar Carnaval

A **Folha** seleciona opções de lazer para quem quer curtir e quem quer fugir do Carnaval em São Paulo. Ainda não sabe onde ir? Ferramenta traz um guia de festas na cidade de SP e no Rio de Janeiro. Se for curtir na rua, veja dicas de como se manter saudável. Quer aproveitar com tranquilidade? Veja programas para fugir da folia. E se for pegar a estrada, saiba quais os horários de maior movimento para evitar trânsito.

Destaco texto sobre o ator Gene Hackman, que morreu aos 95 anos. Estrela de filmes como "Operação França" e "Os Imperdoáveis", ele venceu duas estatuetas do Oscar e teve uma carreira de seis décadas. Relembre outras obras do ator.

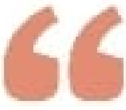
6ª

Gestão Dilma no banco dos Brics tem metas atrasadas e relatos de assédio

Reportagem de Patrícia Campos Mello revela que a gestão de Dilma Rousseff à frente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), o banco do Brics, tem metas atrasadas, relatos de assédio moral, demissões e críticas por má gestão.

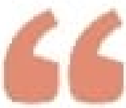
Destaco também texto sobre sobre "Ainda Estou Aqui", que teve orçamento de R$ 45 milhões para produção e outros investimentos na campanha para o Oscar. Premiação será no próximo domingo.

FRASES DA SEMANA



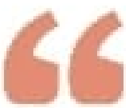
Se você analisar uma turma com a outra, essa turma que eu estou, tem um apelido, né? Câmara de gás. Entrou ali...

Jair Bolsonaro (PL), ex-presidente, ao jornalista Leo Dias na terça (25), sobre a turma do Supremo Tribunal Federal que avaliará a denúncia apresentada pela PGR que o acusa de tentativa de golpe de Estado



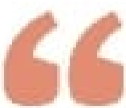
Impor multas a empresas sediadas nos EUA por se recusarem a censurar pessoas que vivem nos Estados Unidos é incompatível com os valores democráticos, incluindo a liberdade de expressão

Departamento de Estado dos EUA no X (antigo Twitter), na quarta (26), em referência implícita a decisões do ministro do STF Alexandre de Moraes sobre a plataforma Rumble



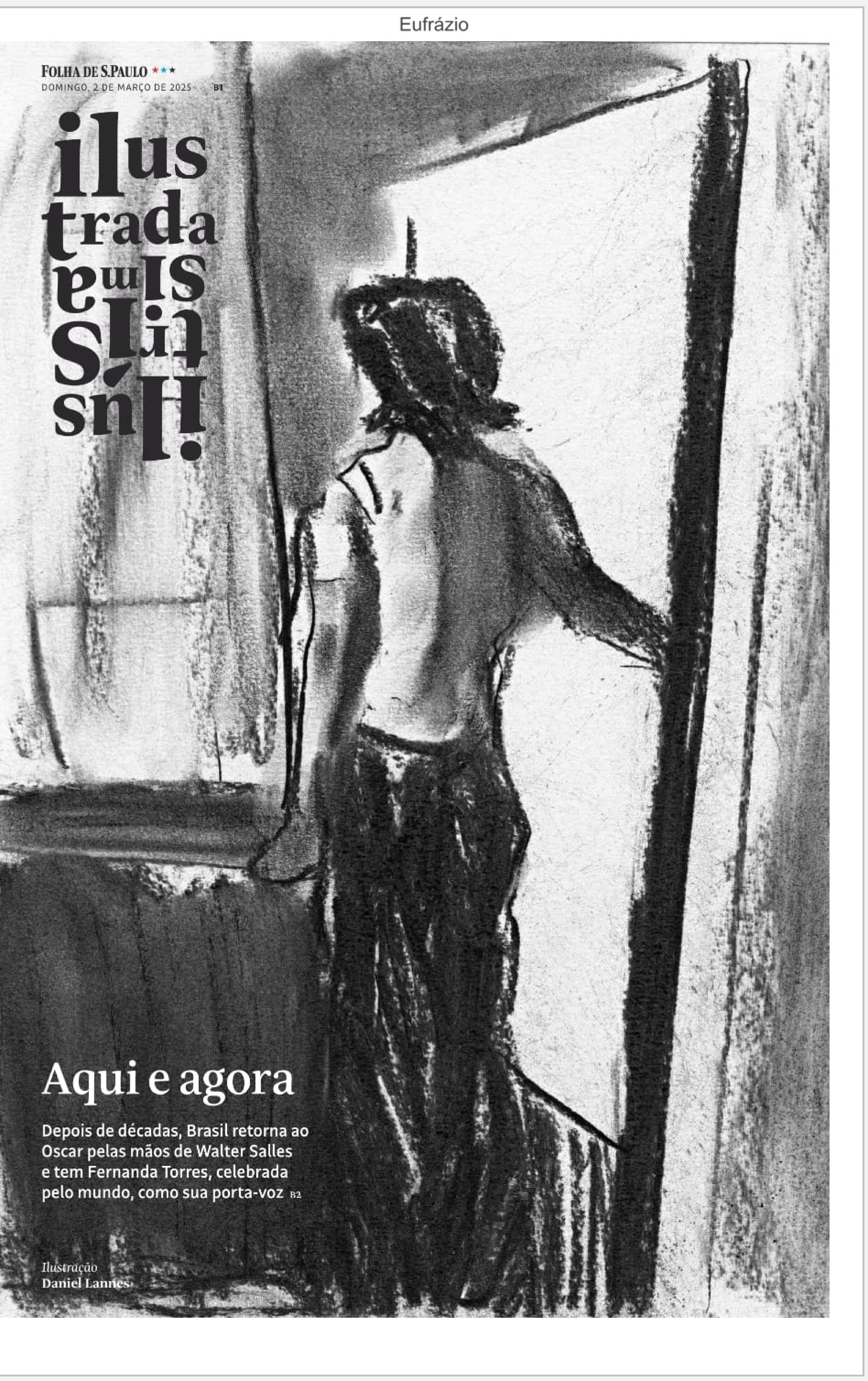
Reafirmo nosso juramento integral de defesa da Constituição brasileira e pela soberania do Brasil [...], pois deixamos de ser colônia em 7 de setembro de 1822

Alexandre de Moraes ministro do STF, na quinta (27), após a publicação do Departamento de Estado dos EUA



Nísia era uma companheira da mais alta qualidade [...], mas eu estou precisando de um pouco mais de agressividade [...], por isso estou fazendo algumas trocas

Lula (PT) presidente, ao Balanço Geral Litoral, da Record, na quinta (27), após trocar Nísia Trindade por Alexandre Padilha no Ministério da Saúde



FOLHA DE S.PAULO
DOMINGO, 2 DE MARÇO DE 2025 B1

ilustrada
ilustríssima

Aqui e agora

Depois de décadas, Brasil retorna ao Oscar pelas mãos de Walter Salles e tem Fernanda Torres, celebrada pelo mundo, como sua porta-voz B2

Ilustração
Daniel Lannes

Em meio a terra estrangeira, uma central do Brasil

[RESUMO] 'Ainda Estou Aqui', longa dirigido por Walter Salles, faz história e leva o Brasil a três categorias da 97ª edição do Oscar, com chances reais de vitória nas disputas por melhor filme internacional e melhor atriz depois de seu grande rival, o francês 'Emilia Pérez', se afundar em um mar de polêmicas

Por **Alessandra Monterastelli e Guilherme Luis**
Repórteres da Ilustrada

Este Oscar pode não ter um filme favorito, como nas últimas edições, mas os brasileiros certamente já têm o seu. "Ainda Estou Aqui" consagra o cinema nacional na premiação mais importante de Hollywood com três indicações históricas, uma delas inédita, a de melhor filme. O longa-metragem de Walter Salles concorre também aos troféus de filme internacional e de atriz, com Fernanda Torres.

O clima é de Copa do Mundo —o Brasil, que nunca levou um Oscar, pode finalmente sair vitorioso nesta 97ª edição. A cerimônia começa às 21h. A transmissão brasileira no canal de assinatura TNT e na plataforma de streaming Max começa às 19h30, com entrevistas e cobertura do tapete vermelho. A Globo também vai exibir a premiação, exceto no Rio de Janeiro, após o fim do Fantástico.

A expectativa é grande especialmente pelo troféu de filme internacional, pelo qual o país já bateu na trave quatro vezes. O último a disputar foi "Central do Brasil", em 1999, outro longa de Walter Salles, que rendeu também uma indicação ao troféu de atriz a Fernanda Montenegro. Ela perdeu, e a ferida nunca cicatrizou.

Torres, sua filha, agora tem chances maiores. Ela é avaliada por um grupo de votantes com gente de vários países. Em 2020, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas cedeu à pressão por diversidade e anunciou a inclusão de mais integrantes que fugiam do perfil dominante, formado por homens brancos e heterossexuais.

Mas este ainda é um Oscar marcado por incertezas. Na categoria de melhor filme, que indicou dez produções, o favoritismo vem oscilando entre "O Brutalista" e "Anora", que cresceu na disputa depois de triunfar em premiações americanas consideradas importantes termômetros para o Oscar, como o SAG e o Critics Choice Awards.

Outra aposta de peso é "Conclave", indicado a oito categorias, que narra a escolha de um novo papa. Perderam fôlego, assim, "A Substância" e o musical "Wicked", além de "Duna: Parte 2".

"Emilia Pérez" até ensaiava fisgar o troféu principal da noite, mas o filme se afundou em polêmicas. Do francês Jacques Audiard, o longa foi o mais indicado desta edição, com 13 estatuetas, mas despertou a ira do público mexicano, que acusa o filme de fazer uma caricatura ofensiva do seu país.

O diretor admitiu saber pouco sobre a cultura mexicana. Para piorar, o elenco não tem artistas latinos entre as protagonistas, com a tríade principal formada por uma espanhola, Karla Sofía Gascón, e as americanas Zoe Saldaña e Selena Gomez. Gascón, aliás, é a primeira mulher trans da história a concorrer ao prêmio de melhor atriz.

Mas a festa durou pouco. Em entrevista a este jornal em janeiro, Gascón acusou a equipe de Torres de colaborar com os comentários de ódio que vinha recebendo nas redes sociais, onde torcidas opõem as duas candidatas à estatueta de melhor atriz.

A fala de Gascón irritou os brasileiros, repercutiu internacionalmente, e em menos de um dia foram ressuscitadas postagens antigas da atriz com comentários contra muçulmanos, dúvidas sobre a eficácia de vacinas e críticas aos defensores de George Floyd, do movimento Black Lives Matter. Ela deu entrevistas às lágrimas para se desculpar e, desde então, sumiu da campanha de divulgação do filme.

Algumas previsões de veículos especializados ainda indicam a possível vitória de "Emilia Pérez" na categoria de filme internacional, mas a maioria aposta mesmo em "Ainda Estou Aqui".

O filme brasileiro foi impulsionado por Torres com suas participações em programas de auditório e talk shows dos Estados Unidos. Ela também foi capa de importantes veículos americanos, caso do The Hollywood Reporter, que afirmou que a brasileira já é uma vencedora mesmo sem a estatueta.

Seu páreo é com Mikey Madison, de "Anora", que aumentou suas chances após levar prêmios menores nas últimas semanas, e com Demi Moore, até então tida como a favorita por sua performance em "A Substância".

O filme de terror ameaça ganhar também o prêmio de roteiro original, numa disputa com "Anora" e "O Brutalista". "Conclave", o filme dos papas, é o favorito em roteiro adaptado.

O protagonista de "O Brutalista", Adrien Brody, tem em Timothée Chalamet, Bob Dylan em "Um Completo Desconhecido", seu principal rival para o Oscar de melhor ator. Kieran Culkin é o mais forte na corrida de ator coadjuvante por "A Verdadeira Dor". No caso de atriz coadjuvante, a briga fica entre Zoe Saldaña, de "Emilia Pérez", Ariana Grande, por "Wicked", e Isabella Rossellini, de "Conclave".

"Wicked", aliás, domina as indicações nas categorias técnicas, como figurino, maquiagem e som. Em montagem, o musical, adaptado de uma peça de teatro, concorre com "O Brutalista". ←

Oscar
QUANDO Dom. (2), às 21h. **ONDE** No canal de TV por assinatura TNT e na plataforma de streaming Max, a partir das 19h30. Na Globo, após o Fantástico



A atriz Karla Sofía Gascón, protagonista de 'Emilia Pérez' Ryan Pfluger/The New York Times



Indicados ao Oscar

Melhor filme
- 'Anora' (cinemas)
- 'O Brutalista' (cinemas)
- 'Emilia Pérez' (cinemas)
- 'Conclave' (cinemas)
- 'Ainda Estou Aqui' (cinemas)
- 'Wicked' (lojas digitais)
- 'Um Completo Desconhecido' (cinemas)
- 'A Substância' (Mubi)
- 'Duna: Parte 2' (Max)
- 'O Reformatório Nickel' (Prime Video)

Melhor filme internacional
- 'A Garota da Agulha' (Mubi)
- 'Emilia Pérez'
- 'Ainda Estou Aqui'
- 'A Semente do Fruto Sagrado' (lojas digitais e cinemas)
- 'Flow' (cinemas)

Direção
- Jacques Audiard, 'Emilia Pérez'
- Brady Corbet, 'O Brutalista'
- Sean Baker, 'Anora'
- Coralie Fargeat, 'A Substância'
- James Mangold, 'Um Completo Desconhecido'

Roteiro original
- 'Anora'
- 'O Brutalista'
- 'A Verdadeira Dor' (cinemas)
- 'A Substância'
- 'Setembro 5' (lojas digitais)

Roteiro adaptado
- 'Conclave'
- 'Emilia Pérez'
- 'O Reformatório Nickel'
- 'Um Completo Desconhecido'
- 'Sing Sing' (cinemas e Max, 25.mar)

Atriz
- Demi Moore, 'A Substância'
- Fernanda Torres, 'Ainda Estou Aqui'
- Mikey Madison, 'Anora'
- Karla Sofía Gascón, 'Emilia Pérez'
- Cynthia Erivo, 'Wicked'

Ator
- Ralph Fiennes, 'Conclave'
- Adrien Brody, 'O Brutalista'
- Timothée Chalamet, 'Um Completo Desconhecido'
- Colman Domingo, 'Sing Sing'
- Sebastian Stan, 'O Aprendiz'

Atriz coadjuvante
- Zoe Saldaña, 'Emilia Pérez'
- Ariana Grande, 'Wicked'
- Isabella Rossellini, 'Conclave'
- Felicity Jones, 'O Brutalista'
- Monica Barbaro, 'Um Completo Desconhecido'

Ator Coadjuvante
- Kieran Culkin, 'A Verdadeira Dor'
- Edward Norton, 'Um Completo Desconhecido'
- Guy Pearce, 'O Brutalista'
- Yura Borisov, 'Anora'
- Jeremy Strong, 'O Aprendiz'

Documentário
- 'Sem Chão' (cinemas)
- 'Sugarcane: Sombras de um Colégio Interno' (Disney+)
- 'Diários da Caixa Preta' (indisponível)
- 'Porcelain War' (indisponível)
- 'Trilha Sonora para um Golpe de Estado' (cinemas)

Animação
- 'Robô Selvagem' (lojas digitais)
- 'Flow'
- 'Divertida Mente 2' (Disney+)
- 'Memórias de um Caracol' (indisponível)
- 'Wallace & Gromit: Avengança' (Netflix)

Eunice Paiva ainda está aqui

Registrei tudo o que tem acontecido num livro novo, porque explorar a dor e a saudade escrevendo é compulsivo

Por **Marcelo Rubens Paiva**
Escritor e autor do livro 'Ainda Estou Aqui'

Alguém com Alzheimer morre aos poucos. Sua alma se evapora antes de o físico derreter. Por vezes, falávamos da minha mãe no passado, apesar de ela estar por perto, imóvel, numa cadeira de rodas. Por vezes, ela tinha lampejos de lucidez. Foi numa dessas que reclamou: "Ainda estou aqui".

Sim, mãe, logo corrigíamos, sabemos disso, nos desculpe. Com a doença avançando, a morte se aproximando, as dores aumentando, as idas e vindas a hospitais, um sentimento devastador atingiu a todos, o que é natural, inevitável, crucial, de quando chegará o descanso final, já que no descaso da vida ela aprontou mais uma.

Ela viu, mas não registrou, ou talvez tenha feito, os resultados da Comissão Nacional da Verdade, a condenação em 2014 pela Justiça do Rio de Janeiro dos torturadores de seu marido, a ascensão da extrema direita, a repercussão do livro "Ainda Estou Aqui", a histeria e polarização das eleições de 2018. Não viu cartazes pedindo o AI-5, ou pior, "Ustra vive".

Carregava o fardo do Alzheimer havia mais de 15 anos e morreu justamente no dia 13 de dezembro, nos 50 anos do AI-5. A grande satisfação foi ver no Jornal Nacional uma reportagem de mais de dez minutos sobre ela, ouvir Heraldo Pereira, apresentador da GloboNews, dizer que morria uma brasileira amorosa, lúcida e que sempre atendeu bem e respeitou a imprensa, com só uma menção à data do AI-5.

No velório e enterro, surpresa: apareceram amigos de toda a vida, amigos das minhas irmãs, meus amigos. O Bloco Acadêmicos do Baixo Augusta compareceu em peso. Amigos roqueiros dos anos 1980 ajudaram a carregar o caixão. No enterro, eu me emocionei: "Mãe, você está sendo carregada por dois punks, dois pós-punks, um trotskista, petistas, tucanos, diletantes, poetas, boêmios e até por um palhaço dos Parlapatões".

No cemitério do Araçá, na capital paulista, foi levada ao mausoléu dos Facciolla, uma casinha mediterrânea azul e branca que, da avenida Doutor Arnaldo, dá para ver o telhado e parte da fachada —sempre que passo de ônibus ou carro, vejo e aceno. Foi enterrada com sua mãe, suas tias e tios, cujas plaquinhas indicavam a data da morte, mas não a do nascimento. Eram parentes italianos que não sabiam o dia em que nasceram.

É para cá que quero ser trazido, quando morrer, avisei em alto e bom som. Cada nome, uma fotinho.

A da minha mãe é uma em que ela sorri. Ao final, não poderia faltar: Eduardo Suplicy, o único político presente, cantou a pedidos "Blowin' in the Wind". Empostava a voz como se estivesse num comício. Pôs na letra toda a emoção que nem mesmo Bob Dylan havia imaginado quando a compôs.

A missa de sétimo dia foi na capela modesta do Sion de Higienópolis, para quem ela, quando menina, fez campanha para arrecadar dinheiro para a compra de tijolos. Minha mãe era católica. Quando me via lendo sobre anarquismo, minha camiseta do Sex Pistols, ou lia os primeiros textos em que publiquei, para fanzines punks, perguntava se eu não acreditava em Cristo. Logo ela, neta do anarquista italiano Pedro Donatti, que veio ao Brasil em fuga com duas filhas. Ela me mandava prestar atenção na ética cristã e me fez ler livros da teologia da libertação. Foi essa ética que seguiu e moldou a heroína brasileira que agora o mundo conhece.


A família de Rubens Paiva, pai de Marcelo Rubens Paiva, o segundo na foto, dias depois de sua prisão no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro, em março de 1971 Eduardo Simões

Meses após sua morte, sonhei com ela, não com Alzheimer, mas com a mãe com quem convivi intimamente nas décadas de 1980, 1990, aquela que virou conselheira e amiga. Estava feliz, realizada como advogada, com planos. Nas fotos da época, sempre aparece surpreendentemente sorrindo ou gargalhando. No sonho, me lembro de entrar no seu antigo apartamento, com os móveis da minha infância, com o cheiro de sempre, a luz de sempre. Me lembro de entrar, vê-la, abraçá-la e dizer: "Preciso tanto de você...".

Na pandemia, um dos programas que eu fazia com meus dois filhos, era visitar cemitérios. A 15 minutos a pé, visitávamos dois. Não foram ao enterro da vovó, mas conheceram seu túmulo. Corriam como se estivessem num parque. Examinavam outros túbulos, viam nomes, datas, fotos. Alfabetizavam-se lendo epitáfios. O cemitério do Araçá tem uma paz e um silêncio que eram bem-vindos naquela época.

Para Sebastião, o mais novo, a cruz era uma espada. Perguntou se um dia vai morrer, se Jorge, seu melhor amigo, também, e se eles podiam viver na casinha da vovó depois que morrerem, porque é "muito fofinha".

Mas o nosso favorito era o cemitério São Paulo. Estão lá o general Miguel Costa, comandante da Coluna Prestes, combatentes mortos na Revolução Constitucionalista de 1932 e os estudantes símbolos do movimento. No mausoléu, incríveis esculturas de soldados com rifles e baionetas. Esculturas de Victor Brecheret, que está enterrado lá, num túmulo modesto, com a foto dele e de sua mulher. Ossos e caixões (caveiras, uma obsessão infantil) não são retirados. Viram pó, nos explicou um coveiro. "Caveira é coisa de cinema. Tudo esfarela."

Em agosto passado, embarcamos nós três para Veneza, para a estreia do filme "Ainda Estou Aqui". A família toda nos encontrou em Veneza —minhas irmãs Veroca, Babiu e Nalu, os tios Avê e Daniel, os primos Chico e Juca, com seu marido Márcio, mais primos, amigos e agregados. Após cinco dias na Itália, fomos todos de volta a Paris, na casa da Nalu. Estava dada a largada para a fama internacional da saga de Eunice e da admiração de todos.

"Ainda Estou Aqui" estreou nos cinemas brasileiros exatamente no dia do nascimento dela, 7 de novembro, quando faria 95 anos. Virou um fenômeno. Fernanda Torres fez uma foto diante do túmulo dos Facciolla. Virou visitação pública — algo assustador, mas compreensível.

Em 1966, minha família se mudou para o Rio de Janeiro depois que meu pai voltou do exílio. A casa que alugara, aquela do filme, estava ainda em reforma e, como engenheiro, ele mesmo tocava a obra, que nunca acabava. Fiquei sozinho com meu pai no Hotel Glória, prédio enorme, clássico.

Não tinham começado as aulas. Eu passava o dia sozinho pelos corredores do hotel. À noite, dormia com meu pai, na grande cama de casal. Via seu barrigão branco respirar. Era muito confortável deixar a cabeça nela. Subia e descia. Era lisa, branca, quente. Me sentia honrado e protegido por estar sozinho com ele.

Depois do susto do que aconteceu dois anos antes, sem poder sair, com seus amigos, numa embaixada em Brasília, de perder o cargo de deputado federal e de mudarmos de cidade repentinamente, e de escola, como em fuga, eu estava em paz ali com ele. Estava tudo calmo.

No hotel, todos já me conheciam, cuidavam de mim, eu tinha direito a comer o que quisesse, passava horas na piscina. Certa tarde, entediado, vi um botão vermelho de emergência ao lado do elevador. A curiosidade foi mais forte. Apertei o botão, só para ouvir como era. Acontece que estourei o alarme do hotel e, por mais que eu apertasse de novo, ele não parava.

Corri em pânico de volta para o quarto e, ciente de que fizera algo muito errado, me escondi debaixo da cama. Vi pela fresta da porta um corre-corre de hóspedes e funcionários. Achei que, por algum motivo, estavam atrás de mim. Sabiam que era eu, aquele garoto, que tinha feito a molecagem. Conseguiram desligar o alarme, e a calmaria voltou. Acabei dormindo ali, debaixo da cama, sobre o grosso carpete.

Que alegria me deu quando, muito mais tarde, vi meu pai ajoelhado, me olhando, me oferecendo os braços para sair debaixo dali. Estava com a roupa de trabalho ainda. Nem perguntou nada. Caímos junto na cama. Eu o abracei. O calor de seu corpo, sentir sua respiração, sua mão nas minhas costas, me deu a segurança de um escudo. Nunca me senti tão protegido na vida. Quero muito que meus filhos sintam o que senti nesse dia. Quero que sintam isso todos os dias.

Registrei tudo isso num livro novo. Não consigo evitar. Explorar a dor e a saudade escrevendo é compulsivo. Conto do ex-boêmio do Baixo Augusta que virou pai aos 50. Da separação, quando os filhos eram bebês. Das lembranças de como fui educado para aprender a ser pai e, eventualmente, mãe. De como atravessar um isolamento social. De como, como a maioria dos artistas, sobreviver a um governo que considerava a cultura inimiga. O livro desse tempo, desse "novo normal", em que dizíamos "ninguém larga a mãe de ninguém", se chamará "O Novo Agora". Mas poderia se chamar "Ainda Estão Aqui". Porque os ancestrais estão conosco. Sempre estarão. ←

Eufrázio



Em busca do ouro

[RESUMO] Walter Salles, diretor de 'Ainda Estou Aqui' e de 'Central do Brasil', tem fama de discreto e simples, mas cresceu no conforto de uma das maiores fortunas do país, com berço em uma família que, entre jantares com os mais poderosos e famosos, o estimulou a trocar a carreira de piloto pela do cinema

Por **Leonardo Sanchez**
Repórter da Ilustrada

Ilustrações **Daniel Lannes**
Artista visual

Quando o nome "Central do Brasil" ecoou no saguão naquela cerimônia do Globo de Ouro de 1999, Walter Salles subiu ao palco com um largo sorriso e se fixou distante do microfone, deixando o caminho livre para Fernanda Montenegro agradecer pelo prêmio de melhor filme em língua estrangeira.

Agora que "Ainda Estou Aqui" segue rumo parecido, o cineasta de novo desvia dos holofotes, fazendo de Fernanda Torres o rosto da campanha do Oscar, por mais que as chances de vitória, hoje, sejam mais sólidas em filme internacional do que em atriz — há ainda uma surpreendente indicação na categoria de melhor filme, inédita para o Brasil.

O fato pode parecer irrelevante, mas demonstra um forte traço de sua personalidade. Discreto, reservado e sóbrio, ele nem parece um dos cineastas de maior prestígio e fama que o cinema brasileiro já produziu na história.

Seus filmes receberam sete indicações ao Oscar, além dos prêmios do Bafta, a maior láurea do cinema britânico, e nos festivais de Berlim, Cannes, Veneza, Sundance e San Sebastián atrelados ao seu nome, graças também a longas-metragens como "Diários de Motocicleta" e "Abril Despedaçado". Mas nem por isso o cineasta posa de celebridade.

Aos 68 anos, Walter recorre à discrição de um blazer e camiseta básica em muitas aparições públicas, não é presente nas redes sociais e passa pelos tapetes vermelhos em modo "low profile", contrariando as pavoneadas que correm nas veias de Hollywood, uma arena de personalidades agigantadas.

Talvez por berço, o glamour nunca o deslumbrou. Filho do diplomata Walther Moreira Salles, que foi embaixador nos Estados Unidos e responsável por negociar a dívida externa brasileira no segundo governo de Getúlio Vargas, o cineasta é um dos herdeiros do maior banco do país, o Itaú Unibanco, fruto de fusões que se iniciaram com a Casa Bancária Moreira Salles, há um século.

Mas não foi só a fortuna pessoal, avaliada em R$ 26,5 bilhões, que deu a Walter acesso às elites intelectuais e artísticas do mundo, gestando o cineasta que desfila no Oscar. Walther, o pai, era amigo de figuras importantes do século passado, como Assis Chateaubriand, Ary Barroso, Greta Garbo e os Rockefellers. Mais do que pelo tino comercial, era conhecido por jantares e festas, um de seus maiores ativos políticos.

A mãe, Elisa Moreira Salles, ou Elisinha, era descrita nos jornais como uma mulher renascentista. Era culta, elegante, politizada, um pouco como Eunice Paiva. Integrou uma comitiva que visitou a China às vésperas da Revolução Cultural de Mao Tse-Tung e relatou a ebulição social que havia testemunhado à revista O Cruzeiro. "Quanto vermelho! Quanto barulho", escreveu na ocasião.

Continua na pág. B5



Continuação da pág. B4

Em sua casa na Gávea, na zona sul do Rio de Janeiro, Elisinha promovia jantares concorridos. Esteve presente no lendário baile do preto e branco de Truman Capote, vestiu o mesmo Givenchy que Audrey Hepburn e Wallis Simpson num evento e aparece nos diários deixados por Andy Warhol, pai da arte pop e de festas tão faraônicas que fariam inveja aos coquetéis pós-Oscar.

"Existia uma grande liberdade para que cada um de nós definisse o seu destino. Nunca fomos tolhidos nos nossos percursos individuais", diz João Moreira Salles, irmão de Walter e cineasta.

"Jamais faltou estímulo. Fazem parte das minhas memórias de infância a grande biblioteca do meu pai e as visitas compulsórias a museus, na companhia da minha mãe. Na época, era o preço que a gente tinha que pagar para depois se divertir. Hoje, sei que muito daquilo ficou. Ela educou nosso olhar."

Quando jovem, o artista tinha um laboratório de fotografia no porão de casa. "O germe do cinema talvez estivesse ali", diz João. Ele lembra que, numa viagem, o irmão levou a câmera, reuniu os amigos e dirigiu um filme caseiro. A namorada da época era a protagonista, e João, um músico incompreendido.

"Todas as cenas eram improvisadas. Como as pessoas inventaram na hora o que dizer, aconteceu uma coisa interessante. As implicâncias da vida foram parar na cena. Uma delas acabava com uma amiga dizendo para outra, com quem havia brigado, 'sua putinha'. Ou seja, a encenação dizia a verdade. Quem sabe aquilo não ficou na cabeça dele."

Walter também tem como irmãos Pedro e Fernando Moreira Salles. O primeiro integra a presidência do conselho de administração do Itaú Unibanco. O segundo é, entre outras coisas, um dos sócios da Companhia das Letras.

O quarteto integra o conselho do IMS, o Instituto Moreira Salles, centro cultural com sedes no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Poços de Caldas, em Minas Gerais, e também tem uma fatia da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, líder mundial na comercialização de nióbio, um minério raro.

Investimentos no setor energético, em transporte e na Alpargatas, fabricante dos chinelos Havaianas, completam a variada cartela de investimentos da família. Com João, Walter compartilha também a produtora VideoFilmes.

Na outra ponta da árvore genealógica estão os dois filhos, Vicente, de 18 anos, e Helena, de 16 —enquanto o pai corria o mundo com "Ainda Estou Aqui", ela viralizava com uma câmera menor em mãos, fazendo vídeos de TikTok. Ambos são fruto do casamento de duas décadas com a artista plástica Maria Klabin, herdeira da família que é a maior exportadora de papel do país.

Procurada para falar do marido, Klabin recusou respeitosamente, explicando que eles tinham um acordo para não misturar a vida profissional e a pessoal.

Fortes bases familiares e financeiras ajudaram Walter, acredita João, a trilhar o incerto caminho do cinema nacional, tão dependente de dinheiro público —"Ainda Estou Aqui", ao contrário do que políticos de direita espalharam nas redes sociais, não usou a Lei Rouanet.

Diz ainda que o olhar social e humanista, termo repetido entre os que trabalharam com Walter, são consequências de "viver no Brasil e não ser alheio a quem somos e ao que nos cerca".

Essa sensibilidade aproximou Walter de Vinícius de Oliveira, o menino de "Central do Brasil" que hoje, aos 39 anos, rememora o encontro com o cineasta, enquanto engraxava sapatos no aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Oliveira ficava de olho em homens de terno e sapato social, mas Walter não era um deles. Decidiu abordar aquela figura de jeans e tênis, pediu um trocado e foi convidado para um lanche.

Continua na pág. B6



Os principais filmes de Walter Salles

- **'Terra Estrangeira', 1995 (Globoplay)** Um brasileiro precisa fugir após se envolver com contrabandistas em Portugal
- **'Central do Brasil', 1998 (Netflix)** Uma idosa e um menino órfão viajam pelo Brasil em busca do pai desaparecido
- **'Abril Despedaçado', 2001 (indisponível)** Um jovem sertanejo precisa escolher entre vingar a família ou buscar liberdade
- **'Diários de Motocicleta', 2004 (indisponível)** Che Guevara roda a América Latina na viagem que muda sua visão política e social
- **'Linha de Passe', 2008 (Claro TV+)** Quatro irmãos da periferia de São Paulo lutam para construir um futuro melhor
- **'Na Estrada', 2012 (Globoplay)** Dois jovens cruzam os Estados Unidos na jornada baseada no livro de Jack Kerouac
- **'Ainda Estou Aqui', 2024, (cinemas)** Eunice Paiva precisa cuidar dos filhos depois que o marido é morto por militares

Em busca do ouro

Continuação da pág. B5

Depois das mordidas que Vinícius de Oliveira e Walter Salles deram naqueles sanduíches no aeroporto, o cineasta o convidou para fazer um teste. No rastro de audições com cerca de 1.500 crianças em todo o país, ele havia enfim encontrado o protagonista de "Central do Brasil".

"Cinema para o Walter é falar do lugar em que ele vive, não só do lugar que a família dele ocupa, mas do Brasil como um todo", diz Oliveira, que voltou a trabalhar com o cineasta no filme "Linha de Passe", lançado no ano de 2008.

O ator, então com 12 anos, sem experiência e compartilhando o protagonismo com Fernanda Montenegro, lembra os três meses de filmagem envoltos em muito zelo e carinho. O diretor, que não tinha filhos àquela época, o chamava para ir ao cinema, jantar e dormir em sua casa após as gravações.

"Era uma relação muito íntima, amável, quase de pai e filho", diz Oliveira, ao se lembrar de quando era um menino vindo de uma realidade totalmente oposta àquela na qual Walter cresceu.

"Se você olhar para a história do cinema, ela está cheia de exemplos de pessoas de determinadas classes olhando para as de outras. Seria trágico se eu só falasse com os meus. Eu me interesso muito mais pelas pessoas que eu não conheço, pelos territórios a que não fui", disse o cineasta em entrevista à BBC britânica, há quase duas décadas, ao ser questionado sobre a presença constante da violência e da pobreza ao longo de toda a sua filmografia.

André Degenszajn, à frente do Instituto Ibirapitanga, organização filantrópica que o artista criou há oito anos para combater o racismo e democratizar o acesso à alimentação de qualidade, o vê como uma pessoa amigável, que cumprimenta todos os garçons quando entra num restaurante, anda a pé e pega táxi sem a companhia de seguranças ou assessores de sua equipe.

Na ala filantrópica, era importante "despessoalizar" o instituto, afastando a organização de sua carreira no audiovisual. "Ele não queria que fosse um espelho dos desejos dele, um altruísmo individual. Ele se faz presente em reuniões semanais, acompanha as doações, conhece quem trabalha no Ibirapitanga, mas você jamais vai ver uma biografia dizendo 'Walter Salles, cineasta e filantropo'", afirma Degenszajn.

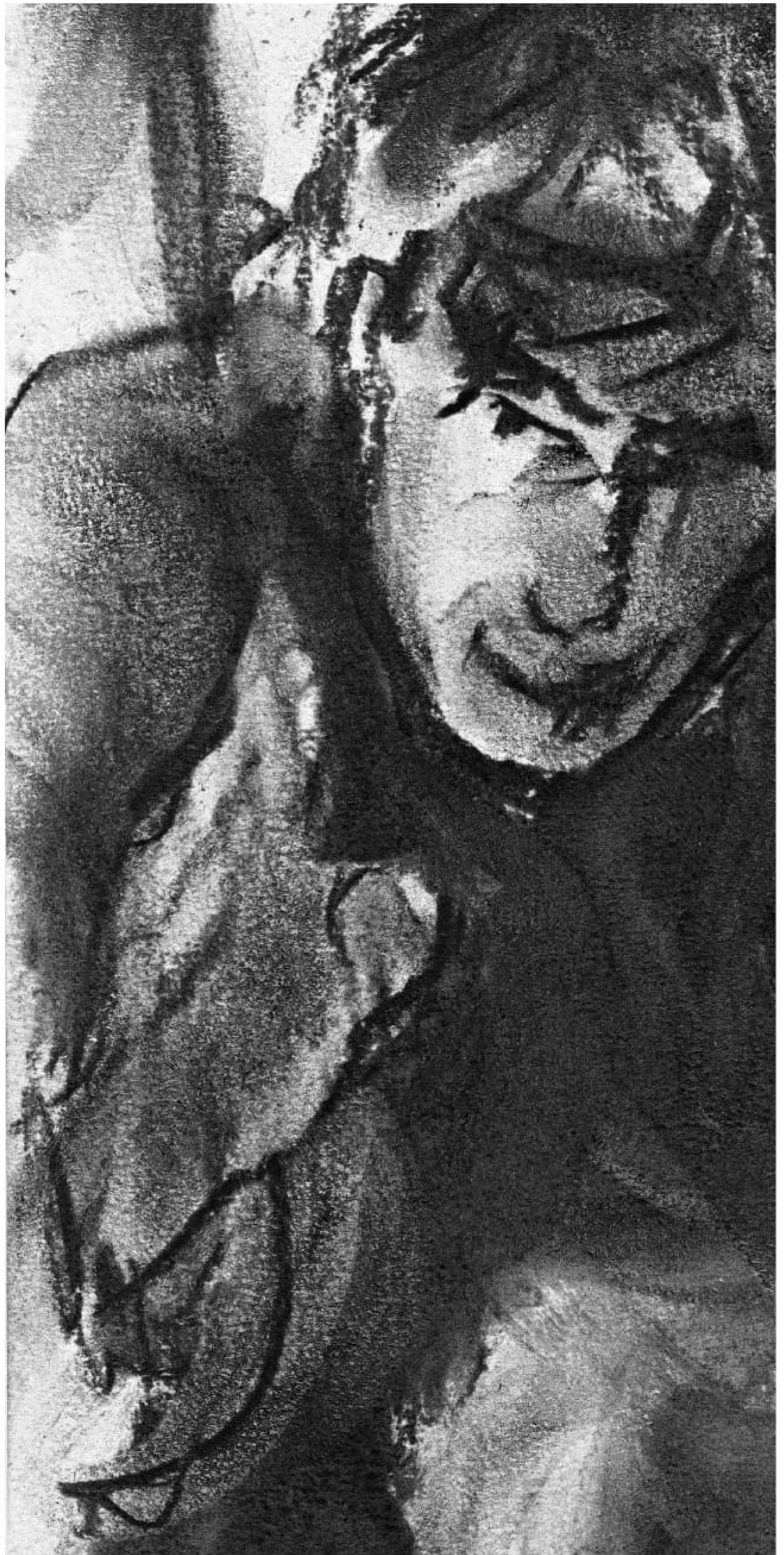
Murilo Hauser e Heitor Lorega, premiados no Festival de Veneza pelo roteiro de "Ainda Estou Aqui", corroboram com a ideia de que ele é muito presente em tudo o que se propõe a fazer. Centrado, chega às gravações com um plano muito claro, mas leva as opiniões dos outros para dentro de seus filmes. Fez questão, inclusive, que a dupla de escritores acompanhasse todo o processo, até a montagem, quando o normal é que os roteiristas se afastem da produção depois de entregar o texto.

Sua relação de amor com a música faz com que a trilha sonora seja pensada do primeiro ao último suspiro dos longas, e aquela com a escrita faz dele alguém com enorme respeito ao roteiro.

É ainda perfeccionista, característica que ronda seus filmes até quando já estão finalizados. Um exemplo aconteceu na última Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. "Ainda Estou Aqui" deveria ter inaugurado a edição, mas passou o convite por um mero detalhe técnico.

A reportagem apurou que o longa não foi o filme de abertura porque o sistema de som da Sala São Paulo, que abrigou o evento, não era apropriado.

Continua na pág. B7



Eufrázio



Continuação da pág. B6

Amiga de longa data e codiretora de "Terra Estrangeira", "O Primeiro Dia" e "Linha de Passe", seu braço direito em "Ainda Estou Aqui", Daniela Thomas compara o cinema de Walter Salles ao de Jia Zhang-ke e de Abbas Kiarostami.

Da mesma forma que o diretor chinês —que ganhou um documentário biográfico pelas lentes de Salles, "Jia Zhang-ke, Um Homem de Fenyang"— e o iraniano, o brasileiro é dono de um cinema introspectivo, detalhista e sóbrio. Thomas adiciona a essa fórmula o neorrealismo italiano, outra inspiração com suas denúncias do dia a dia do povo real.

"Ele é um cineasta humanista, no sentido mais profundo da palavra. Entende o poder do cinema, seu potencial para expressar toda uma identidade. Como o Zhang-ke e o Kiarostami, que transformaram nomes ideológicos e geopolíticos em indivíduos, Walter botou sua nação no mundo, divulgou uma identidade, não um país. Eles buscam a alma, a individualidade daquilo que retratam", diz a cineasta, encontrando ecos na expansão do drama familiar de "Ainda Estou Aqui" para aquele vivido por todo o Brasil durante e também após a ditadura militar.

De acordo com Rodrigo Santoro, dirigido por Walter em "Abril Despedaçado", filme que questionava o papel da violência ao acompanhar um rapaz impelido pelo pai a vingar a morte do irmão mais velho, o cineasta é capaz de atravessar o espectador ao buscar o que seus personagens sentem. "Waltinho é um poeta que mergulha na complexidade humana, com um olhar sempre muito sensível e respeitoso", afirma.

A segurança financeira, porém, não torna o processo criativo do cineasta exatamente tranquilo. Thomas diz acreditar que o fato de ele não ter de "botar a casa no prego ou depender de editais" para filmar é determinante, mas faz ressalvas. "Dito isso, das pessoas com quem trabalho, ele é das mais meticulosas, com vários estágios de dúvidas, sempre vivendo um tumulto interno."

Concentração é a chave para lidar com o sentimento e se aproxima de uma característica fundamental em qualquer bom piloto de automobilismo. Por mais fora do personagem que pareça, Walter quase seguiu carreira profissional na área, que o seduziu na década de 1970, graças às vitórias seguidas de Emerson Fittipaldi nas pistas.

O cineasta foi bicampeão de kart no Rio de Janeiro, mas parou de correr quando se matriculou no curso de cinema da Universidade do Sul da Califórnia, instituição que é referência em Los Angeles e já formou nomes célebres como Gregg Araki, John Carpenter e George Lucas, além de Ron Howard.

Voltou para as pistas nos anos 1990. Entre os intervalos das gravações do filme "Terra Estrangeira", em São Paulo, chegou a ser campeão paulista de kart em sua categoria e, novamente, aposentou o capacete. Nos anos 2000, disputou a GT3 Brasil ao lado de Ricardo Rosset.

Ao Globo Esporte, naquela época, comparou o hobby a uma relação amorosa, que reencontrava vez ou outra. "O cinema é minha verdadeira paixão. Não conseguiria viver sem o cinema, mas consigo viver sem o automobilismo, desde que eu possa sentar, no domingo pela manhã, ligar a televisão e ver uma corrida", afirmou ao programa.

Nos filmes, a história é outra. Com o prestígio de "Ainda Estou Aqui", a mais concreta chance do Brasil no Oscar em anos, Walter Salles ganhou mais combustível. Sem dar detalhes, vem dizendo que já tem um roteiro para gravar em seguida, mostrando que, ao menos no cinema, não vai desacelerar tão cedo. ←

A arte da graça contra o inferno

[RESUMO] Fernanda Torres, que faz história no Oscar com a sua indicação ao prêmio de melhor atriz, fez da arte sua obsessão, usou o humor para cortar o cordão umbilical artístico de sua mãe, Fernanda Montenegro, e apostou na cultura brasileira nos momentos de crise, como a ditadura, que ela subverte em 'Ainda Estou Aqui'

Por **Alessandra Monterastelli**
Repórter da Ilustrada

Ao contar uma história de resistência à ditadura militar, um filme brasileiro chegou à prestigiada e quase intangível corrida do Oscar. O ano era 1998, e não 2025. Fernanda Torres não parecia abalada com a possibilidade de derrota de "O Que É Isso, Companheiro?", na categoria de filme internacional, o que se concretizaria um mês depois em Los Angeles. Ela defendia que aquela indicação era, acima de tudo, uma importante vitrine para o cinema nacional.

"O Brasil ama se ver, mas faliu como indústria. Sem ter seu país produzindo cinema, sozinho você não é ninguém", dizia a atriz, no centro do Roda Viva, aos 33 anos. Sua satisfação era ver um filme brasileiro em cartaz em Nova York e sobreviver do que gostava. "Meu tio Paulo falou 'um dia quero te ver no Oscar'. Ele não tem ideia da ralação e a sorte que é. O Oscar não vai rolar nunca", disse, com seu bom humor costumeiro.

Agora, 26 anos depois, Torres está mais perto do que um brasileiro jamais esteve da cobiçada estatueta dourada. "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, concorre a melhor filme e a melhor filme internacional, e ela tem chances maiores do que sua mãe, Fernanda Montenegro, teve há 26 anos, quando concorreu na categoria de melhor atriz.

Mas certas coisas não mudam. Com carisma inabalável, Torres vem derramando seu senso de humor afiado nas numerosas entrevistas a americanos, enquanto reserva suas palavras exclusivamente à história de Eunice Paiva, sua personagem, e a explicações sobre a cultura brasileira. É como se estivesse determinada a usar o momento de estrelato para falar de algo que considera maior do que ela mesma.

Em eventos nos Estados Unidos, ela disse que os americanos apoiaram a ditadura militar no Brasil e que as novelas são um importante produto cultural porque deram aos brasileiros o gosto de se verem retratados nas telas.

"Ela é uma atleta olímpica que está se preparando a vida inteira para essa maratona de apresentar ao mundo uma vida possível para qualquer pessoa. Para mostrar que, se você se interessar por cultura, a vida presta", diz Daniela Thomas, diretora e amiga de Torres desde a infância —quando seu pai, Ziraldo, viajava junto de Fernando Torres e Fernanda Montenegro e suas crias.

Foi a mesa de jantar da família, numa casa da rua Frei Leandro, na Lagoa, zona sul carioca, que moldou o caráter de Torres, diz Thomas. Ali, o alimento das refeições era a discussão intelectual do dia, servida pelos pais atores.

"Fernando era mais engraçado e do abraço afetuoso, e Fernanda era bem mãezona, daquelas que dá as diretrizes. Era uma família de intelectuais meio circenses", conta Ana Couto, designer e amiga de infância de Torres. As duas estudaram juntas no Souza Lima, na época um colégio construtivista.

"Fernanda foi superdisciplinada", lembra Couto. "Quando íamos na casa dela e fazíamos bagunça, ela chorava, porque dizia que precisávamos fazer o dever de casa." Festinhas eram abandonadas por hobbies inusitados —aulas de macramê no sol, escultura e pintura.

Aos 13 anos, Torres entrou no Tablado, escola de teatro dedicada à improvisação e ao trabalho em grupo, por onde passaram nomes como Marieta Severo e Pedro Cardoso. A peça era "Um Tango Argentino", de Maria Clara Machado, e a menina vivia uma dançarina mais velha, que só entrava no final.

Seus pais já eram atores estimados e pediram à então professora da filha, Sura Berditchevsky, para assistir ao ensaio do balcão sobre a plateia, às escondidas. O que era para ser uma visita de incentivo se tornou um evento catártico quando Torres, vestida inteira de preto, entrou no palco. Era a cara da mãe e, apesar da semelhança, dominava a cena com agilidade própria e precoce.

Os pais foram às lágrimas. "Eles tinham receio de a impedir ou de a induzir à carreira artística", diz Berditchevsky. "Ali, aquele momento foi uma surpresa. Eles viram que não era a filha deles, mas uma pessoa que tinha possibilidade."

"O parto foi cesariana. Quando voltei a mim da anestesia, perguntei se era menino ou menina. Fernando respondeu que era menina, e que o nome dela seria Fernanda. Segundo ele, precisávamos de uma Fernanda verdadeira", escreveu Fernanda Montenegro, sobre o nascimento da filha, em suas memórias. A sugestão do pai era uma brincadeira com o fato de o nome de batismo da mulher ser Arlette, e não Fernanda, embora a intenção de sua homenagem estivesse toda nas entrelinhas.

Ainda que não se originasse dos pais, a expectativa de que deveria suceder a mãe pairou sobre Torres por anos. Ela chegou a dizer que se dedicou à escrita, em parte, para seguir caminho próprio. "Ela nunca achou que teria uma carreira dada. A vida artística era dominante, e o resto era entorno", diz Couto.

Daniela Thomas tem outra hipótese de como Torres cortou o cordão umbilical artístico da mãe. "Competir com a Fernanda Montenegro seria um disparate, então Fernanda Torres encontrou a saída no humor", diz a diretora.

Dessa forma, Torres internalizou dentro e fora das telas e dos palcos uma ironia própria da comédia sardônica carioca, que marcou a juventude de uma geração que encontrou no humor uma sobrevivência à repressão da ditadura militar.

Continua na pág. B9





Continuação da pág. B8

Sua formação no teatro, afinal, acompanhou os piores anos do regime. Sura Berditchevsky, quando ainda dava aulas a Fernanda Torres, foi levada pelos militares a depor depois de uma peça ser censurada meia hora antes da sessão de estreia. O pai da atriz a escoltou até a delegacia, para garantir sua soltura.

A convivência diária com companheiros de elenco dos pais incluía nomes como Domingos Oliveira, João Ubaldo Ribeiro e Luis Carlos Miele. No início dos anos 1980, o ator Cláudio Marzo dava carona a Torres quando parou em frente à casa de Walter Lima Júnior para dar um alô. O diretor estava em busca de sua Inocência para o filme que adaptaria o romance do Visconde de Taunay.

"Vi um olho grande, olhando para a minha cara. Era ela", lembra Lima Júnior, sobre o momento em que encarou a adolescente de 17 anos pela janela do carro. "Inocência", de 1983, seria o primeiro filme de Torres. Na trama, ela encarnava a menina doente que se apaixonava por seu médico —vivido por Edson Celulari— no Brasil imperial.

Foi nessa época que ela conheceu e se casou com o jornalista e apresentador Pedro Bial. "Estávamos juntos quando Michael Jackson lançou 'Thriller'. Foi ela quem me explicou o que aquilo tudo representava. Com Nanda, reaprendi a brincar", lembra o jornalista, que a acompanhou quando ela interpretava Cordélia numa montagem de "Rei Lear".

Depois das cenas iniciais, Torres tinha um intervalo de duas horas para voltar no último ato, morta. Era o tempo de o casal ir ao fliperama ou encontrar outros amigos. "Várias vezes, a defunta Cordélia se sacudia de rir no palco. Ela tem humor finíssimo, cruel de tão afiado. Em seus livros, ela apresenta essa que parece ser a melhor chave para entender e sobreviver ao Brasil, a tragicomédia", diz Bial, sobre o assunto.

Há quatro décadas, em 1985, faria a comédia "A Marvada Carne", de André Klotzel, e no ano seguinte o drama "Eu Sei que Vou te Amar", de Arnaldo Jabor, com o qual se tornou a primeira artista brasileira a vencer o prêmio de melhor atriz no Festival de Cannes, na França. Mas ela não recebeu o troféu pessoalmente, porque estava gravando a novela "Selva de Pedra" naquele momento.

"Com 15 anos você quer fazer uma novela das oito. Trabalha oito horas por dia, oito meses, dizendo só 'Cris, Cris, eu te amo'. Aí você descobre que há mais coisas a se viver. No cinema se trabalham ideias, não só as vaidades do ator", dizia Torres, aos 27 anos, em sua primeira participação no Roda Viva, enquanto fumava um cigarro. Os telespectadores a acusavam, em recados enviados ao programa, de ser "porra louca" por falar palavrões e pediam que a atriz depilasse as suas axilas.

"Mandaram não depilar para a peça. Sou limpinha, tomo banho todo dia e lavo minha calcinha. É tão violento uma mulherzinha com o braço raspado", ela respondeu, entre risadas. A peça em questão era "The Flash and Crash Days", de Gerald Thomas, em que ela e sua mãe discutiam, se masturbavam e tentavam se matar no palco.

O espetáculo "The Flash and Crash Days" gerou polêmica pouco tempo depois de Torres ter dado vida ao personagem Orlando do clássico homônimo de Virginia Woolf, na adaptação de Bia Lessa, em que beijava outras mulheres e se apresentava para os aplausos nua.

"Éramos pessoas com desejos artísticos semelhantes, querendo arriscar com trabalhos que não fossem só comerciais", diz Lessa, sobre a parceria com Torres no final da década de 1980.

Continua na pág. B10



A arte da graça contra o inferno

Continuação da pág. B9

"O agradecimento é o ápice do espetáculo, e Orlando apareceu como veio ao mundo, com o peito completamente aberto, sem proteção, que no fundo é um pouco mais a síntese do que é o teatro."

O cinema vivia um momento desanimador depois do fechamento da Embrafilme, estatal que foi a principal produtora e distribuidora de longas nacionais, e Fernanda Torres se queixava de que os filmes que fazia não eram finalizados por falta de investimento. Desiludida com a TV, passou a trabalhar ainda mais no teatro. "Contrato longo me angustia, parece que sou paga para ficar parada na vida", dizia, na época.

"Nanda gosta de ação. Na televisão, eles deixavam ela no camarim aguardando horas e horas. Essa era a maior aflição dela. Ela não aguenta ficar parada", diz Gerald Thomas, que foi casado com Torres por cinco anos. Numa ocasião, quando ela foi visitar o dramaturgo na Áustria e ele não a pôde encontrar no dia de seu aniversário, "ela alugou um carro e saiu pelas ruas tortuosas da Áustria", ele conta. "Fiquei morrendo de medo de alguma coisa acontecer. Ela não aguenta ficar parada."

Além de peças conceituais e reflexivas, Torres também se interessava pelo humor escrachado e satírico do grupo de teatro Asdrúbal Trouxe o Trombone, fundado por Regina Casé e Hamilton Vaz Pereira. "Ela era engraçadíssima. Não brigávamos porque tudo acabava em gargalhada. Mas todo palhaço é triste. Ser rejeitada era um enorme problema", diz o dramaturgo. "Quando ela via que outra atriz tinha pego o papel de um filme que ela queria fazer, acabava o dia, a semana, o mês todo."

Em entrevista a Bruna Lombardi, nos anos 1990, Torres admitia a dificuldade em lidar com frustrações. "A luta entre a mente sã e o buraco é uma constante na minha vida", afirmou, sorrindo. Assim como a mãe, ela é avessa a chorar fora de cena, uma constatação que as duas fizeram juntas a Jô Soares.

A solução para a melancolia parece ter sido não se levar tão a sério. Em 1996, durante a montagem do espetáculo "Cinco Vezes Comédia", na falta de uma atriz para compor o elenco, Debora Bloch insistiu para que Luiz Fernando Guimarães chamasse Torres.

O convite para "Os Normais" veio pouco depois. Apesar das reticências em trabalhar na televisão, a série escrita por Fernanda Young e Alexandre Machado, sobre um casal que vivia entre tapas e beijos, permitia aos atores uma liberdade criativa não comum nas novelas, com possibilidade de improvisação e alteração do texto.

O sucesso foi absoluto. "As pessoas se identificaram. Rui simbolizava os homens, e Vani, as mulheres", diz Guimarães. "Com humor, você alcança o mundo, porque pode falar de tudo. O comediante, quando fica em silêncio, é melancólico, porque é preciso ter profundidade naquilo que ele faz e, para isso, precisa ter as dores do ser humano."

Na toada de fazer humor com situações cotidianas e tipicamente brasileiras veio "Tapas e Beijos", em que Torres deu vida a Fátima, uma vendedora de vestidos de noiva que trabalha e mora com a melhor amiga, Sueli, vivida por Andrea Beltrão. As duas enfrentavam juntas o estresse da labuta, viviam sem dinheiro e se envolviam com cafajestes.

Nas gravações de "Tapas e Beijos", Torres se entregava por completo à impulsividade de Fátima, depois de passar horas estudando dentro do carro, no caminho até os estúdios da TV Globo, que durava mais de uma hora. Nas brigas com seu par romântico, Armane, vivido por Vladimir Brichta, voavam copos e garrafas, e ele levava vários tapas na cara. "Ela sempre dizia, com aquele autodeboche e autodepreciação magistrais, 'nunca mais vou fazer um personagem sério na minha vida, não vão mais me levar a sério, acabou para mim'", lembra Brichta.

A série terminou há dez anos, mas as cenas de Fátima e Sueli são memes até hoje. "Os personagens eram falhos e havia um olhar crítico sobre eles. Você ria para expurgar suas falhas e repelir a desonestidade em si mesmo", diz o ator.

Continua na pág. B11



Continuação da pág. B10

A facilidade de dominar trejeitos e manias, para Clara Kutner, diretora da série, tem relação com a capacidade de Fernanda Torres de observar as pessoas ao seu redor, característica inerente aos escritores. Em 2013, a atriz publicou "Fim", livro que deu origem a uma minissérie homônima, em que destrincha os últimos anos da vida de um grupo de homens de classe média e machistas.

Não por acaso, quando Walter Salles a chamou para "Ainda Estou Aqui", ela pensou que era para escrever o roteiro. Os dois já tinham trabalhado juntos três décadas antes, em "Terra Estrangeira", quando ela descobriu seu ímpeto pela escrita ao reformular alguns diálogos do filme. Mas a ideia de Salles era que Torres desse vida à sua protagonista, Eunice Paiva, que assume a tarefa de criar cinco filhos após o sequestro de seu marido pelos militares.

Quando gravavam uma das cenas do filme na praia, um homem que passava de carro gritou "te amo, eterna Vani!" para Torres. Era quase uma década que ela não fazia um grande papel dramático, e o desafio estava posto à mesa.

"Amor, estava esperando uma hora tranquila para falar com você. Hoje é seu primeiro dia em Los Angeles, rumo ao Oscar", diz Regina Casé, num áudio enviado a Torres, no início da campanha de "Ainda Estou Aqui" nos Estados Unidos. "Com seu trabalho nesse filme, imagino que você tenha ido a lugares que nunca foi, conhecido emoções que apenas supunha que tinha, sem nunca ter experimentado. Tudo isso é visível."

Apesar da tragédia, Eunice é austera, e sua dor está nas ausências —de lágrimas e palavras. "Eunice está próxima de Antígona e se dá através da linguagem da tragédia grega. Não é o personagem que vive a catarse, mas o público", diz Amanda Gabriel, preparadora de elenco de "Ainda Estou Aqui". "É bonito ver uma atriz madura se reinventando para uma personagem que a desafiava na voz, na postura e na forma de reagir."

Depois de três meses separados, Andrucha Waddington, diretor com quem Torres é casada há 27 anos, está acompanhando a atriz pelas andanças intermináveis pela Europa e pelos Estados Unidos. "Ela tem se colocado nesta jornada com os pés no chão, procurando honrar Eunice Paiva", diz ele. Nos raros momentos em que fala de si mesma em entrevistas para o longa, Torres comemora a idade e se diz aliviada de ter alcançado tanto sucesso aos 59 anos, porque está segura na própria pele.

Caros à juventude, a ansiedade e o medo do futuro ficaram para trás, e ela parece obstinada em atuar como porta-voz de um momento histórico. "O Brasil é uma ilha continental. O Brasil tem esse complexo de vira-lata e, ao mesmo tempo, tem pena do mundo não saber do que a gente sabe", disse, sobre a exaltação coletiva diante do reconhecimento estrangeiro do filme.

"Otávio, agora eu sou uma atriz séria", respondeu Torres por áudio ao ator Otávio Muller, quando ele a parabenizou pela indicação ao Oscar. "Ela está sempre sacaneando", afirma ele.

Afinal, nada deve ser levado tão a sério, e a cerimônia mais importante do cinema, por coincidência, será no Carnaval, que promete o desfile de várias Fernandas Torres pelo Brasil afora. ←



Principais papéis de Fernanda Torres no cinema

- 'Inocência', 1983 (Globoplay)
- 'A Marvada Carne', 1985 (Claro TV+)
- 'Eu Sei que Vou te Amar', 1986 (Claro TV+)
- 'Com Licença, Eu Vou à Luta', 1986 (indisponível)
- 'Fogo e Paixão', 1989 (indisponível)
- 'Beijo 2348/72', 1990 (À La Carte)
- 'Capitalismo Selvagem', 1993 (indisponível)
- 'Terra Estrangeira', 1996 (Netflix e Globoplay)
- 'O Que É Isso, Companheiro?', 1997 (Mubi)
- 'O Primeiro Dia', 1998 (indisponível)
- 'Gêmeas', 1999 (Claro TV+)
- 'Os Normais', 2003 (Claro TV+)
- 'Casa de Areia', 2005 (indisponível)
- 'Saneamento Básico', 2007 (Globoplay)
- 'Jogo de Cena', 2007 (Netflix)
- 'Os Normais 2: A Noite Mais Maluca de Todas', 2009 (indisponível)
- 'Ainda Estou Aqui', 2024 (cinemas)

Eufrázio

Um beijo brasileiro no Oscar

[RESUMO] Quarenta anos antes de "Ainda Estou Aqui", "O Beijo da Mulher Aranha", coprodução de Brasil e Estados Unidos filmada em São Paulo, também concorreu ao Oscar de melhor filme, façanha muitas vezes menosprezada na lista de conquistas de nosso cinema pelo fato de ser falado em inglês. Reportagem relembra a produção e o sucesso do filme a partir de lembranças de seu produtor-executivo e da atriz Sonia Braga

Por **Pedro Strazza**
Jornalista especializado em cinema

"O Beijo da Mulher Aranha" é um filme brasileiro? A questão voltou à tona em meio ao entusiasmo coletivo pelas três indicações de "Ainda Estou Aqui" ao Oscar. Quatro décadas antes, o longa do argentino Héctor Babenco, falado em inglês e com protagonistas estrangeiros, também foi indicado a melhor filme. Mas seria uma conquista do cinema nacional?

Esse estranhamento não é inédito. Em 24 de março de 1986, uma segunda, mesma data do Oscar daquele ano, o então presidente José Sarney assinou um decreto que estabelecia o que é filme brasileiro. Entre os critérios estavam ser produzido por empresa cuja maioria do capital e controle pertencessem a brasileiros; ser falado em português, admitindo-se outro idioma quando necessário ao argumento; ser dirigido por brasileiro ou por estrangeiro residente no país há mais de três anos; e apresentar em sua equipe técnica e artística dois terços de brasileiros.

No dia seguinte, na ressaca da premiação, Babenco disse à **Folha** que checou as novas exigências e confirmou, com orgulho, que a sua obra era nacional.

"A imprensa brasileira fala que eu sou argentino radicado, os argentinos dizem que eu sou brasileiro; vou acabar me mudando para Uruguaiana", declarou, citando a cidade no Rio Grande do Sul, na fronteira com a Argentina.

A confusão com a identidade nacional vem do fato de "O Beijo" ter estrangeiros demais na vitrine, como ilustram suas quatro indicações ao Oscar. Babenco, finalista a melhor diretor, era um argentino naturalizado brasileiro. William Hurt, vencedor do Oscar de ator pelo longa, era americano, assim como o produtor David Weisman (indicado a melhor filme) e o roteirista Leonard Schrader (que concorreu a melhor roteiro).

Para complicar ainda mais, a obra adapta um romance do argentino Manuel Puig e não tem um único diálogo em português entre os protagonistas. Do elenco brasileiro, Sonia Braga tinha o maior destaque, mas também atuou em inglês.

No filme, dois prisioneiros —Valentin Arregui (interpretado por Raul Julia), preso devido a suas atividades políticas, e Luis Molina (William Hurt), gay acusado de "corromper um menor de idade"— passam o tempo contando histórias um ao outro, mas só falam em inglês, o que é estranho, considerando que a história se passa no Brasil.

A produção, todavia, é brasileira. Foi toda filmada no país, nos antigos estúdios da Vera Cruz, em São Paulo, e algumas cenas em Paraty, no Rio, entre outubro de 1983 e março de 1984. Os principais nomes da equipe técnica eram brasileiros. E o orçamento veio quase todo daqui. Ao contrário da maioria dos filmes nacionais da época, "O Beijo" foi feito com investimentos privados.

"A produção é totalmente brasileira", afirma Francisco Ramalho Jr., produtor-executivo do filme. Cita o envolvimento de 11 investidores paulistas, que ajudaram a bancar a produção com pagamentos mensais, e do advogado Altamiro Boscoli, que coordenou a captação privada de US$ 1,5 milhão na época (US$ 4,42 milhões hoje, cerca de R$ 25 milhões). Dos Estados Unidos, o pouco dinheiro veio quase todo de dois nomes, Jane Holzer e Michael Maiello, creditados como produtores associados.

Entre os investidores brasileiros, Ramalho menciona o Hotel Maksoud, que hospedou Hurt e Julia durante as filmagens. Os dois atores aceitaram receber um pagamento mínimo, em troca de percentual de bilheteria, prática que só ficou comum na indústria anos depois.

"O Bill [Hurt] e o Raul [Julia] eram cotistas do filme, tanto quanto eu, o Héctor [Babenco] e os demais. Eles mal ganhavam um salário por dia, era tão minúsculo que não dava uma diária."

O longa só contou com o envolvimento da Embrafilme, estatal que cuidava da produção de cinema do país, no lançamento comercial no Brasil. Carlos Augusto Calil, presidente da empresa na época da estreia de "O Beijo", em março de 1986, afirma que a estatal apenas adiantou recursos ao filme para a sua distribuição, recuperando o investimento na cobrança de 25% da renda das bilheterias nacionais.

"Babenco era um diretor que tinha capacidade de arregimentar produtores privados no Brasil e no exterior", diz Calil. "Ele podia dispensar o financiamento da Embrafilme na coprodução, mas não podia abrir mão da estrutura e dos recursos da empresa na distribuição no mercado interno."

Hoje professor da USP, ele também afirma que "O Beijo da Mulher Aranha" é brasileiro. "Um filme é considerado nacional no Brasil, na França, Espanha, Argentina, Itália etc. se o produtor majoritário for uma empresa nacional. A HB Filmes [produtora fundada por Babenco] é uma empresa brasileira."

O financiamento privado rendeu discussões na época do Oscar. No dia da premiação, editorial da **Folha**, chamado O Brasil no Oscar, defendia que a trajetória internacional do filme de Babenco provava que o cinema do país precisava se desvincular do governo. "É uma prova eloquente da desnecessidade da subvenção do Estado —leia-se Embrafilme— para que o cinema nacional produza obras de qualidade e se consolide em definitivo, tanto no mercado interno como no exterior."

O editorial também defendeu a produção como brasileira, dizendo que o filme de Babenco respirava uma atmosfera reconhecível ao país. "A impressão dominante junto ao espectador, na verdade, é a de que está assistindo a uma fita nacional que foi, simplesmente, dublada para a língua inglesa." Na quarta-feira seguinte, 26 de março, a foto de William Hurt com o Oscar estampou a primeira página do jornal.

A publicidade da época deitou e rolou na participação do filme na premiação. "Quatro Oscars com teia de aranha", estampou a companhia aérea Vasp em um anúncio na Ilustrada no dia do evento.

Continua na pág. B13



Sonia Braga em cena do filme 'O Beijo da Mulher Aranha" (1985), indicado a quatro Oscars e vencedor da estatueta de melhor ator (William Hurt) HB Filmes/Divulgação

Continuação da pág. B12

“Oscar, você merece um beijo”, escreveu dois dias depois a loja de departamento Sandiz em outra peça no caderno, parabenizando a Academia por premiar um filme brasileiro pela primeira vez.

O anúncio dos finalistas do Oscar daquele ano ocorreu em 4 de fevereiro, mas as indicações de “O Beijo da Mulher Aranha” acabaram ofuscadas por um fato grave envolvendo cinema na mesma data: a censura ao filme “Eu Vos Saúdo, Maria”, de Jean-Luc Godard. Pressionado pela Igreja Católica, Sarney vetou a exibição do filme de Godard, considerado blasfêmia por transpor a história de Maria, mãe de Jesus, ao fim do século 20.

O assunto foi manchete da edição da **Folha** de 5 de fevereiro de 1986, além de tema de um editorial, de coluna do então diretor de Redação Otavio Frias Filho e de uma entrevista com o próprio Godard. As quatro indicações do filme de Babenco foram noticiadas em 6 de fevereiro, em texto que citava o filme como coprodução Brasil-Estados Unidos.

O filme que ninguém queria

Além da dupla central de atores, a outra contribuição estrangeira fundamental foi a campanha de divulgação. Pelas mãos dos publicistas Bruce Feldman e Harry Clein, o filme foi um dos primeiros casos bem-sucedidos de uma obra independente no Oscar.

“As campanhas do Oscar envolviam bem menos partes que hoje em dia”, escreveu Feldman em um artigo de opinião do The Hollywood Reporter, em 2016. “Não havia consultores de prêmios para nos guiar. Nós improvisamos e aprendemos no caminho.” O publicista citou como decisivo o sucesso de “O Beijo da Mulher Aranha” nos Estados Unidos, onde faturou US$ 17 milhões (em valores atuais, cerca de US$ 50 milhões, ou R$ 294 milhões). No Brasil, foram quase 1,8 milhão de espectadores.

Sete anos antes, quando Babenco começou a desenvolver o projeto, era difícil prever esse sucesso. O financiamento independente foi a solução porque ninguém na indústria tinha interesse em produzir o longa.

“Foi o filme em que mais ouvi ‘não’ na minha vida”, diz Francisco Ramalho. “Ele foi apresentado para tudo que era distribuidor e produtor. Todos odiavam a história. Se falava muito de uma cena do roteiro, que foi para o filme, em que o Molina limpa as fezes do amigo, que tem uma diarreia. Os estúdios achavam aquilo um absurdo, diziam: ‘Nunca vai passar, eliminem isso’.”

Antes disso, Babenco já havia sofrido para conseguir os direitos de adaptação do livro. O diretor passou o ano de 1981 negociando com Manuel Puig, o autor, que vivia no Rio de Janeiro e que desde o começo nutria antipatia por ele.

O escritor resistia à ideia de ver o livro adaptado por Babenco por considerá-lo um oportunista, incapaz de se relacionar com os temas gays da história. O acordo só aconteceu porque o produtor, David Weisman, conhecia o escritor e alinhou as partes.

> **“A produção é totalmente brasileira”, afirma Francisco Ramalho Jr., produtor-executivo do filme. Cita o envolvimento de 11 investidores paulistas, que ajudaram a bancar o longa com pagamentos mensais, e do advogado Altamiro Boscoli, que coordenou a captação privada de US$ 1,5 milhão na época (US$ 4,42 milhões hoje, cerca de R$ 25 milhões)**

Mas as tensões continuaram durante toda a produção. Na biografia “Manuel Puig and the Spider Woman”, a autora Suzanne Jill Levine afirma que o escritor criticou o roteiro em diversas ocasiões, não gostou do trabalho de Hurt como Molina e odiou o tom naturalista da adaptação. “Eu não gosto do filme e eu não gosto de você. Eu não sei porque você está me incomodando”, disse Puig em sua última conversa com Babenco.

Outra dor de cabeça foi encontrar o intérprete de Molina, o homem gay preso com o revolucionário Valentin. O veterano Burt Lancaster, então na faixa dos 70 anos, manifestou interesse pelo papel, mas ele teve um problema no coração e não se entusiasmou pelo roteiro final.

Babenco considerou então fazer o filme com Paulo José, até que William Hurt apareceu no radar. O ator ligou para o cineasta da Finlândia, onde filmava, e pediu para ler o roteiro.

“O Héctor e eu estávamos na casa dele em um domingo quando tocou o telefone, apitando uma ligação internacional”, lembra Ramalho. “Aí ele atendeu e começou a dizer: ‘No, no money, no money’. Aí ele cobriu a boca do telefone e me contou que tinha um cara que dizia que queria fazer o filme. Só que o Héctor achou que era o John Hurt, que a gente tinha visto no ‘O Portal do Paraíso’, e não o William Hurt.”

A escalação de Sonia Braga foi bem mais fácil. Acostumada desde cedo aos papéis principais, a atriz brasileira queria na época um trabalho menor.

Continua na pág. B14

teatro uol
MARÇO/25
Ingressos à venda

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS
UM MUSICAL CÔMICO-FANTÁSTICO
Estreia 05/03
Qua. e Qui., 20h
De R$50 a R$100*

O MARIDO DA MINHA MULHER
Estreia 07/03
Sex., Sáb. e Dom., 20h
De R$60 a R$150*

VINICIUS AGUIAR EM: DIGA QUE NÃO ME CONHECE
A PEÇA
Estreia 08/03
Sáb. e Dom., 18h
De R$40 a R$100*

O PRAZER É TODO NOSSO
UMA COMÉDIA SOBRE SEXO E LIBERDADE
Estreia 08/03
Sáb., 22h
De R$50 a R$120*

Carina Sacchelli
Eduardo Martini
Pra Você Lembrar de Mim
Estreia 11/03
Ter., 20h
De R$10 a R$20*

OS SALTIMBANCOS DE CHICO BUARQUE
Sáb. e Dom., 15h
De R$45 a R$90*

A PEQUENA SEREIA
Texto de Fábio Brandi Torres
Direção de Isser Korik
Sáb. e Dom., 16h30
De R$45 a R$90*

Shopping Pátio Higienópolis
Av. Higienópolis, 618 - Terraço
Televendas: 3823-2737

*Valor do ingresso variável de acordo com a sessão, meia-entrada e demais descontos. Consulte a bilheteria.
teatrouol.com.br

Alvará do corpo de bombeiros - Validade 22/08/2025; Alvará funcionamento local de reunião (AFLR) Processo 1020.2024/0004487 e Acessibilidade - Processo 1020.2023/0024165-9



Compre aqui
@teatrouol
/teatrouol

Realização: CONTEÚDO TEATRAL
Patrocínio: Germed, BANCO LUSO BRASILEIRO, BAIN & COMPANY, MetLife, FOLHA, uol



Sonia Braga e Raul Julia em cena do filme dirigido por Héctor Babenco HB Filmes/Divulgação

Um beijo brasileiro no Oscar

Continuação da pág. 13

"Quando terminei 'Gabriela' [de Bruno Barreto, lançado em 1983], tomei a decisão de não participar como protagonista no próximo filme", diz à **Folha**. "Eu queria uma participação pequena, nem que fosse um dia de filmagem. Assim, teria mais tempo com a equipe, que é uma das partes mais prazerosas de fazer cinema. Foi quando Babenco me convidou para participar do seu filme."

Sonia a princípio faria apenas uma cena, como a namorada de Valentin, mas sua participação cresceu nas filmagens, a ponto de viver três personagens —também foi a protagonista dos filmes contados por Molina ao companheiro de cela e a Mulher Aranha do título. Ela foi indicada a melhor atriz coadjuvante no Globo de Ouro de 1986 pelo trabalho.

"Como a participação da minha personagem tinha aumentado, concordamos que, por uma questão de lógica, a 'mulher' do filme dentro do filme deveria ter o rosto da namorada. A experiência foi fascinante, pois estávamos vivendo como as personagens de um outro filme. Vivíamos aqueles momentos como pura fantasia."

Aos trancos e barrancos

"O Beijo da Mulher Aranha" seguiu aos trancos e barrancos, com a produção se virando para solucionar incontáveis problemas. Ramalho cita como exemplo as cenas do filme de época que Molina reconta para Valentin. Enquanto no livro as histórias se baseiam em vários longas da Hollywood dos anos 1930 e 1940, a adaptação teve que criar uma trama do zero, pois não tinha os direitos dos títulos pensados por Puig.

Disso saiu um acordo com a Gaumont, produtora francesa que topou financiar essas filmagens em Paris. A parceria caiu dias antes de Babenco embarcar. Agora sem dinheiro para filmar fora do país, decidiu fazer essa parte da história em São Paulo. O arquiteto Felipe Crescenti ajudou a recriar a capital francesa no filme, e o resultado enganou até mesmo o então diretor artístico do Festival de Cannes, Gilles Jacob.

"Quando acabou a primeira sessão do filme em Cannes, ele veio falar com a gente e disse: 'Mas vocês passaram aqui, filmaram em Paris e não nos informaram!'", afirma Ramalho. "Nessa hora, o Héctor e eu olhamos um para o outro e só conseguimos responder que não quisemos perturbar." William Hurt foi eleito o melhor ator do festival francês, em maio de 1985.

Babenco ainda passou por momentos difíceis na vida pessoal durante o filme. Na pós-produção, ele se divorciou da galerista Raquel Arnaud e iniciou tratamento contra um câncer, que se arrastaria por muitos anos.

A despeito de tudo isso, segunda Myra Babenco, filha do diretor e hoje à frente da HB Filmes, ele sempre teve carinho especial pelo filme. O sucesso e o Oscar lhe abriram as portas em Hollywood, onde filmou "Ironweed" (1987).

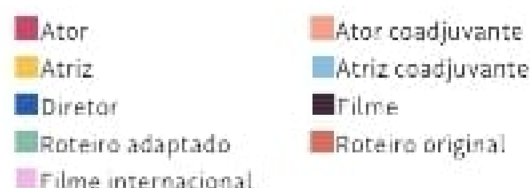
"Ele foi convidado a dirigir o Jack Nicholson e a Meryl Streep por um ano em Albany, foi a primeira vez que recebeu um salário para dirigir um filme", diz ela. Ambos os atores foram indicados ao Oscar em 1988 pelo trabalho. Babenco morreu em 2016, aos 70 anos.

Sonia Braga também vê "O Beijo da Mulher Aranha" como um momento decisivo de sua carreira fora do país. "Sempre que eu dava entrevistas, citavam 'Dona Flor e seus Dois Maridos', 'Eu Te Amo' e alguns filmes menos conhecidos, que na época chamavam a atenção dos críticos. Com 'O Beijo', eles estavam vendo uma outra versão minha como atriz."

Quarenta anos depois, "O Beijo da Mulher Aranha" vai voltar aos cinemas. Em janeiro, o Festival de Sundance exibiu nova adaptação, totalmente americana, do livro de Manuel Puig, dessa vez baseado no musical da Broadway. Jennifer Lopez interpreta os papéis de Sonia Braga no original e também é uma das produtoras da refilmagem. ←

Veja quantos prêmios no Oscar cada país venceu desde 1927

Quantidade de prêmios incluindo coproduções





Obs: Coproduções; Estatuetas ficaram com outros países.
Fonte: Análise Deltafolha com dados do TMDB

Países ricos no Oscar vencem nas categorias mais cobiçadas

DELTAFOLHA

Vitor Antonio e Matheus Rocha

SÃO PAULO O ranking de países com mais vitórias no Oscar confirmou aquilo que muita gente já pensava. Nações da América do Norte e da Europa foram melhor representadas nas principais categorias da premiação do que qualquer outra região do mundo. Por óbvio, os Estados Unidos, berço do Oscar, são o maior campeão, com 541 vitórias. Em seguida, aparecem Reino Unido, com 132, França, com 57, Itália, com 31, e Alemanha, com 18 troféus.

A análise levou em conta as nove categorias mais prestigiadas —melhor filme, filme internacional, diretor, ator e atriz, além dos coadjuvantes, roteiro original e adaptado. O levantamento inclui dados das 97 edições do Oscar, realizado desde 1929.

Os países que mais receberam prêmios foram também os mais indicados. Ao longo de nove décadas, filmes e profissionais americanos acumularam 2.746 indicações. A título de comparação, a Coreia do Sul foi indicada apenas oito vezes nesse período. O país asiático realizou um feito histórico em 2020, quando "Parasita" venceu em quatro categorias, incluindo a de melhor filme. Foi a primeira vez que um longa de língua não inglesa saiu vencedor da categoria mais importante da noite.

A vitória é um dos resultados das políticas de incentivo à diversidade postas em prática desde 2016 pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, responsável pela premiação. Uma das medidas foi o aumento no número de votantes para incluir pessoas de fora dos Estados Unidos e da Europa. Especialistas consideram que a presença de "Ainda Estou Aqui" entre os indicados a melhor filme é uma consequência desse processo.

Com oito vitórias e 36 indicações, o país latino-americano mais bem colocado no ranking é o México, considerado um importante polo cinematográfico. Na análise por continentes, as regiões com o menor número de países vitoriosos são África e América Central, ambas empatadas com quatro vitórias. Por sua vez, a América do Sul venceu cinco vezes.

O primeiro país sul-americano a ter um Oscar foi a Argentina, em 1986, quando o longa "A História Oficial" venceu o prêmio de melhor filme internacional. A exemplo de "Ainda Estou Aqui", essa obra mostra uma família que se desestruturou em razão da ditadura militar. O Brasil nunca levou a estatueta, apesar de ter coproduzido três filmes que venceram o Oscar.

É o caso de "Orfeu Negro", de 1959, que ganhou na categoria de melhor filme internacional representando a França. Já "O Beijo da Mulher Aranha", de 1985, venceu em melhor ator, enquanto "Me Chame pelo seu Nome", de 2017, faturou melhor roteiro adaptado. No recorte por filme internacional, as primeiras posições são dominadas por países europeus. França lidera, com 35, seguida por Itália, com 18, Alemanha, com 11, Reino Unido, com sete, e Espanha, também com sete troféus. ←

QUADRÃO | Angeli



DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, Angeli Laerte Leandro Assis e Triscila Oliveira

SUDOKU texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

			3				6	
9	3			5				
		8	1			5	3	
	9		8					3
		1		4		8		
7					3		2	
	1	6			9	7		
				6			9	2
	7				2			

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

1	4	5	3	2	8	9	6	7
9	3	7	6	5	4	2	8	1
6	2	8	1	9	7	5	3	4
5	9	2	8	7	6	1	4	3
3	6	1	2	4	5	8	7	9
7	8	4	9	1	3	6	2	5
2	1	6	4	3	9	7	5	8
8	5	3	7	6	1	4	9	2
4	7	9	5	8	2	3	1	6

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Cerca **2.** Adivinho **3.** A mãe de um asno / Precede o ípsilon **4.** (Náut.) Vela de forma triangular / Comissão Técnica **5.** Esconder ou conservar escondido **6.** Organizar informações em um quadro **7.** Um tipo de persiana **8.** A Sésamo foi uma série de TV, com personagens como Garibaldo e Caco / (Plata) A cidade argentina capital da província de Buenos Aires **9.** Um sufixo químico / A palavra que precede o progresso, na nossa bandeira **10.** (Mús.) O A dos músicos / Uma capital da Oceania **11.** Diz-se de vinho suave e levemente doce, de baixo teor alcoólico **12.** Pedra grande / Justiça Eleitoral **13.** Membro da Academia Brasileira de Letras.

VERTICAIS

1. Um tipo de computador pessoal / O conjunto de tecidos aplicado ao mastro de certos barcos para movimentá-lo **2.** Líquido fundamental à vida / Mexido, revolto **3.** Cidade catarinense do litoral do estado / O Babá das histórias de "Mil e Uma Noites" **4.** Prolongamento oco de cada átrio do coração / Que assim seja! **5.** Pequeno grão / Que tem a forma do principal ingrediente da omelete **6.** Edward Elgar (1857-1934), compositor clássico inglês / O que se espraia ou se estende **7.** Mistura / Ângulo sólido de três faces **8.** Aquela que possui muitas coisas de valor / Aquele que não crê em Deus / Jorge Aragão, sambista carioca **9.** Exposição de mercadorias e produtos variados / Cortês, simpático.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								■	
2									
3						■			
4							■		
5		■							
6								■	
7	■								■
8					■				
9				■					
10			■						
11								■	
12							■		
13		■							

HORIZONTAIS: 1. Tapagem, **2.** Agoureiro, **3.** Burra, Xis, **4.** Latina, CT, **5.** Ocultar, **6.** Tabular, **7.** Gelosia, **8.** Vila, Teta, **9.** Eto, Ordem, **10.** Lá, Avarua, **11.** Adamado, **12.** Moledo, JE, **13.** Imortal.
VERTICAIS: 1. Tablet, Velame, **2.** Água, Agitado, **3.** Porto Belo, Ali, **4.** Aurícula, Amém, **5.** Grânulo, Ovado, **6.** EE, Alastrador, **7.** Mix, Triedro, **8.** Rica, Ateu, JA, **9.** Mostra, Amável.



Luiza Pannunzio

Vida de brincadeira e vida levada a sério

Não é no Carnaval que se abole a ordem, mas no resto do ano é que a impomos

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Se a cantora Rita Lee tinha razão —e, por princípio, ela tinha— quando disse que sexo é Carnaval, então a propriedade comutativa nos permite concluir que Carnaval é também sexo.

Talvez eu não saiba o que é a propriedade comutativa. Lembro-me de ter apanhado na escola por causa disso. Não me lembro, infelizmente, de ter aprendido. Mas me parece muito provável que, se "X" é igual a "Y", "Y" também seja igual a "X".

Toda esta conversa, curiosamente, tira a vontade de participar, quer em sexo, quer no Carnaval. Mas a nossa espécie parece concordar no seguinte: deve haver um período no ano em que a gente exagera e se comporta de forma insensata.

Isso ajuda a suportar o resto do tempo, em que devemos agir com ponderação. Parece haver um momento equivalente ao Carnaval em todos os tempos e lugares. É uma espécie de despedida de solteiro, antes de nos comprometermos com a quaresma.

Mas talvez as coisas não sejam como eu as descrevi. É possível que o Carnaval não seja uma interrupção extravagante na normalidade, mas sim o contrário.

É possível que o Carnaval não seja uma interrupção da normalidade, mas o contrário. O restante do ano é que é, na realidade, um exagero de contenção para nos preparar para o Carnaval

O resto do ano é que é um exagero de contenção para nos preparar para a normalidade do Carnaval. O Carnaval é selvagem —que é o que nós verdadeiramente somos.

Não é no Carnaval que a gente resolve abolir a ordem, no resto do ano é que nós resolvemos impor a ordem. A desordem é que é normal.

Às vezes, o jornalista da televisão diz: interrompemos esta transmissão para uma notícia de última hora. O Carnaval é uma operação parecida.

É um modo de dizer: interrompemos esta vida para um pouco de vida levada a sério. Todo o mundo está convencido de que o Carnaval é brincadeira. Não é. Carnaval é que é a vida levada a sério.

No resto do ano vivemos uma hilariante vida de brincadeira, com fingimentos engraçadíssimos. "Como está, senhor doutor? O tempo tem estado chuvoso, infelizmente. Sim, senhor, sim, senhor."

"Ah, a sua mãe tem estado adoentada? Por favor, conte-me mais sobre isso. Quando perguntei como estava não se tratava de uma pergunta retórica, tenho mesmo interesse em saber de que malária sofre a sua mãezinha. Gripe? Claro. Tem chovido, como creio que já referi. O que mais me apetece é prolongar esta conversa. Descreva-me pormenorizadamente as expectorações dela." Esse é o meu Carnaval.

DOM. Ricardo Araújo Pereira QUA. Bia Braune
QUI. Flávia Boggio SEX. Renato Terra SAB. José Simão

MULTITELA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com

Carnaval do Rio reformula regras e amplia o limite de tempo para Grupo Especial

Desfile das escolas de samba do Grupo Especial
TV Globo, Multishow e Globoplay com sinal aberto, oh, livre

Neste ano, o regulamento do desfile das escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro mudou e cada escola tem até 80 minutos para cruzar a Marquês de Sapucaí, dez minutos a mais que no ano passado. Isso acabou dividindo a programação em três noites de desfiles —domingo, segunda e terça. Alex Escobar, Mariana Gross, Karine Alves e Milton Cunha conduzem a transmissão.

O Leopardo
Netflix, 16 anos, a partir de quarta-feira

A série conta a história de Fabrizio Corbera, um príncipe siciliano que está a ponto de perder seus privilégios aristocratas com a unificação da Itália em 1860. O programa explora temas como o amor e o poder e é baseado no romance de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, que já foi adaptado para o cinema pelo mestre italiano Luchino Visconti em 1963 com Burt Lancaster e Alain Delon.

Larissa: O Outro Lado de Anitta
Netflix, 14 anos, a partir de quinta-feira

A série documental da plataforma mostra a jornada de autoconhecimento de Larissa, mas também de sua persona Anitta em ação durante eventos como o Carnaval, em premiações internacionais e em uma apresentação no festival Coachella, nos Estados Unidos.

Globo Repórter Celebridades
TV Globo, livre, na sexta-feira

A nova temporada faz uma espécie de "Arquivo Confidencial", contando a história de artistas e atletas por meio de pessoas que tiveram participação decisiva em suas vidas íntimas. O primeiro episódio é dedicado à atriz Fernanda Torres, que disputa o Oscar de melhor atriz neste domingo pelo filme "Ainda Estou Aqui", dirigido por Walter Salles.





O Reformatório Nickel
Prime Video, 16 anos

Indicado ao Oscar de melhor filme e de roteiro adaptado neste ano, o longa é baseado no romance homônimo escrito por Colson Whitehead, que ganhou seu segundo Prêmio Pulitzer de ficção em 2020 por este livro, depois de já ter recebido o prêmio por 'The Underground Railroad: Os Caminhos para a Liberdade', minissérie disponível no Prime Video. A produção conta a história de dois meninos negros que são enviados a um reformatório na Flórida, nos Estados Unidos, nos anos 1960, uma época de luta contra as leis de segregação racial no país. Os dois desenvolvem uma forte amizade enquanto enfrentam todo tipo de abuso no reformatório. O elenco é liderado por Ethan Herisse e Brandon Wilson, e a direção é de RaMell Ross

O Aprendiz
Prime Video, 16 anos, a partir de quinta-feira

O presidente americano Donald Trump começava a sua carreira no ramo imobiliário em Nova York nos anos 1970 quando conheceu o advogado Roy Cohn, que já era um articulador político. Foi Cohn quem o ensinou a manipular a mídia, atacar sempre e jamais admitir uma derrota. O filme disputa o Oscar de melhor ator e de melhor ator coadjuvante e conta com grandes atuações de Sebastian Stan e Jeremy Strong.

Priscilla
HBO, 16 anos, no sábado

Baseada nas memórias de Priscilla Presley, Sofia Coppola escreveu e dirigiu este filme que retrata o complicado romance entre ela e o cantor Elvis Presley. Cailee Spaeny e Jacob Elordi interpretam o casal na história, e o filme rendeu à atriz um prêmio no Festival de Veneza de dois anos atrás.

Amor e Batatas
Netflix, 12 anos

O dorama sul-coreano é estrelado por Lee Sun-bin, de "Uma Advogada Extraordinária". No programa, ela faz uma bióloga completamente mergulhada no universo das batatas. Enquanto ela tenta criar uma espécie, chega ao laboratório um diretor novo que a deixa atraída e totalmente desnorteada.

Cu Li Nunca Chora
Filmicca, 14 anos

Dirigido pelo vietnamita Pham Ngoc Lan, que foi premiado no Festival de Berlim em 2024, o filme conta a história de duas mulheres. Uma delas é uma jovem que se prepara para casar, enquanto a outra, sua tia, volta para casa no Vietnã depois de buscar as cinzas do marido na Alemanha, trazendo um lóris-pigmeu que herdou do morto.

MÚSICA

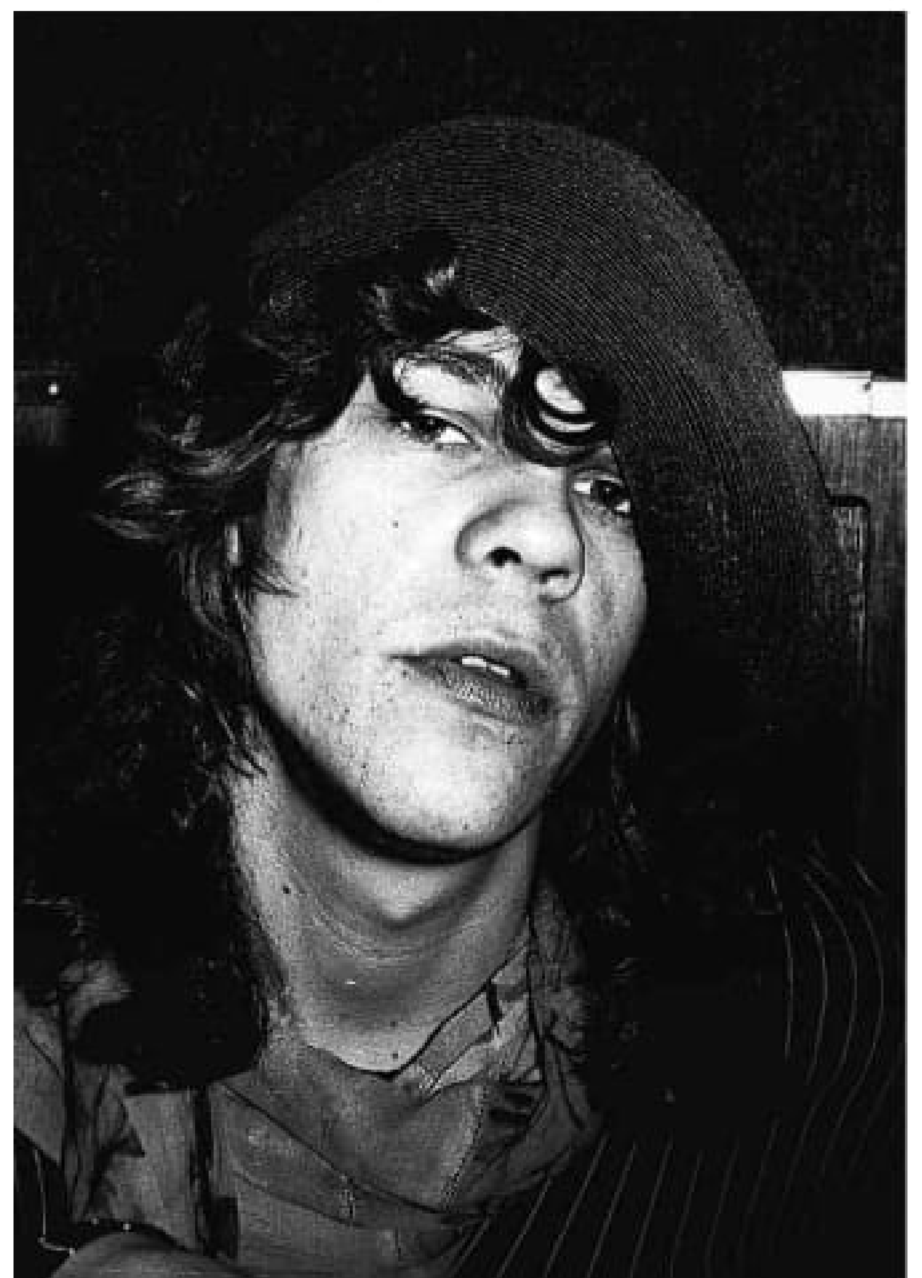
Morre David Johansen, o vocalista do New York Dolls, banda icônica do glam rock

SÃO PAULO David Johansen, vocalista da banda New York Dolls, ícone do glam rock, morreu na última sexta-feira, aos 75 anos. A filha do cantor confirmou a informação. Em 2020, ele havia recebido o diagnóstico de um câncer no cérebro.

Johansen era o único membro vivo da banda New York Dolls, que se notabilizou nos anos 1970 pela ousadia estética. Os integrantes frequentemente subvertiam padrões de gênero da época, com roupas consideradas femininas.

Apesar de não ter tido muito sucesso comercial, o grupo inspirou bandas como Ramones, Blondie e Sex Pistols. Antes de a formação original se desintegrar, em 1976, deixaram dois LPs clássicos — "New York Dolls", de 1973, e "Too Much Too Soon", de 1974, além de hits como a canção "Looking for a Kiss".

Depois do fim da banda, David Johansen seguiu carreira solo. No fim dos anos 1980 ele se reinventou e escolheu Buster Poindexter como seu novo nome artístico, apostando em um estilo musical que flertava com o jazz. Além da música, ele também teve atuações no cinema, em filmes como "Os Fantasmas Contra-Atacam", de 1988, e "Chamando Carro 54", lançado em 1994.



David Johansen em cena do documentário 'Personality Crisis: One Night Only' Anton Perich/Divulgação